REVISTA DA SEMANA



A COPA do mundo DE 1954

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

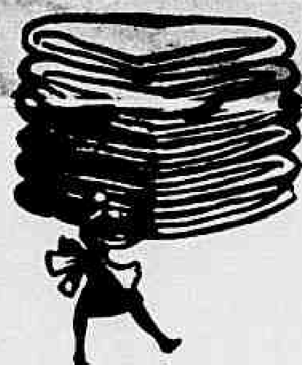
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇAO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.

EXCELENTE BAR

AMPLA VARANDA

SALÃO DE REFEIÇÕES

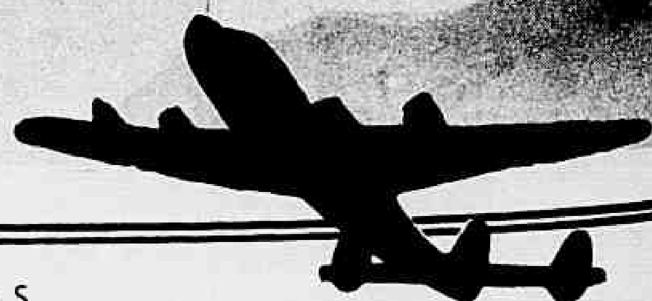




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 8 — 20-2-54

SUMÁRIO

Candidatas a rainha do carnaval de 54 ... 8/13
Êles caíram de moda ... 14/17
Teresa Austregésilo não perde uma ... 20/23
A copa do mundo em 1954 ... 30/31
Bienalidade, um têrmo que se impôs a S. Paulo ... 42/49
De um lado: Ademar. De outro lado: confusão ... 50/53
Amor ... 3
Por êsse mundo de Deus ... 4/ 6
O Brasil fora da barra ... 7
Com efes e erres ... 19
Um louco na chuva ... 26/27
A semana em revista ... 54/55
A semana política ... 56/57
Último flash ... 58

CAPA:
CLEÓPATRA
(Foto Camera Press)

● Redator-Chefe: Joel Silveira
● Assistente: Hélio Abreu
● Paginação: Victor Tapajós
● Desenhos: Alberto Lima
● Publicidade: J. M. Costa Júnior

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA.

● Diretor: Gratuliano Brito
● Assistente: Renato de Alencar

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8847 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses ... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ... Cr$ 280,00
Seis meses ... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ... Cr$ 400,00
Seis meses ... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

Amor

JOEL SILVEIRA

● Alfenas, 24 de abril de 1942

Querido Jorge:

Em 1º lugar peço desculpas pela mudança de tratamento. Mas assim é melhor. Querido: li a carta que você mandou para o José e fiquei um pouco contente em saber que você virá breve. Digo um pouco contente, porque você já me enganou tantas vêzes que agora custo a acreditar que você vem. Mas esperarei nem que seja a vida inteira. Eu tenho passado mal êsses dias, por isso não sei se lhe poderei escrever sempre. Também você já deve estar farto de tantas cartas chorosas. Eu vou fazer o possível para não lhe escrever mais cartas assim. Quero escrever coisas sérias. Vou mandar esta carta agora. Desculpe a caligrafia, está horrível.

Aceite beijos de quem lhe ama.

Lúcia

P.S. — A ingratidão é uma seta que fere cruelmente um coração que ama sinceramente».

—//—

● Alfenas, 22 de junho de 1942

Querido Jorge:

Esperei ouvir a sua voz pelo telefone, no domingo, mas não tive êsse prazer. Espero que você esteja bem de saúde e que nada de anormal tenha acontecido com você. Recebi a sua carta do dia 16, e me alegro por saber que você me quer, embora eu lhe traga complicações e transtornos. Quanto à minha decisão, é a mesma de sempre. Eu não me importo com a maneira de como vou viver aí. Só quero estar perto de você. Eu já lhe disse que nasci para viver a meu modo e quando me decido, ninguém me segura. Se você puder escrever-me um bilhetinho, dizendo como está, ficarei muito agradecida. Quando recebo uma carta sua fico até sem paciência de abrir o envelope. E quando lhe escrevo a minha mão treme muito e é por isso que a minha letra sai tôda desigual.

Estou ansiosa por um beijo seu. Quando penso em estar perto de você, sinto até um arrepio me percorrer o corpo. Se você puder vir me buscar, será ótimo para mim.

Aceite milhões de beijos da sua

Lúcia».

—//—

● Alfenas, 29 de julho de 1942

Jorge:

Eu não lhe pergunto mais quando é que você vem, porque não adianta. Eu tenho é que ficar calada, e esperar com paciência, não é?

Meu amor: eu estive muito doente, sem poder dormir, só pensando em você, e só hoje é que consegui voltar ao emprêgo. Mas mesmo assim não deixei de lhe escrever. Jorge, você deve estar colhendo impressões horríveis sôbre as minhas cartas. Estou até envergonhada de tê-las escrito. Eu estou aflita para você vir, para eu lhe dizer pessoalmente o que sinto. Não sei fazer cartas, e sei que você deve estar farto de declarações de amor, mas quando se trata de você eu não sei falar outra coisa senão de amor. Aliás hoje em dia é a Julieta que vai atrás do Romeu ajoelhar-se aos seus pés. Portanto você não tem nada que me criticar. Eu estou seguindo a moda. Ah! Jorge venha logo. Sei que vou ficar doente de novo, sei que vou morrer se você não chegar depressa.

Sua tão infeliz

Lúcia

P. S. — Beije aqui».



Por êsse Mundo de Deus



● DURANTE A FILMAGEM de «Acima do Sahara», êste rapaz africano, contratado para serviços, foi atacado e morto por um leopardo.



● ÁLBUM DE «ESTRÊLAS» — Bette Davis, a famosa atriz aos quinze anos, pouco antes de entrar para o colégio onde conheceu seu primeiro marido.



● O FILME «O [illegible] depois das doze» [illegible] Europa revela cenas da vida [illegible] Eva Braun durante um [illegible] da guerra. Esta cena [illegible] que falar. Seria o menino filho de Hitler? A irmã de Eva Braun afirma que não, que se trata apenas de um menino emprestado para dar mais movimento à fita.

● Em um baile a fantasia em Hollywood, Joan Crawford vestiu-se de negra maluca. Seu aparecimento causou surprêsa porque a atriz estava passando ùltimamente por uma série crise de melancolia.



instantâneos

JEAN Cocteau já prometeu mas nunca veio ao Rio de Janeiro. Disse êle: «Madri tem um clima sêco, muito puro, porque é uma cidade cheia de árvores e porque as árvores tornam salubres as cidades. São as árvores que faltam em Nova Iorque».

ESCREVE o «Noir et Blanc»: «Você sabia que há na França 1.115.268 pessoas de mais de 10 anos de idade que são completamente analfabetas? Quer dizer, que não sabem ler nem escrever... Uma coisa pelo menos nos consóla, é que não há entre essas pessoas nenhuma que esteja entre os nossos leitores».

O CARDEAL Spellman, durante um banquete recente em Nova Iorque, entornou todo um prato de sopa em sua batina. Depois de contristado silêncio de todos, foi o próprio cardeal que falou:

— Há por acaso aqui alguma pessoa capaz de dizer a palavra que eu como sacerdote não posso dizer?



● Êsse trio, inédito na história da música, foi formado há pouco tempo em Nova Iorque para a celebração inusitada de um acontecimento: o rompimento do ex-campeão mundial de box Jack Dempsey com a rica e madura viúva com que êle deveria casar-se. Os outros dois são Rocky Marciano e Joe Louis.

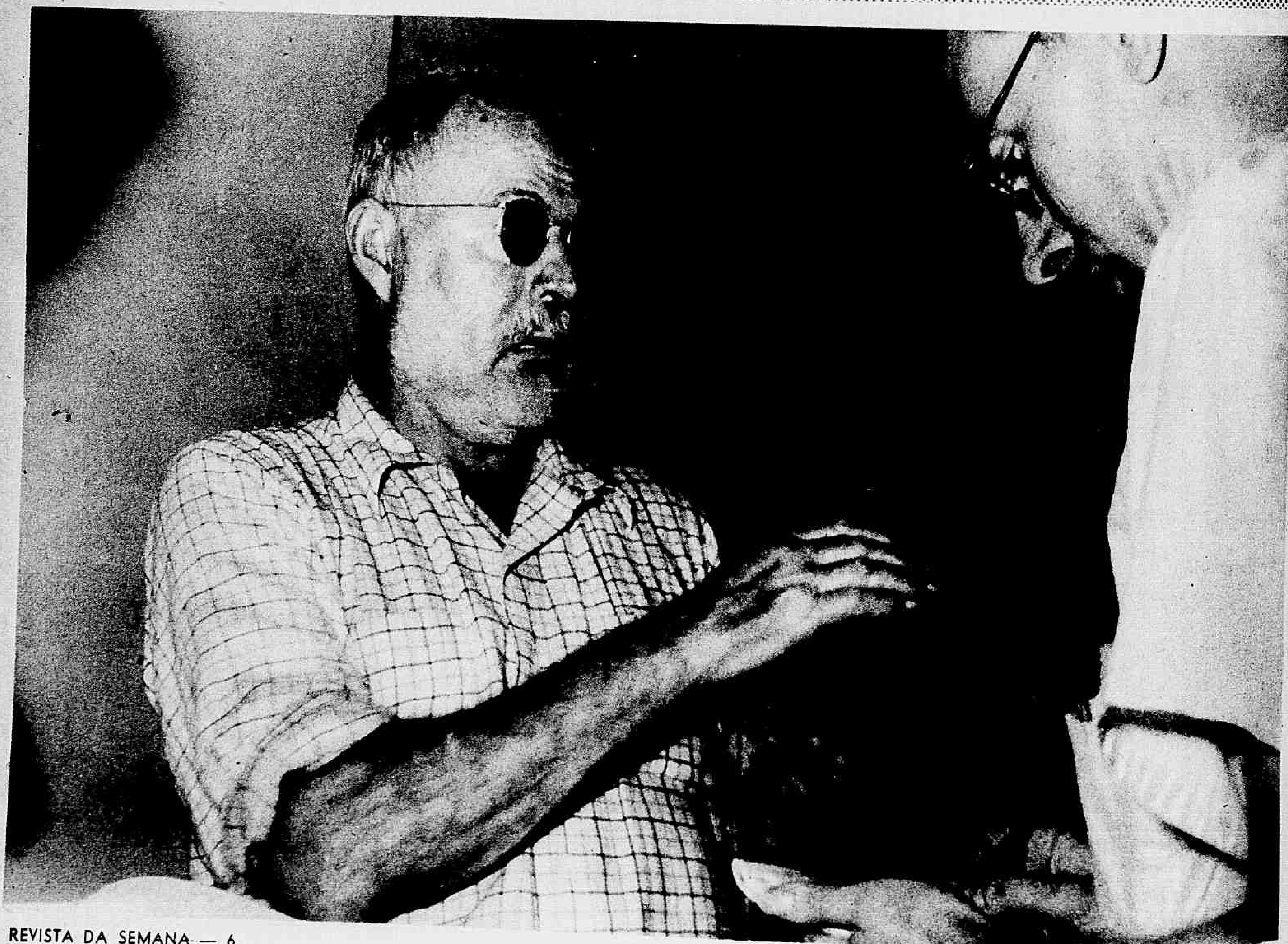




NUM DIA SÓ ERNEST HEMINGWAY MORREU E RESSUSCITOU DUAS VÊZES.

FAZ pouco, telegramas publicados pela imprensa davam a dolorosa notícia de que o famoso escritor Ernest Hemingway havia perecido num desastre de avião, no interior da África. Poucos dias depois novas notícias faziam respirar de desafôgo os leitores do escritor: Hemingway estava salvo. Nestas fotos podemos ver: êle e sua espôsa ao chegarem a Entebe; Mrs. Hemingway escrevendo em seu «diário»; por fim, o romancista descrevendo ao repórter os dois acidentes do avião.

O VELHO HOMEM E A MORTE





O BRASIL fora da barra

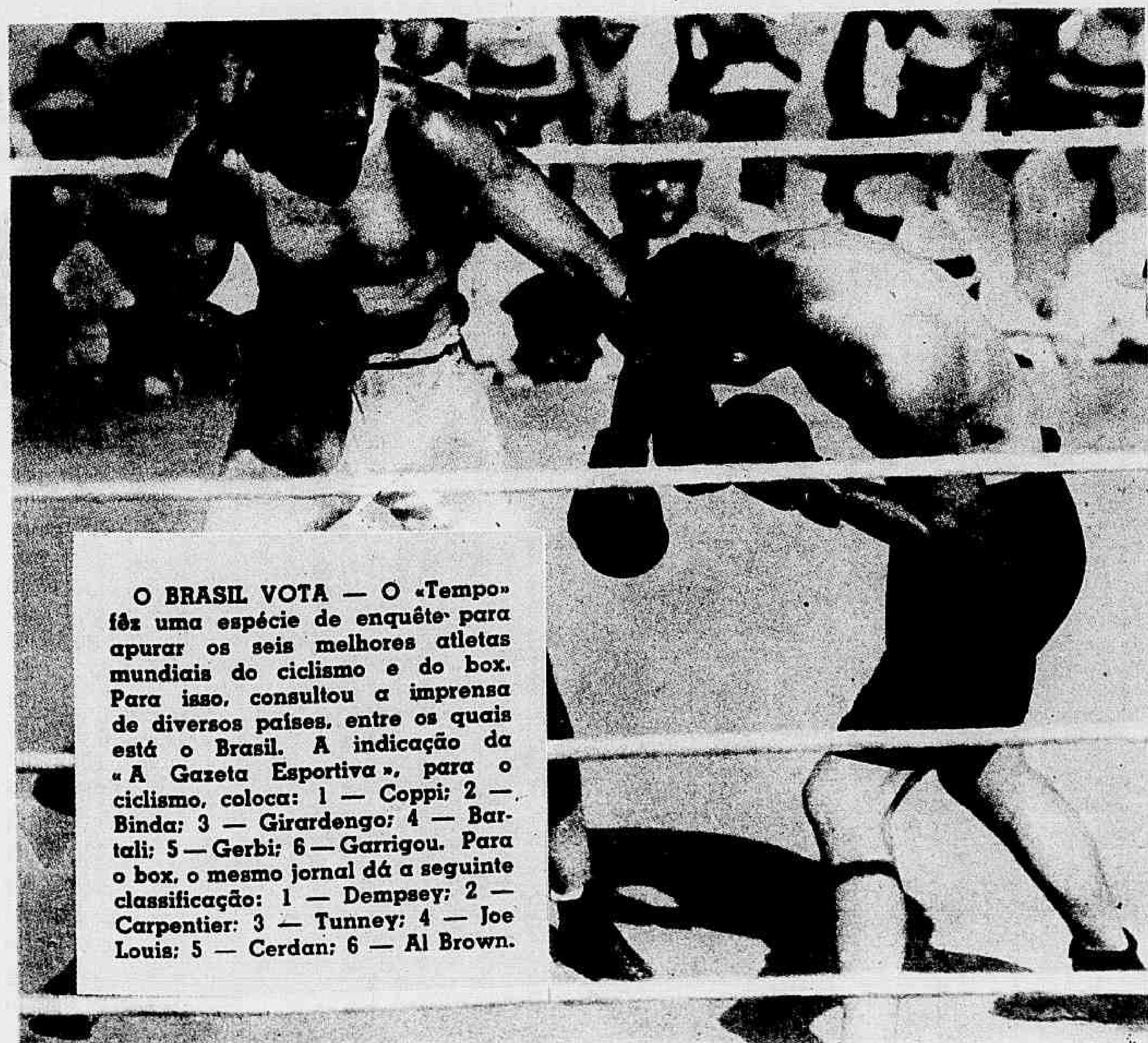


UM ITALIANO NA BIENAL — O semanário italiano «Settimo Giorno» dá uma nota pequena, a respeito da II Bienal paulista, referindo-se exclusivamente ao prêmio que coube ao artista italiano (pintor) Giorgio Morandi. (Na foto)

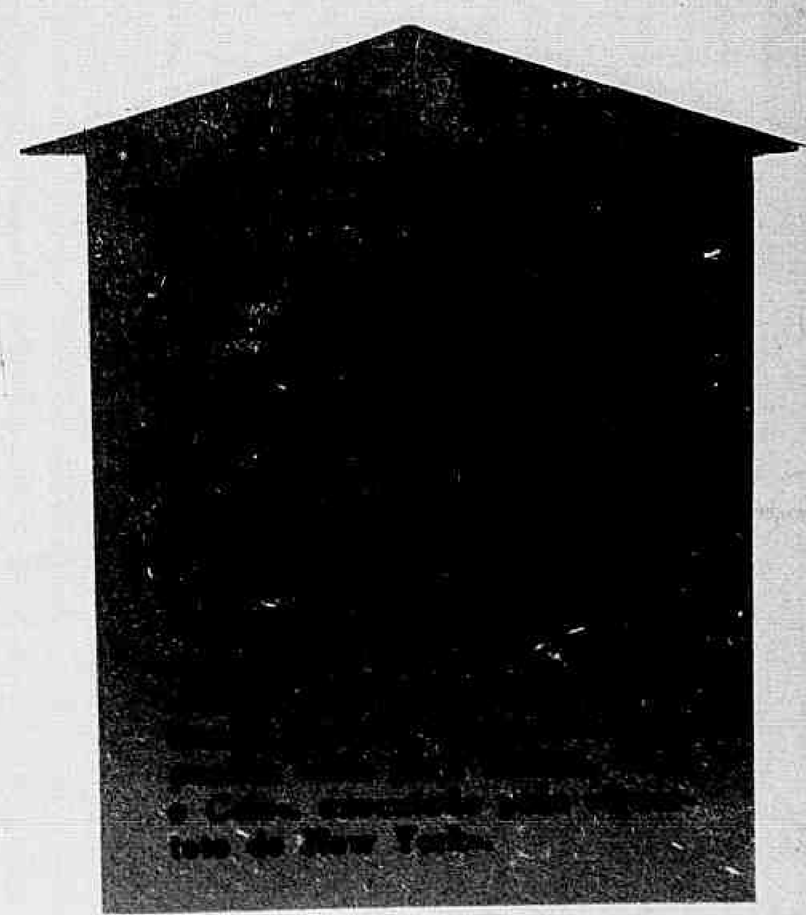


SEMPRE O CARNAVAL . . . — [illegible]





O BRASIL VOTA — O «Tempo» fêz uma espécie de enquête para apurar os seis melhores atletas mundiais do ciclismo e do box. Para isso, consultou a imprensa de diversos países, entre os quais está o Brasil. A indicação da «A Gazeta Esportiva», para o ciclismo, coloca: 1 — Coppi; 2 — Binda; 3 — Girardengo; 4 — Bartali; 5 — Gerbi; 6 — Garrigou. Para o box, o mesmo jornal dá a seguinte classificação: 1 — Dempsey; 2 — Carpentier; 3 — Tunney; 4 — Joe Louis; 5 — Cerdan; 6 — Al Brown.



NA PISCINA DO GLÓRIA A 38 GRAUS À SOMBRA

HOUVE UM «BIKINI» VERMELHO QUE DEU FEBRE, E O JÚRI SUOU EM BICAS PARA COMEÇAR A ESCOLHER A MELHOR

Reportagem de MARITA LIMA **Fotos de ALEXANDRE MIRANDA**





DESFILE (DE PERNAS Q

CANDIDATA S

UMA e outra candidata ia chegando. Conhecia-se logo, pela maneira de vestir, de andar, de olhar em volta e pela côrtezinha que as rodeava. Foram-se acomodando pelas cadeiras. Quase tôdas de cabelos soltos, vestidos decotados, pele queimada e um certo arzinho distraído, de quem não sabe que está sendo olhada. A porta não parava de despejar fotógrafos. E uma pequena legião de jornalistas também se acomodou por lá. Todos pareciam conhecer-se. Havia grandes acenos e grandes exclamações, com cada chegada. A uma certa hora, as candidatas a Rainha do Carnaval de 1954 eram exatamente as pessoas mais tímidas dali. E cada um que chegava as puxava pelo braço, segurava pelos ombros ou passava a mão pela cintura, num gesto exibido de familiaridade. Tudo misturado com muito cochicho e muito rizinho. Havia um certo número de indivíduos, que por coincidência



Em fila indiana, terminado o desfile, as candidatas permaneceram à mercê de fotógrafos e contemplações. Se o Rio já é quente no verão e a temperatura estava a 30° quando estas chapas foram batidas o termômetro ia a 100 graus.

QUADRIS, BRAÇOS, ETC.) DAS

S A RAINHA DO CARNAVAL DE 54

eram no mínimo grisalhos, tomados de viva exitação. Gritavam-se, de um lado para o outro e gritavam também para as rainhas, chamando-as pelo nome. Davam saltinhos, ameaçavam-se com mergulhos forçados e davam a impressão de serem arrastados, daqui para ali, pela inquietação de suas mãos. O calor era violento, o bar estava fechado e havia ordem para não servir nada. Todos, afogueados, suavam e coravam.

Os jornalistas agrupavam-se ou andavam por ali, aguardando o início do desfile, com aquêle jeito meio indiferente do profissional acostumado a tôda classe de imprevistos. Surgiram também alguns espectadores, meramente curiosos, que calmamente observavam tudo. E vieram os fãs. Êstes eram fàcilmente reconhecidos, porque tinham, embora mais pàlidamente, o mesmo jeito de vestir e se portar das candidatas. Alguns espectadores se arrumaram em grupos displicentementes derreados nas cadeiras. Eram moços. Pareciam fazer questão de estabelecer uma diferença entre êles e o resto. Mantinham uma indiferença quase acintosa. Punham no olhar uma distância muito grande, quando o dirigiam para as candidatas, os fotógrafos, os jornalistas, os espectadores, ou qualquer pessoa dali. Aparentavam enfado, com as mãos cruzadas e sem assunto para conversa, sequer.

O DESFILE

Em pouco tempo, pelo microfone, foi anunciado o início do desfile. Houve uma exitação gente assistindo. E ela foi andando, meneando o dorso nu, requebrando-se em passos alongados pelos saltos altos e rebolando os quadris. Espoucaram os aplausos. A tarde já estava mais fresca. A piscina — Hotel Glória — se estremecia com alguma rajada de vento e também estremecia a barriga da moça, posta a descoberto pelo maiô, e tomada pela emoção do momento. O locutor chamava a atenção para os detalhes de beleza daquele corpo e para a boa organização da festa. Afinal, a candidata chegou ao término de seu percurso.

Chamaram outra. Desceu outro corpo, desta vez embalado num maiô inteiriço e igualmente cheio de requebros, ondulados, olhares para os lados e malícias mil. Os senhores esbranquiçados aplaudiam frenèticamente, reclamando mais palmas, dos vizinhos. Os fotógrafos faziam malabarismos, para conseguir boas chapas, sem mergulhar na água. Os moços indiferentes, de mãos cruzadas, continuavam de mãos cruzadas e sem assunto, querendo salvaguardar a indiferença, mas seus olhos deslizavam de um lado para o outro, lampejando, qual peixes inquietos.

DESFILE (DE PERNAS, QUADRIS, BRAÇOS E ETC.) D



Enquanto, no trampolim, as outras candidatas atendiam aos fãs, esta morena provocante posava para nós.



Arlete Dias, uma das belas concorrentes, mantém-se firme em terceiro lugar. Tudo pode acontecer...

geral. Numa espécie de terraço, acima da piscina, já estavam rainhas, de maiô, levantando os braços e cruzando as pernas, em pó rebuscadas, para os fotógrafos. Cá de baixo não se via bem. Podia ser apenas entrevistas, por meio da folhagem, dos «flashs» e do vai vem de gente. Coriscava uma lantejoula, passava uma barriga, se ouvia uma rizada. O homem do microfone procurava animar a fes Anunciava e garantia grandes atrações para os próximos minutos, q por fim chegaram.

As rainhas, já bastante fotografadas, enfileiraram-se e aguardava a chamada, para a passeata pela borda da piscina. Veio a primei Saiu lá de cima, desceu o primeiro lance de escada, onde deixou c sua capinha e surgiu cá embaixo, num «bikini» mínimo, rajado de pr e branco. O «speaker», preocupado com o bom andamento das coisa dizia o nome da moça, dava mais referências a seu respeito e n parava de aconselhá-la a andar devagar, pois estávamos ali para is tínhamos todo tempo que quiséssemos, não havia pressa, não corres tivesse calma, isto! assim! para que correr? E a moça veio vindo, volta da piscina. Tinha corpo bonito. A esta hora, havia já bastan



Do lado de cá a paisagem também é amena. E não resta dúvida que o páreo de 54 está mais duro do que o de 53.



Angelita, num «bikini» rajado, entusiasmou a platéia, sendo entusiàsticamente aplaudida. E' favorita de uma forte corrente de fãs.



Rosângela, a loura Rainha de 1953, candidata da Aeronáutica e TV, é outra forte concorrente ao título.



Graciosa, louçã, carregada de argumentos infalíveis, ela não precisa de «bikini» para mostrar quanto vale.

A re

DESFILE (DE PERNAS, QUADRIS, BRAÇOS E ETC.) DAS CA

deslizavam de um lado para o outro, lampejando, qual peixes inquietos. A moça ia andando, sob os mesmos conselhos de «tenha calma», por parte do locutor. Chegou ao fim e pôs-se ao lado da companheira. Veio outra. O microfone anunciou Fulana, num «bikini de duas peças». Foi quando perdemos os detalhes daquela apresentação, mergulhados que ficamos na preocupação de adivinhar como seria um «bikini» de uma peça só. Mas terminamos desistindo de encontrar a solução e voltamos a atentar no desfile.

O «BIKINI» VERMELHO

E veio outra pomba despertada, depois outra e outra mais. Veio moça do norte, do sul, daqui mesmo. Veio maiô verde, maiô roxo, maiô azul, maiô prêto. Mulher loura, mulher morena, mulher castanha e mulher pintada de novo. Passaram vinte e quatro pernas, doze bustos, duas dúzias de olhos e algumas centenas de dengos. A última delas, rainha coroada no ano passado, trazia um «bikini» (de duas peças) de lante-

joula
a da
por
pouc
«ela
já n
A n
esco



A respeito do valor cultural, e outros mais, destas linhas, só discordam as opiniões femininas.



Norma, morena absoluta, conta com o apoio moral e físico de uma «torcida» calorosa e intransigente.

CANDIDATAS A RAINHA DO CARNAVAL DE 54

joulas vermelhas, cabeleira loura, e a segurança no andar de quem é a dona do terreiro. Distribuiu muito adeuzinho e muitos agradecimentos, por onde passou. O locutor, no auge do entusiasmo, achava que era pouco o que víamos ou que o víamos mal, e por isto, ia informando: «ela é loura, está de «bikini» vermelho, altura mediana, vai andando já no meio do percurso, em direção às outras que estão do outro lado». A medida foi boa porque algumas destas coisas podia, de fato, nos escapar. Mas a moça terminou chegando junto das outras. Ficaram ali um pouco, despertando comentários e depois voltaram, tôdas ao mesmo tempo, em fila indiana. Em frente à mesa da comissão desfizeram a formação. Ficaram por ali, à disposição dos fotógrafos e depois foram novamente trocar de roupa. «Voltar aos trajes civis», disse o microfone.

E já passado o grande momento e vivida a grande emoção dêle, as moças mais despreocupadas se deixaram permanecer, ou andavam de um lado para o outro, atendendo aos fãs e aguardando a apuração terceira de cinco que serão.

ÊLES CAÍRAM DE MODA

Plínio Salgado — líder azinhavrado da futriquice política, já comandou 600 mil integralistas, hoje é homem de escrever cartilhas ★ **Barão de Itararé** — o trocadilhista que deve sua profissão a Jesus Cristo saiu de moda, muito cedo ★ **Perácio** — o maior "tank" do futebol dirige lotações ★ **Leônidas** — o mais famoso jogador brasileiro negocia em imóveis ★ **Maurício de Lacerda** — grande tribuno e orador, caiu de moda, repentinamente ★ **Melo Viana** — o elegante do colête de aço e salto carrapeta ★ **Moreira da Silva** — "O Tal", faz política no Méier ★ **Berilo Neves** — o eclético comentarista de orelhinhas é um homem de mote fácil ★ **Pimpinela** — o "clown" da política nacional ★ **Cônego Olímpio** — um padre de avançadas teorias clericais.

Reportagem de **CARLOS ALBERTO TENÓRIO**

MODA, neste país, sempre foi coisa perigosa. Só um cavalheiro a usufrui, imperturbável e impunemente, numa temporada extensa e incômoda de 23 anos. Últimamente a sua moda se adelgaçou demais. E, ao que parece, êle vai cair. Houve duas glórias que se despencaram cedo. A do sr. Maurício de Lacerda e a que envolveu S. Excia. o Barão de Itararé. Êste último, inclusive, prometeu voltar aos seus melhores dias, com aperfeiçoamentos técnicos que imprimirá à sua "A Manha".

Em compensação há modas incômodas. O sr. Benjamin Costallat, derramando-se numa literatura apertadinha nas páginas de "Careta" e criando uma editôra para poder mais amiúde cometer seus livros, foi, por exemplo, uma delas. Há modas esportivas que sempre puxam ao fanatismo aquelas que glorificaram Leônidas e Perácio. Moda enjoada — o sr. Berilo Neves; Moda rococó — o senador Melo Viana; Moda grotesca — o sr. Plínio Salgado; Moda idiota — Silvino Neto; Moda gaiata — Moreira da Silva; e a moda do cônego Olímpio de Melo, que transitou do quixotismo à incapacidade administrativa.

ÊLES CAÍRAM DE MODA. Alguns respeitam os fatos. Mas a maioria corre, ainda e desesperadamente, atrás dêsse autêntico rabo de foguete.

Leônidas da Silva



I — Leônidas apareceu na antiga equipe de futebol do Sírio Libanês. Descobriu-o Gentil Cardoso, nessa época treinador do Sírio. Leônidas era meia esquerda e foi para esta posição no Vasco da Gama, onde jogou duas temporadas.

II — Mas não tinha ainda muito cartaz. Pois o Vasco foi com facilidade para o Botafogo onde atuou, também na meia esquerda. Nessa época Carvalho Leite era insubstituível no comando da ofensiva. No Botafogo, Leônidas jogou durante um ano. E ainda teve tempo de participar da temporada alvinegra ao México e Estados Unidos.

III — O Flamengo comprou Leônidas do Botafogo por 5 contos. Leônidas estava mais ou menos em litígio com o seu clube. E no Flamengo, certo dia, apareceu um cidadão chamado Dori Kruschner. Dori Kruschner descobriu que apesar da pouca altura, o rapaz era centro-avante. Isso constituiu motivo de muitas críticas para Kruschner porque, na época, só se considerava o centro-avante pelo bom físico. E Leônidas não o tinha.

IV — Sua grande época: Copa do Mundo de 1938, na França. Leônidas foi tão espetacular que, muitos anos após (em 1951), quando excursionou por êste país com o São Paulo Futebol Clube, na qualidade de técnico, teve que calçar as chuteiras e entrar em campo para se exibir. Leônidas foi o artilheiro da «Copa» daquele ano e um dos mais notáveis goals seus marcou-o contra a Tchecoslováquia. No lance anterior tinha retirado a chuteira por qualquer circunstância. A bola veiu reta, em sua direção e êle sem perda de tempo, correu mesmo sem chuteira, marcando o goal. Até hoje se diz que se Leônidas tivesse participado do último jôgo do Brasil (com a Itália) não teríamos perdido o campeonato. Mas Leônidas estava muito machucado e ficou de fora, nessa tarde, em Bordeaux.

V — No Flamengo êle fêz época. Foi o mais popular dos jogadores de futebol de todos os tempos. Teve inúmeros apelidos: «Diamante Negro», «Homem de Borracha», «Inventor de Bicicleta», o diabo. Leônidas fazia os goals mais sensacionais. Batatais até hoje comenta: «Acho Ademir formidável. Mas Leônidas foi o mais sensacional de todos que já vi. A gente não sabia nunca o que êle ia fazer com o bola...»

VI — Um dia Leônidas, quando estava no Flamengo, andou em complicações com o Serviço Militar. Por isso ficou prêso, no quartel, durante 8 meses. Nessa época o «Diamante» já andava às turras com o presidente do clube, dr. Gustavo de Carvalho. Saindo da cadeia o Flamengo não achou outra alternativa senão vendê-lo para o São Paulo F.C. Em São Paulo, foi ainda campeão paulista e campeão brasileiro. Aos poucos foi-se apagando até chegar a técnico do São Paulo de onde «sobrou» um dia qualquer. Hoje Leônidas vive na paulicéia em negócios de corretagens.

José Perácio



I — Veiu do Vila Nova (Minas Gerais) para o Botafogo.

II — No Botafogo fêz época. Formou uma ala esquerda célebre: Perácio e Patesko. Mas teve um dia que deixar General Severiano. Motivo: o presidente do clube, dr. João Lyra Filho combatia-lhe a vida irregular. Perácio tinha uma «barata» e o presidente achava que deveria vendê-la. Perácio queixou-se, entrou em litígio com o Botafogo e um dia foi bater com os costados no Canto do Rio.

II — No Canto do Rio não chegou a passar uma temporada uma vez que o clube de Niterói era apenas um trampolim para transferir-se ao Flamengo.

IV — Na Gávea teve seu tempo áureo. Foi tri-campeão da cidade (43-44-45). Mas não teve sorte de participar dos últimos jogos do Flamengo. Perácio estava, então, na Itália; onde fazia parte da FEB (motorista de um coronel qualquer).

V — Considerado o maior «tanque» que já passou pelos gramados carioca. Perácio cabeceava, chutava bem e sabia romper uma defesa como ninguém.

VI — Em 1938 foi convocado para a «Copa do Mundo». Tomou parte em quase todos os jogos do Brasil, na França.

VII — O anedotário sôbre Perácio é, talvez, o maior de quantos se conhece. Acredita-se, inclusive, que muitos casos foram adaptados à sua pessoa. Moço de pouca inteligência, Perácio chegava a considerar uma honraria servir de tema para anedotas.

XIII — A mais célebre anedota sôbre Perácio« Num pôsto de gasolina êle parou para abastecer o carro. Quando o empregado estava providenciando o pedido acendeu um cigarro e jogou o fósforo no chão. O funcionário correu a apagar o fogo. Perácio observou: «Você também tem superstição»?... Quando acordou o primeiro dia em Paris (Copa do Mundo) foi ao telefone. A telefonistá do hotel perguntou: «Qu'est que vous voulée?» E êle: «Traga café com pão e manteiga...» Dizem também que quando Perácio estava no Botafogo, uma tarde apareceu um jogador qualquer para treinar. Depois do ensaio um diretor do Botafogo perguntou a opinião de Perácio sôbre o jôgo do rapaz. Não se fêz rogado: «Êle joga bem, seu, mas é muito AMOROSO...» No princípio pensava-se que o rapaz da experiência fôsse dado a farras. Mas não era isso. Perácio se queixava da lentidão nas jogadas do novato... Conta-se que um dia saltou de seu automóvel e, olhando para o céu, perguntou ao amigo: Chovererá, hoje?

IX — Um dia deixou o Flamengo e foi para São Paulo. Nunca mais pegou em bola. Passados quatro anos voltou ao Flamengo e andou metendo na cabeça que poderia voltar ao futebol. De tanto treinar conseguiu ser emprestado ao Canto do Rio de onde saiu, certa vez, sem dar satisfações a ninguém. Hoje Perácio dirige um lotação, em S. Paulo





Olímpio de Melo

I — Pernambucano da Floresta dos Leões, o cônego Olímpio de Melo é uma comovente vocação dos padres renascentistas. Elegante, perfumado, adora os trajes civis, as mulheres lindas e a arma branca. Inclinando-se, um dia (quando prefeito), diante do sr. Getúlio Vargas, caiu-lhe, da batina, um punhal. O Presidente apanhou a arma e, devolvendo-a, comentou: «Vigário, aqui está o seu crucifixo».

II — Forma com os padres Barbosa Lima, Pedron e o recentíssimo padre José Juliano um quarteto de avançadas teorias clericais.

III — Foi o 30º prefeito da cidade, interino de 4 de abril de 1936 a 15 de março de 37, sendo, nessa ocasião, nomeado interventor, pôsto que ocupou até julho de 1937, quando cedeu o lugar ao sr. Henrique Dodsworth, que é, aliás, autor de quase todo o seu anedotário.

IV — Certa vez o prefeito Dodsworth foi contar ao Presidente da República que diàriamente, de sua janela, munido de um binóculo, apreciava o padre Olímpio tomar banho na piscina de sua casa; e, coisa espantosa, o padre se banhava de calções côr de rosa. Informado da história, o padre deu-lhe uma resposta, desgraçadamente impublicável.

V — Embarcado da Floresta dos Leões para o Rio, o padre, ainda novo, foi para o sertão carioca, onde ficou conhecido como o Vigário de Bangu. Fêz política local e conseguiu telefone para Bangu, Campo Grande e tôda aquela região, granjeando popularidade. Imediatamente conseguiu eleger-se vereador, e, logo depois, presidente da Câmara Municipal.

VI — Em 1936, fermentando a idéia do Estado Novo, prenderam Pedro Ernesto, que era prefeito eleito e dono de enorme popularidade, sob acusação de atividades comunistas. Segundo a lei orgânica, foi substituí-lo o presidente da Câmara, exatamente o padre Olímpio.

VII — Pretendendo governar cômodamente, quis atrair os amigos de Pedro Ernesto e congregar as fôrças políticas em tôrno de seu nome. Edgar Romero reagiu. E o padre, enfurecido, demitiu tudo quanto era Romero existente na Prefeitura. Mais tarde fizeram as pazes e readmitiu novamente a família, ficando espantadíssimo, um dia, quando soube que um dos Romero sobrara.

VIII — E' um homem impulsivo que não gosta de ser incomodado. Um dia em que o Cidadão Pingô o chateava muito na Prefeitura, expulsou-o da sala. E outra ocasião segurou pelo colarinho o sr. Sales Filho para jogá-lo violentamente para fora.

IX — A rigor o prefeito Olímpio de Melo pouco fêz pelo Distrito Federal. Gostando imensamente de ser fotografado pelos rapazes do DIP, conseguiu ser interventor de enorme prestígio, sobretudo junto às professôras primárias, a quem protegeu muito e sempre.

X — Mora numa casa em Santa Tereza com sua piscina, seu único criado (a quem chama o chaveiro do seu céu) e, embora afirme que não esconde nunca debaixo da batina um punhal, orgulha-se de possuir variada coleção de arma branca e um rifle de longo alcance.

XI — Foi um dos prefeitos mais populares do Distrito Federal, juntamente com Pereira Passos, Paulo de Frontin, Pedro Ernesto (3 bons prefeitos) e Mendes de Morais.

XII — Saiu de moda, mas não deixou de instalar-se, cômodamente, num emprêgo público. E', presentemente, ministro do Tribunal de Contas. Até a consumação dos séculos.

Silvino Neto

I — Pimpinela estava na moda, há 10 anos atrás, como o mais popular dos humoristas radiofônicos. A única explicação: qualquer sujeito pode ser humorista em rádio desde que não tenha escrúpulos e exiba na ponta da língua uns longes de espírito.

II — Movendo alguns personagens que êle próprio interpretava à frente do microfone, mudando de voz, numa tentativa de crítica aos costumes, criou uma dona de pensão meio louca, meio fútil a quem chamou Pimpinela, um velho idiota, um rapaz abobalhado e, vez por outra, lançava novo personagem.

III — Mas o texto dos programas foi sempre frágil, uma vez que se valia quase sempre da improvisação.

IV — Reconhecendo os diretores de rádio (muito tarde) que o público se cansara da Pimpinela, perdeu o seu autor os bons contratos e começou a perambular por diversas estações.

V — Na época das eleições políticas imaginou um programa (Futebol Político) que, não fôsse sua falta de honestidade poderia ser um autêntico sucesso. De comêço movimentava seus jogadores, na irradiação que fazia, com um certo respeito ao fluxo e refluxo dos acontecimentos.

VI — Mas uma ridícula ambição política também lhe acorreu e transformou os jogadores em marinetes com as vitórias que mais interessavam ao «speaker».

VII — Aperfeiçoou a imitação de Getúlio e passou a caracterizá-lo no rádio. Num 31 de dezembro, precedido de enorme publicidade, lançou um manifesto ao povo brasileiro como se fôsse o sr. Getúlio Vargas. Gracinha desde logo descoberta que não se transformou no resultado esperado.

VIII — Inútil para o rádio, colheu os frutos de sua desonestidade profissional mantendo-se na política. Para o êxito de suas manobras passou a fazer ponto junto dos táxis, no centro da cidade, a dizer gracinhas para os motoristas. Firmou-se na Galeria Cruzeiro, inventou-se como candidato do PTB, e, entre businadas e palavrões, firmou prestígio na classe.

IX — Candidato, em 50, conseguiu eleger-se. E foi despejado, ao que afirmam por um caminhão da Limpeza Pública, na Câmara dos Vereadores, onde ficou quieto e tímido por algum tempo. Um dia, resolveu pedir a palavra pela ordem, constituindo-se num autêntico «show» circense.

X — Passou a falar pouco, a não ser tôdas as tardes as piadas grosseiras que dirige a qualquer senhora, circulando dentro de um táxi, pela cidade. Falava pouco e sempre dos motoristas. Depois, abandonou a classe. E ameaçou denunciá-la com as jogatinas na Galeria Cruzeiro.

XI — Por ocasião do Projeto Mil contrariando as ordens do partido foi expulso. Mas, até hoje, vota fielmente com o PTB e senta-se entre os ex-colegas de bancada.

XII — E' a mais absoluta vocação de «clown» político. Tem, aliás, um passado que o recomenda òtimamente. E se não o fiscalizarem é capaz de candidatar-se outra vez.

Êles caíram de moda



Moreira da Silva

I — Apareceu há 20 anos passados cantando os grandes sambas da época. Era, então, simplesmente, Antônio Moreira da Silva, interpretando sambas de Zé-Com-Fome, Catumbi e Nilton Brito, compositores de cartaz firmado.

II — Foi esta a primeira fase de Moreira da Silva, a do samba-lamento. «Implorar», foi um de seus sucessos, como também o foram, «Vejo Lágrimas», «Arrasta a Sandália», «Dinheiro não há».

III — Foi ganhando personalidade e modificando de pouco a sua interpretação. Vieram: «Tudo no penhor», «Adeus, vou partir», «E' batucada» e «O trabalho me deu bôlo».

IV — Os mais autorizados conhecedores da música popular brasileira afirmam que se pode atribuir a um samba de Hervé Cordovil e Orestes Barbosa uma autêntica divisa entre esta primeira e a segunda e consagradora fase de Moreira da Silva. Foi o samba «No morro de São Carlos».

V — Daí, passou ao «breque», ao anedotário, à gíria dos morros, dos subúrbios e gafieiras, à exaltação do pernosticismo, da gabolice e atrapalhações do malandro carioca.

VI — E' a história de um sujeito que cobra dívida antiga ao amigo esquecido com uma desenvoltura impressionante: «Amigo urso, saudações polares / Ao leres esta, hás-de te lembrar / Daquela «grana» que te emprestei / Quando estavas mal de vida e nunca te cobrei». E' a caricatura do sonho operário e esmagado pela pobreza, informando à mulher que se locomoverá, com o produto da sorte grande, sòmente de avião: «Etelvina, minha nêga / — Eu acertei no milhar /— Ganhei quinhentos contos / Não vou mais trabalhar...»

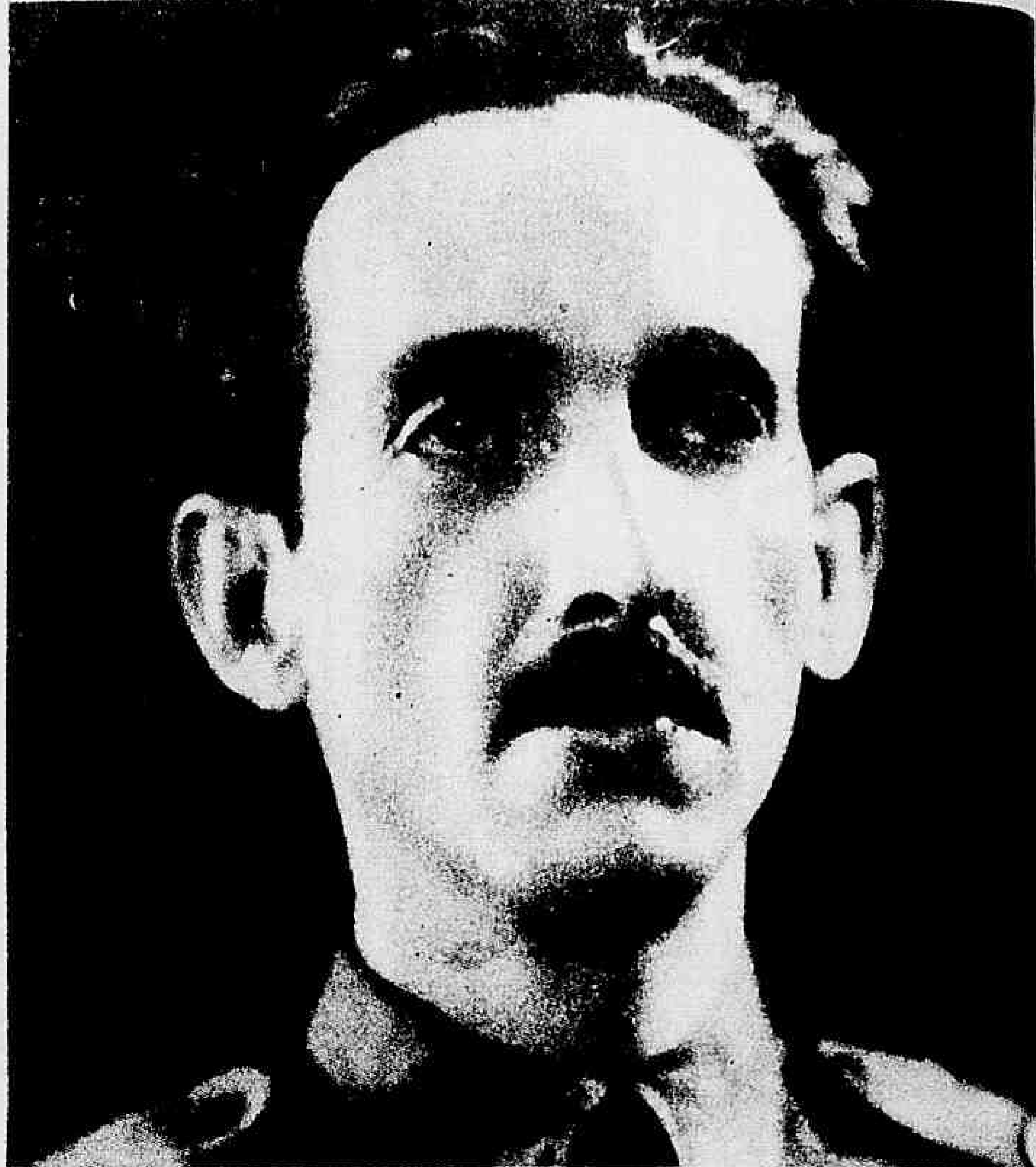
VII — E' a renovação da gíria que Moreira da Silva vai difundindo. A polícia, d. Justa — O delegado — seu «delelê» — E' a conversa mole do malandro assustado com a musculatura do desafeto: «Pernambuco você é meu».

VIII — E' a figura do «otário» que Moreira da Silva afirma que também tem a sua vez, pois sempre cai num «conto», comprando o «bilhete premiado». A maneira carioca de misturar palavras inglêsas no linguajar diário, a face do «all right» do «I love you». Da curiosa devoção popular misturando indiferentemente ritos católicos e espiritistas. Falando ao mesmo tempo de S. Jorge e Ogum, alimentando de cocadas Cosme e Damião.

IX — Grande «bossa» a dêsse cantor personalíssimo. Anunciava-se, a si próprio, como o Moringueira da Singuilva, ou o Moringuilva da Silveira, mas sempre «O Tal»...

X — Cantor que foi moda neste país, caiu para deixar lugar a outros menos característicos, menos anedóticos, sem autenticidade.

XI — Quando se anunciou a volta de Getúlio ao govêrno do país, tentou o seu último golpe (já estava no esquecimento), lançando o samba «Diplomata» onde enaltecia a figura do candidato que era moda, esperando voltar à preferência popular, e falhou. Mas como o malandro (assim como não bebe o «último» copo) não dá o último golpe, abandonou o samba e faz agora política no Méier. Para sair «de bossa nova» nas próximas eleições.



Plínio Salgado

I — Já foi líder de 600 mil integralistas, hoje é melancòlicamente homem fora de moda. Escritor apocalíptico, encenou no país a maior sa ou a maior comédia bufa que se conhece. Aproveitando-se de triste fase na política mundial em que um ditador de meio-bigode metia reviravolta na organização social do mundo, vestiu meia de sujeitos com uma camisa verde e foi dando linha. Demagogia, e hino marcial pegam mais que gripe.

II — Imediatamente, meio milhão aderiu à futriquice direitista. Cam verde de punho e gola gomados, calça branca, borzeguim prêto brun casquete de couro, penduricalhos ladeando a gravata negra, 1937 ano esplendoroso da Nova Ordem. A 1º de novembro dêste ano org zou-se, da Av. Rio Branco ao Catete, uma parada verde que Get assistiu da sacada, risonho e acolhedor.

III — A marcha pareceu demonstração de fôrça. Getúlio consulta Plínio sôbre as vantagens do estadonovismo, e o líder glauco conside se padrinho do monstro. No dia 2 de novembro, respondendo a uma trevista da «Ofensiva» (órgão da Ação Integralista Brasileira), garant — «O integralismo construirá uma nova ordem no Brasil».

IV — Mas o funesto 10 de novembro, em que Getúlio dava à lu Estado Novo, traria algumas amarguras a Plínio Salgado. O cerceame to das atividades políticas, a todos os partidos, estendeu-se à A.I.B. «Traição» foi a palavra constante em tôdas as cartas que escreveu pseudo-aliados, Chico Campos, Getúlio e outras autoridades do país. general Newton Cavalcânti também escreveria a Getúlio chamand «traidor».

V — Desiludido, anunciou uma viagem à Europa, a começar pela Al manha. Mas a humilhação fermentou a revolta entre os que ficaram no dia 11 de maio de 38, os mercenários do tenente Fournier tenta inùtilmente a tomada do Guanabara. Procurado pela polícia e pelos j nais, Plínio Salgado, descansando cômodamente em seu apartame negou participação na intentona.

VI — Dois homens (Severo Fournier e Belmiro Valverde) assumira dignamente a responsabilidade, a que Plínio se furtou, covardemente.

VII — Estêve, em Lisboa, enviando, então, a seus asseclas, cartas ch rosas, gravebundas ou enfáticas, sofrendo a oscilação metabólica do acontecimentos mundiais entre os Aliados e o Eixo. Situação que perdu rou até 1942, quando, então, e definitivamente, saiu de cogitações.

VIII — Com o regresso, em 45, das liberdades políticas, enxotou seu penados sectários para a rinha, e apareceu o Partido de Representaçã Popular. As derrotas eleitorais sofridas foram desculpadas pela impos sibilidade de arregimentação rápida e remanescentes de perseguições políticas.

IX — Em 50 a futriquice agitou-se, novamente. Mas um perverso pin tou uma galinha de verde soltando-a nas escadarias do Teatro Municipal. Embora alertados por democratas honestos, alguns homens da UDN acei taram o apoio integralista. E o melancólico caiporismo de Plínio Salgado colaborou para a derrota do Brigadeiro.

X — Recentemente publicou um novo livro: O Sentido Cristão do Inte gralismo, o qual é aconselhado, por seu caráter doutrinário, aos saudo sistas do partido. Todo ano manda rezar missa (dia 11 de maio) pelo rapazes que morreram em 38; e sua preocupação atual é o crescent prestígio (dentro do partido) do deputado Raimundo Padilha.

Fernando Melo Viana

I — Senador da República, antigo (muito antigo mesmo) governador de Minas, anteriormente procurador geral do Estado e vice-presidente da República, no quatriênio Washington Luís, é um homem de idade indefenida, quase tão idoso quanto o sr. Ataúlfo de Paiva. Afirmam que, extremamente elegante, usa salto de carrapeta e colete de aço para manter o físico numa vertical invejável.

II — Nascido em Sabará, fêz política em todo o Estado de Minas. No auge de uma de suas campanhas, certa vez, em Rio Claro, d. Tributina mandou que seus capangas dissolvessem o comício do dr. Melo Viana, a bala. Nessa ocasião, conta êle, com seus cacoetes de caçador, viu aproximar-se um facanhudo jagunço de d. Tributina e apontar-lhe o revólver.

III — Após o disparo, sentiu-se ferido na parte anterior do pescoço, conhecida por cogote. Fato de que se aproveitou o Barão de Itararé para mostrar seus conhecimentos armentistas e de balísticas, desenhando na «Manha» como seria o revólver do jagunço que atirando pela frente foi ferir o dr. Melo Viana por detrás no cogote.

IV — E' da mesma geração mineira de Mário Brant, Fedelis Reis e Francisco Campos. Foi promotor de Justiça em Mar de Espanha. No govêrno de Raul Soares, em Minas, foi secretário do Interior e acabou por sucedê-lo no govêrno do Estado.

V — Vice-presidente da República, em 30, não acreditava muito na revolução. E a 14 de outubro fazia uma proclamação ao povo mineiro, verberando contra a atitude dos políticos das alterosas que se colavam nas fileiras revolucionárias.

Depois vieram os dias de saudade política. Certa vez, num bar da Galeria Cruzeiro, um garção o trata estabanadamente. Chama-lhe a atenção: «O sr. está falando com um ex-vice-presidente da República».

VII — E' caçador. Sôbre êste seu «hobby» já escreveu certo cronista: «Eis que apareceu uma fera na alça de mira do dr. Melo Viana, que, em sendo estadista, é emérito atirador». Todavia algumas pessoas que não se expressam no estilo do cavalheiro têm opinião diversa, afirmando, inclusive, que as caçadas na fazenda do senador são cuidadosamente preparadas com os animais comportadíssimos nos lugares competentes, aguardando os balaços impiedosos do mosquetão senatorial. Nessas ocasiões o senador dorme em barraca, de «flash-light» a tiracolo e um 38 debaixo do travesseiro, receoso de que algum leopardo mais afoito venha comer-lhe a sola dos pés ou a caça miúda.

VIII — O senador, que já estêve em moda política e social, esforça-se ainda hoje, por manter o prumo que êle acredita ainda vertical.

IX — Vai anualmente a Paris e na presidência do Senado, tratava os seus pares, designando-lhes a hora de ocuparem o microfone, com autoridade de mestre-escola: «O senhor, aí, é a sua vez de falar...»

Quando fizeram um recenseamento na Câmara dos Deputados, o sr. Melo Viana teve ocasião de reprovar a atitude do jovem que insistia em saber o ano de seu nascimento para incluir na ficha dos parlamentares, que ficou aliás, incompleta.





Maurício de Lacerda

I — Nasceu em Vassouras, filho do ministro do Supremo Tribunal Sebastião de Lacerda. As más línguas do começo do século afirmavam e Coelho Neto endossava, que se falava em Vassouras existir na casa do ministro do Supremo Tribunal um menino que já nascera falando, tivera dentes com 15 dias e começara a andar com 2 meses e meio. Neste menino puseram o nome de Maurício.

II — Em criança, ainda na fazenda, tinha por hábito mamar o úbere das vacas substituindo os bezerros. Aos 10 anos foi trazido, com a família para Niterói e, em 1896, para o Rio de Janeiro. Expulso de diversos colégios por indisciplina, embora espantasse os mestres e companheiros pela vivacidade de sua inteligência. Visitando dêsse modo os diversos colégios, terminou na faculdade de Direito, onde concluiu seu curso, brilhantemente.

III — Participou, como orador inflamadíssimo, dos comícios pro-candidatura Hermes da Fonseca, contra Ruy Barbosa. Diversas vêzes, durante a campanha, teve de retirar-se com a Cavalaria e os espadões procurando-lhe as costas. E não foram também poucas as vêzes que o tiro resvalou com as pedradas e os bofetões.

IV — Vitoriosa a candidatura de Hermes da Fonseca, Maurício de Lacerda foi convidado, em 1910, para oficial de seu gabinete. Mas não se demorou muito com o marechal e suas cincadas. O deputado Álvaro de Carvalho perguntou-lhe um dia: «O sr. está aqui à porta para os inimigos não entrarem?»

Maurício respondeu: — «Não, senhor. E' para as asneiras não saírem».

V — Dois anos depois, elege-se deputado pelo situacionismo fluminense. E rompe com Hermes da Fonseca, combatendo-o. Começa, então, a aparecer como o mais arrebatado tribuno e perfeito orador. Combateu também Wenceslau Braz. E cria então a expressão «acavalhamento» que o povo aceita e repete, e a Academia Brasileira de Letras inclui em seu dicionário como autêntico brasileirismo. Nessa ocasião caracteriza a política fluminense do melhor modo que se conhece: «A política fluminense é como as barcas da Cantareira; atraca pelos dos lados».

VI — Desiludido da política partidária, de onde se afastara após o combate que sofrera dentro de seu próprio partido, passou pela advocacia, onde não se demorou, afastando-se da vida política. Elegante, jovem, inteligente e famoso era adorado pelas mulheres. Em 1945 reaparece meteòricamente, na agitação política, quando fêz um discurso na recepção a Otávio Mangabeira. Verificou-se, então, que Maurício de Lacerda não era mais o mesmo orador brilhante e tribuno inflamado. Parece que êle também sentiu a mudança, evitando comparecer aos comícios da UDN. E' ùnicamente, hoje, procurador da Prefeitura.

B e r i l o   N e v e s

I — Depois que caiu de moda passou a ser um homem de mote fácil. Talvez seja exagêro, fazer-se esta injustiça ao dr. Berilo Neves. Na verdade, êle sempre foi um homem de mote fácil.

II — Em seu tempo era um eclético comentarista de orelhinhas, cultivando no «Fon-Fon» violento consultório anti-feminista, onde o farfalhar das saias muita vez tenteou o seu estilo. Nesse mister, recebia diàriamente bilhetes em papel rosa provocantemente perfumados. A púdica Flor do Andaraí, por exemplo, sempre insistiu em saber se o dr. Berilo condordava em que ela recebesse beijos à maneira Valentino. O dr. Berilo imperturbável, escrevia algumas sandices sôbre mulheres e beijos e desejava um péssimo destino à jovem.

III — Absolutamente fiel a êste mote, o dr. Berilo atravessava indeformável o campo das letras. Mas a idade e a prática terminaram por lhe dar amplitudes em seu campo visual. E êle fechou o consultório para dedicar-se aos fatos, aumentando, portanto, a lista de seus temas. Hoje, é um homem cotidiano, do calendário e das datas nacionais.

IV — Transformando-se num jornalista de fabuloso «nose for news» não perde um 7 de setembro ou Dia das Mães. Seu cacoete antigo lhe traz, ainda, frissuras no Dia dos Namorados, quando o dr. Berilo relembra os grandes dias.

V — No 7 de setembro fala às vêzes, da família real, de quem, parece, sente saudades. Comenta as águas límpidas do Ipiranga, a insubordinação do príncipe loiro de suíças, passa ao padre Feijó, do que se aproveita para comentar o celibato clerical, resvalando pelo Concílio de Trento e dando uma penada no Index do Vaticano.

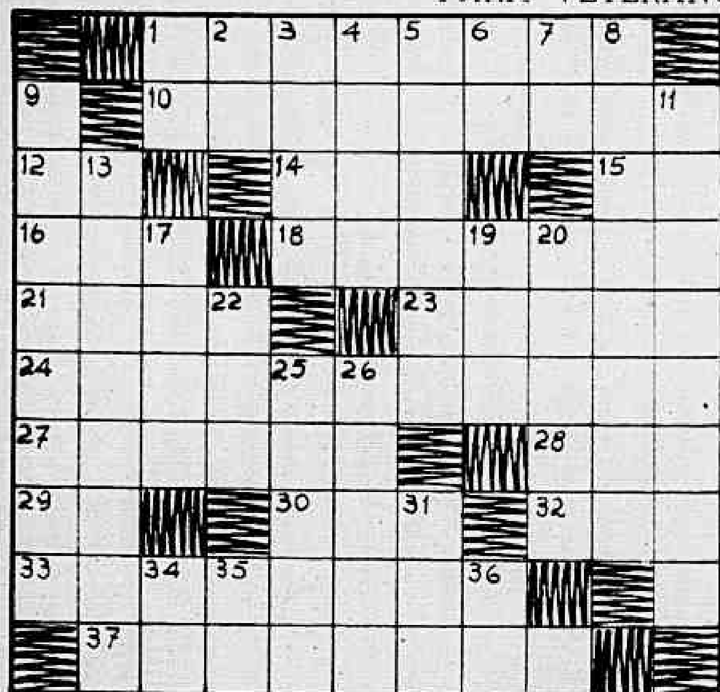
VI — Sôbre o Dia da Bandeira, historia as sucessivas fases da bandeira brasileira, revive o debate sôbre a origem de suas côres, informando que forma na ala dos que aceitam sua origem nas côres da família real portuguêsa, ao contrário da opinião que as atribuem ao verde dos prados e ao ouro das terras. Fala de losango, referindo-se de leve ao Teorema de Pitágoras, indo cair no Cruzeiro do Sul e defendendo a tese de que a quinta estrêla é absolutamente verdadeira, como se pode observar no astral. E, por falar no astral, molha a pena de pato, estabelece a distância entre o Cruzeiro e a Ursa Maior, volta à combinação das côres, padronagem, casemira inglêsa e encerra com o algodão seridó, da Fábrica Bangu.

VII — Depois de ter sido um popularíssimo inimigo das mulheres, antítese perfeita dos srs. Benjamin Costallat e Paulo Cristovo, caiu de moda. Hoje, o sr. Berilo é um homem que parece escrever especialmente para ser publicado em corpo 7, grifo.

Palavras CRUZADAS

PROBLEMA Nº 4

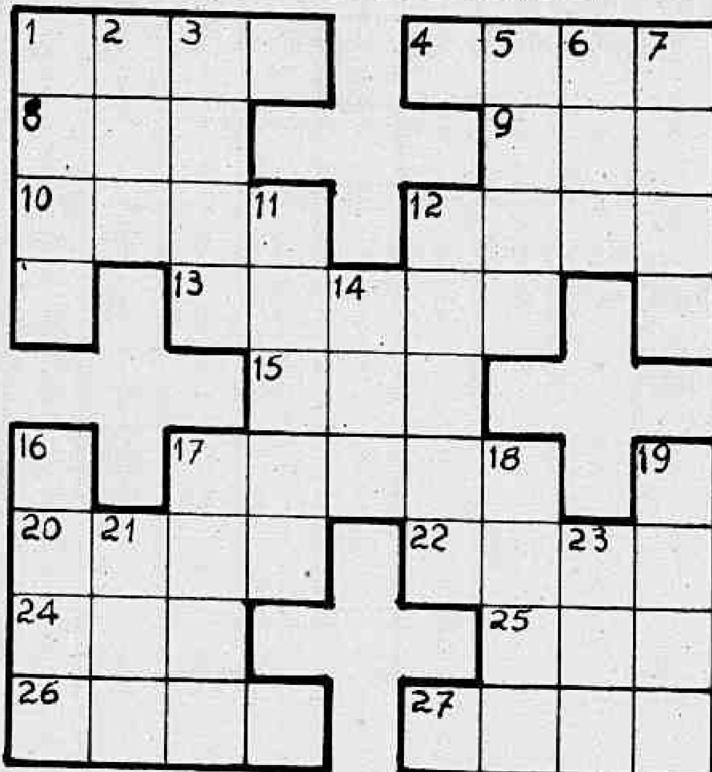
PARA VETERANOS



Horinzontais: — 1. Religioso franciscano — 10. Ação de olhar cientamente — 12. Língua daomeana falada na região de Acra — 14. Do-sustenido na nomeclatura alemã — 15. Prefixo que denota tendência, aproximação — 16. Uma das ilhas Hébridas — 18. Mostro — 21. Variedade de abelha (pl.) — 23. Impregnar de uma substância gordurosa — 24. Celeste — 27. Exprimir — 28. Espécie de bandolim usado no Irã — 29. 13ª letra do alfabeto grego — 30. Cidade do antigo Egito, no delta do Nilo — 32. (Tze) Imperatriz-viúva e regente da China (1834-1908) — 33. Encantam — 37. Espécie de abruheiro na Europa, sempre verde.

Verticais: — 1. Nome sob o qual os hindus adoravam Réia — 2. Prefixo que traz a idéia de movimento para fora — 3. Grande pedaço — 4. Índios que habitavam a região situada entre os rios Paranapanema e Peixe — 5. Pegadas — 6. Unidade de idioplasma, na teoria da hereditariedade de Weissmann — 7. Rio da Birmânia — 8. Arapucas — 9. Que tem a cauda em forma de leque — 11. Amaria extremosamente — 13. Tipo de composto orgânico, que fornece matérias corantes amarelas — 17. Planta leguminosa e medicinal — 19. Nome de homem — 20. Rio do país de Gales — 22. Antiga medida de capacidade, hebraica e egípcia — 25. Família de impressores livreiros franceses — 26. Ave da família dos Anatídeos — 31. Bastar — 34. Cidade da Noruega — 35. Ruim — 36. Símbolo do manganês.

PARA NOVATOS



Horizontais. — 1. Emudece — 4. Querer bem — 8. Naquele lugar — 9. Espécie de enguia — 10. Ramada, ramagem — 12. Cantiga — 13. Querida — 15. Vazio — 17. Tolo — 20. Terreiro onde se limpam cereais — 22. Forma reduzida de automóvel — 24. Pedra — 25. Escarnecer — 26. Estampilha — 27. Compartimento principal de uma casa.

Verticais: — 1. De preço elevado — 2. Fileira — 3. Capital do Peru — 4. Observa, olha — 6. Nome de homem — 7. Do verbo roer — 11. Fruto da amoreira — 12. Venera — 14. Mau cheiro — 16. Meia dúzia — 17. Terra arroteada e própria para cultura — 18. Vento brando — 19. Reside — 21. Insípido — 23. Sinal gráfico

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 3

PARA NOVATOS

Horizontais: atalaia — atira — fala — amam — ar — rir — Ra — gás — lar — ab — loa — ré — ruge — real — ralar — balelas.

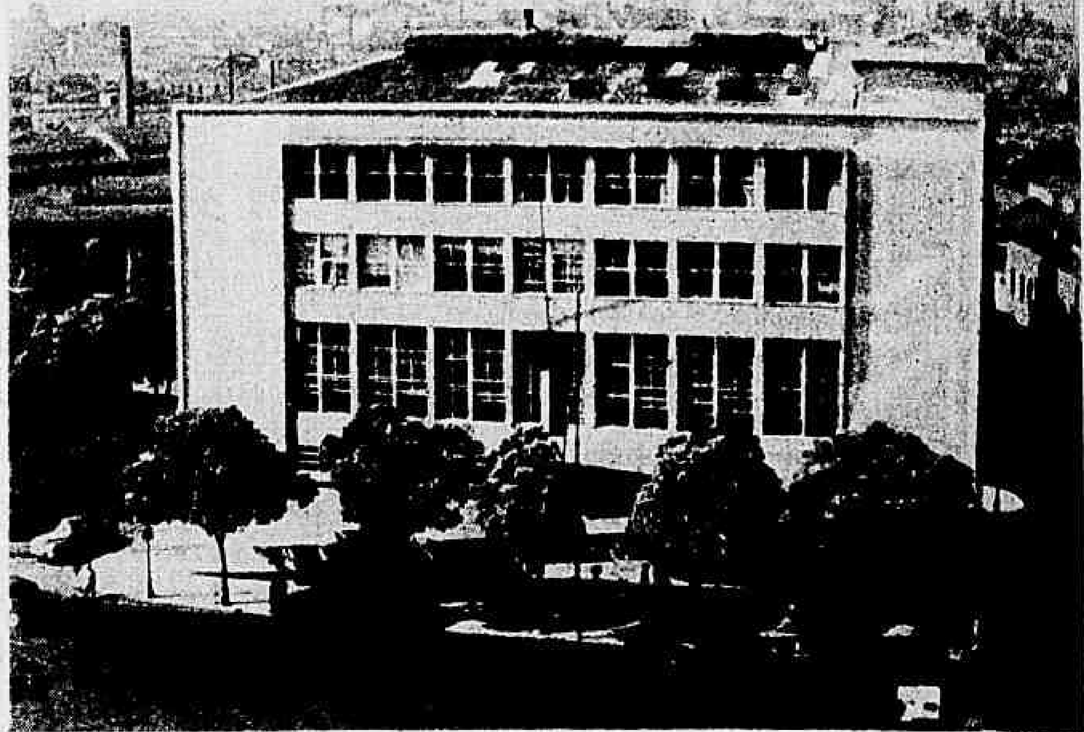
Verticais: tal — atar — LI — arar — iam — afogara — amarelo — arabu — arara — imo — leal — aral — grã — era — lê.

PARA VETERANOS

Horizontais: novíssimo — soror — algum — Od — ta — co — Sá — fadar — atuir — olaia — raiou — atuam — armai — Neide — mairá — it — An — es — ar — airis — época — milagrosa.

Verticais: nodal — or — votai — irara — sacar — ilola — Mg — ousio — sofomania — marupiara — Da — tetim — ui — adail — mensa — amear — raspo — mi — araca — ri — os.

O SAPS SE ESTENDERÁ A TODO O PAÍS



O edifício-sede do SAPS, a popular autarquia da Praça da Bandeira.

MAIS 111 POSTOS DE SUBSISTÊNCIA E 23 GRANDES RESTAURANTES POPULARES PARA CEM MIL TRABALHADORES, POR DIA ★ ARMAZÉNS DE ESTOCAGEM DE DISTRIBUIÇÃO E FRIGORÍFICOS ★ DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES CIENTÍFICAS E EDUCATIVAS DAQUELA AUTARQUIA.

TÃO logo tomou posse do cargo de diretor-geral do SAPS, o sr. Luís Corrêa iniciou os estudos para a execução de um plano de espansão da autarquia, de maneira a que seus serviços beneficiem realmente, o máximo de contribuintes dos órgãos de previdência em todos os recantos do país.

O dinamismo que imprimiu a todos os setores do SAPS no sentido da mais ampla realização dos objetivos da autarquia, tem sua correspondência no grande esquema do desenvolvimento de todos os serviços, nos quais serão invertidos os recursos financeiros, agora aumentados por lei pela maior participação dos Institutos e Caixas no custeio e manutenção do SAPS. O plano bienal — para os exercícios de 1954-1955 —, elaborado pelo atual diretor-geral, é outra grande demonstração da complexa e ampla tarefa do SAPS, que, dessa forma, pretende levar os seus serviços a nove Estados, onde até hoje não existe, sequer, um restaurante ou pôsto de subsistência, instalando, também, novos serviços nos Estados em que êles já existem.

No setor de abastecimento, foi planejada a instalação de armazéns para estocagem, distribuidores e frigoríficos em vários pontos do país. Os primeiros, juntos às fontes produtoras, para a compra ao produtor na safra, beneficiamento e estocagem. Os segundos, destinados aos centros de consumo, para suprimento dos postos e restaurantes, e da rêde de postos de venda em regime de «auto-serviço», para atender diretamente o consumidor. Os armazéns frigoríficos se destinam à estocagem de produtos perecíveis, tais como carne, leite, laticínios, frutas, legumes, etc., com capacidade total para cêrca de 10 mil toneladas.

Também a rêde de restaurantes populares será aumentada com a construção de mais 23, distribuídos em várias cidades e com capacidade para atender a 100 mil pessoas diàriamente. Além disso, granjas, fábricas e outros postos de abastecimento serão instalados.

As atividades técnico-científicas e educativas do SAPS também foram objeto de minucioso planejamento. Entre outras grandes realizações programadas nesse setor, citamos duas que, evidentemente, terão grande repercussão: a I Exposição Internacional de Produtos Alimentícios, que contará com a cooperação de vários países, como a Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha Ocidental, Espanha, Portugal, Itália, Finlândia, Suécia, Noruega e Argentina, e o I Congresso Brasileiro de Nutrição.

Por outro lado, a diretoria está empenhada na criação de um Departamento de Estudos Econômicos e Administrativos, que promoverá o levantamento das áreas de produção, assinalando as épocas das safras, características dos produtos, preço médio do custo, vias de transporte, fretes, etc., além de proceder à estimativa das safras, indicar as áreas de consumo, capacidade aquisitiva das populações previdenciárias, tendências do mercado, etc. É, como podemos verificar, um trabalho de alta valia o que incumbe ao SAPS.



Ilustração de MARIA TEREZA

COM EFES E ERRES

RENATO DE ALENCAR

QUANDO os escritores e jornalistas brasileiros começavam a preocupar-se com as fumaças etimológicas dos que advogam uma ortografia cheia de **th, ph, rh,** consoantes dobradas, grupos consonantais e outros carimbos de gente que lida e douta, era comum ouvir-se, de quando em quando, um plumitivo a perguntar lá de sua mesinha de trabalho: «F., como se escreve **mata;** é com dois **tês,** ou com um só?». Quantas vêzes o consultado também não sabia e dava uma resposta assim: «Conforme. Se a mata é grande e densa, você pode meter até três **tt...**» Para êle o **t** de **mata** era alegórico. Cada um representava um pé de pau. Ora, quanto mais **t,** maior e mais virgem a floresta: mata com um **t,** capão de mata; mata com dois **tt,** regular capoeira; mata de três **ttt,** já era uma coisa assim como a da Tijuca; mas, para escrever uma mata virgem impenetrável ao sol, cheia de mistérios, de árvores milenárias assim como as da bacia amazônica, então a mata que teria de ser usada, seria uma com muitos **tês: matttta...** Tudo isso passou com a reforma ortográfica atualmente em vigor; mas, infelizmente, os ortógrafos e convencionais caíram noutro cipoal. Ou melhor, meteram o povo, inclusive os jornalistas e escritores, noutras dificuldades tão impertinentes quanto aquelas dos velhos tributos à grafia etimológica dos gregófilos do século XIX. Foi a epidemia de acentos. Será digno de uma comenda papal, de um **crachá** do govêrno brasileiro, o cidadão que conseguir limpar o nosso vocabulário em vigor, dos enfeitinhos diacríticos que apresenta desde 1943.

● Os colegas de imprensa já não perguntam se **mata** tem t dobrado, se **retórica** se escreve com **th** ou **rh,** se **lyrio** é com **i** ou **y,** se **falar** leva dois **eles.** Mas as dúvidas continuam com maior ferocidade: «Como é, F. **vêzes** tem acento? e **fêz? Flor** leva o chapèuzinho?» E por êsse andar a fora, cada qual a tropeçar nos acentos gráficos, que muitos não entendem de jeito nenhum.

Não se pode negar que a reforma ortográfica decretada em janeiro de 1943 foi oportuna e de grande utilidade para o povo; mas criou uma idéia falsa sôbre êrro de português. E' preciso distinguir o êrro pròpriamente dito, de uma falha por desobediência à Lei. Se um cidadão escrever **preto** (prêto) sem circunflexo; flores, sem o mesmo acento; **somente,** sem o grave; **lençois,** sem o agudo marcando a sílaba tônica, não está cometendo nenhum **êrro,** e sim infringindo a Lei que manda usar os acentos gráficos segundo as regras da Reforma em vigor. Foram abolidas as consoantes dobradas inúteis, os grupos consonantais de origem grega, o s inicial unido ao **c;** mas impingiram tanto sinal, tanto acento, tanta novidade para adornar a nossa escrita, que mais parece um tormento mongol do que uma obra de filólogos e sabedores do vernáculo.



TEREZINHA AUSTREGÉSILO NÃO PER

TEREZA já foi debutante. Numa daquelas festas patrocinadas pela revista «Sombra», foi apresentada à sociedade carioca, ganhou presentes, tiraram seu retrato, mas ela — acabada a festa — foi tratar da vida: não quis virar grãfina. No começo do ano de 1953, resolveu ser atriz e procurou o melhor caminho, inscrevendo-se num grupo de amadores do Teatro Duse. No mesmo ano era considerada como a grande revelação teatral dos últimos tempos, graças à sua versatilidade e à grande atividade a que se dedicou. Mal aparecera no palco do Duse e já era contratada por Silveira Sampaio, a fim de estrelar a peça «O Cavalheiro sem Camélias», em palcos da zona sul e da Cinelândia. Surgiu num «show» de boite ao lado de Dorival Caymmi e venceu em tôda a linha, passando a mestre de cerimônias no espetáculo carnavalesco do Casablanca — «Esta vida é um carnaval».

Em menos de 12 meses conseguiu uma popularidade invulgar sem que, para tanto, saísse da linha. Apenas trabalhou bastante e representou melhor.

★

P — Esta vida é um carnaval?

R — Pergunte a Carlos Machado.

ER DE UMA...

A FILHA DO ACADÊMICO FAZ DOIS TEATROS: UM POR AMOR À ARTE E OUTRO PARA GANHAR DINHEIRINHO ★ FOI DEBUTANTE NUMA FESTA PATROCINADA PELA REVISTA «SOMBRA» MAS NUNCA QUIS SER GRÃ-FINA ★ SABE QUAIS SÃO OS PIORES PARTIDOS DO BRASIL E APONTA O MAIOR ★ PREFERE NÃO DIZER QUAL A SUA MAIOR EMOÇÃO E EXPLICA QUAL SERIA O HOMEM IDEAL

Texto de STANISLAW PONTE PRETA — Fotos de ARNALDO VIEIRA

é um ... popu... salsse ... repre...

P — Você também é fórmula do prof. Austregésilo?

R — Sou. Papai perdeu a receita.

P — Qual é o teatro que você prefere?

R — Comédia. Comédia. Comédia.

P — Porque trabalha em revista?

R — Pra ganhar dinheirinho, o que é muito bom.

P — Qual é o maior compositor popular?

R — Ari Barroso.

P — E entre Fernando Lôbo e Antônio Maria, qual o que você prefere?

R — Dorival Caymmi.

P — Qual o ator brasileiro de sua predileção?

R — Paulo Autran.

P — E atriz?

R — Cacilda Becker.

P — Quais os 10 piores partidos do Brasil?

R — Rubem Braga, Lúcio Schiller, Bombonati, Roberto Liberal, Fernando Ferreira, Renato Wilman, Pascoal Carlos Magno, Carlos Peixoto, Zé da Zilda e você.

P — E o maior?

R — O maior é o Flamengo.

P — Partido, sua bôba!

R — Social Democrático.

P — Não é isso, Tereza. Qual o maior partido pra casar?

R — O irmão de Ali Khan, que ainda não foi inaugurado.

P — Que é que você acha do nosso Presidente?

R — Formidável.

P — Quer dizer que você é getulista?

R — Não, eu estou me referindo ao dr. Gilberto Cardoso, presidente do Maior.

P — Você seria capaz de se apaixonar por um homem baixinho, carequinha e barrigudinho?

R — Como não! Eu já gostei de coisa pior.

P — Se você virasse homem, qual seria a sua primeira providência?

R — Telegrafaria para Porfírio Rubirosa, perguntando: «Agora que é que eu faço?».

P — Qual é a sua idade?

R — Posso mentir?

P — Eu não esperava outra coisa.

R — 19.

P — Qual foi a sua maior emoção até hoje?

R — Não posso dizer.

P — Teatral, Tereza.

R — Quando me aplaudiram em cena aberta, no 3º ato de «O Cavalheiro sem Camélias».

P — Qual a atividade de vida que você leva mais a sério?

R — Teatro.

P — Se você fôsse montar uma peça, quais colaboradores escolheria?

R — Autor: Guilherme de Figueredo, ator: Sérgio Cardoso, diretor: Ziembinski, cenógrafo: Santa Rosa e estrêla: Tereza.

P — E a atriz coadjuvante, quem seria?

R — Tallulah Bankhead.

P — Qual o seu figurinista favorito?

R — Dior, Givenchi, às vêzes Fath.

P — Qual a mulher mais elegante do Brasil?

R — A sra. Nelson Caldeira, de S. Paulo.

P — E a mais deselegante?

R — Dona Alzira do Amaral Peixoto, do Estado do Rio.

P — Qual a coisa que mais realça a elegância feminina?

R — O sapato.

P — Qual o homem ideal?

R — O homem «scratch» teria: o físico de Marlon Brando, a cara de Lawrence Olivier, a elegância de Evaldo Ruy, a doçura de Vinicius de Morais, a voz de Luís Jatobá, a verve de Antônio Maria, o desprendimento de Clóvis Graciano, a fortuna de Aga Khan, a pobreza de Augusto Frederico Schmidt, a experiência de Hemingway, a inteligência de Jean Cocteau, a bondade de S. Francisco de Assis e teria que me declarar amor em italiano.

P — E agora me diga, você dorme de pijama ou de camisola?

R — Nem uma coisa nem outra.

P — E onde é mesmo que você mora?

R — No último andar.

P — Por onde se manifesta o seu patriotismo?

R — Pelo paratimbum do hino.

P — Qual a coisa que mais lhe amofina?

R — Responder perguntas.

P — Então boa noite?

R — Boa.

ENTREVISTA
"PING-PONG"



Terezinha JANE RUSSELL

TEREZINHA RESUME HOLLYWOOD EM CINCO POSES



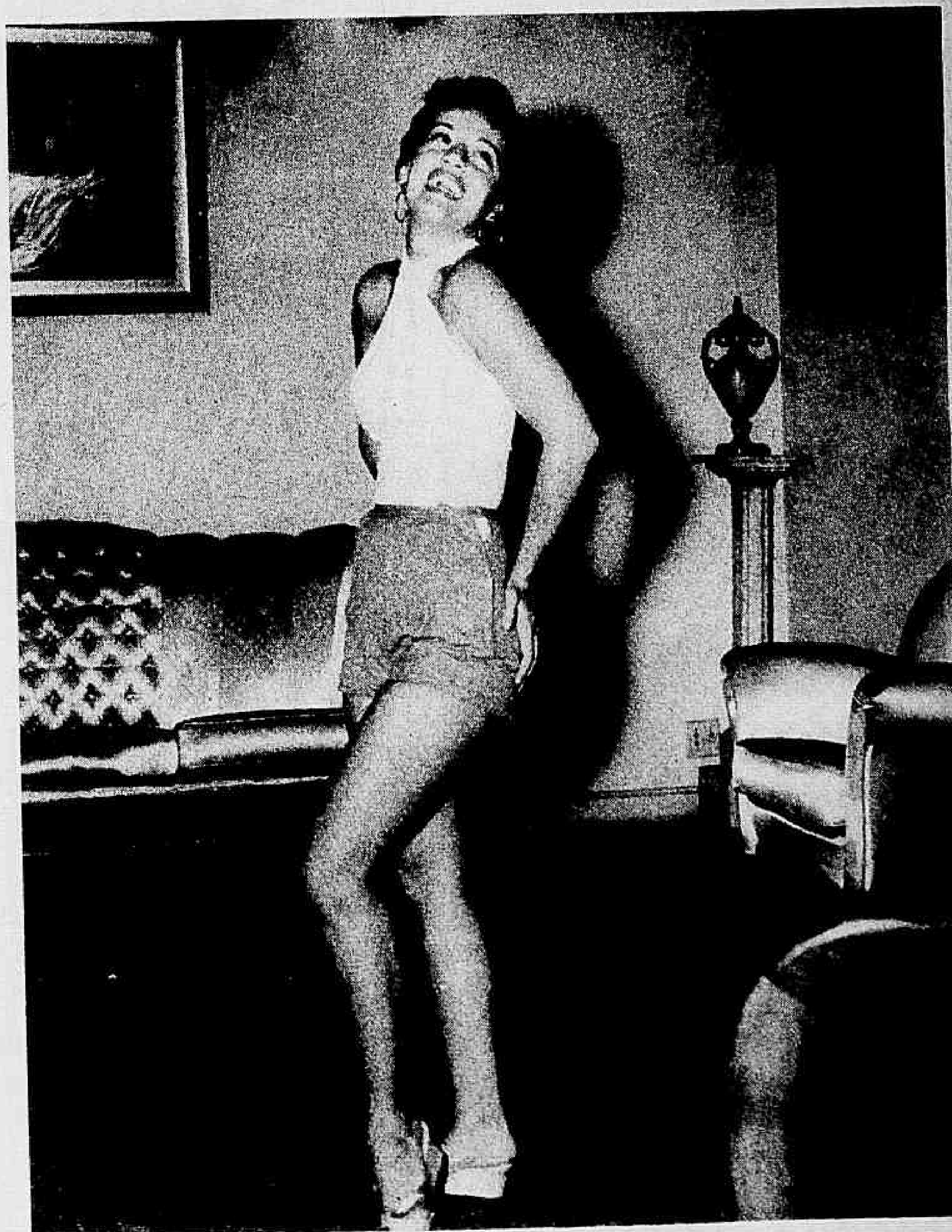
Terezinha ESTHER WILLIAMS



Terezinha AVA GARDNER



Terezinha LESLIE CARON



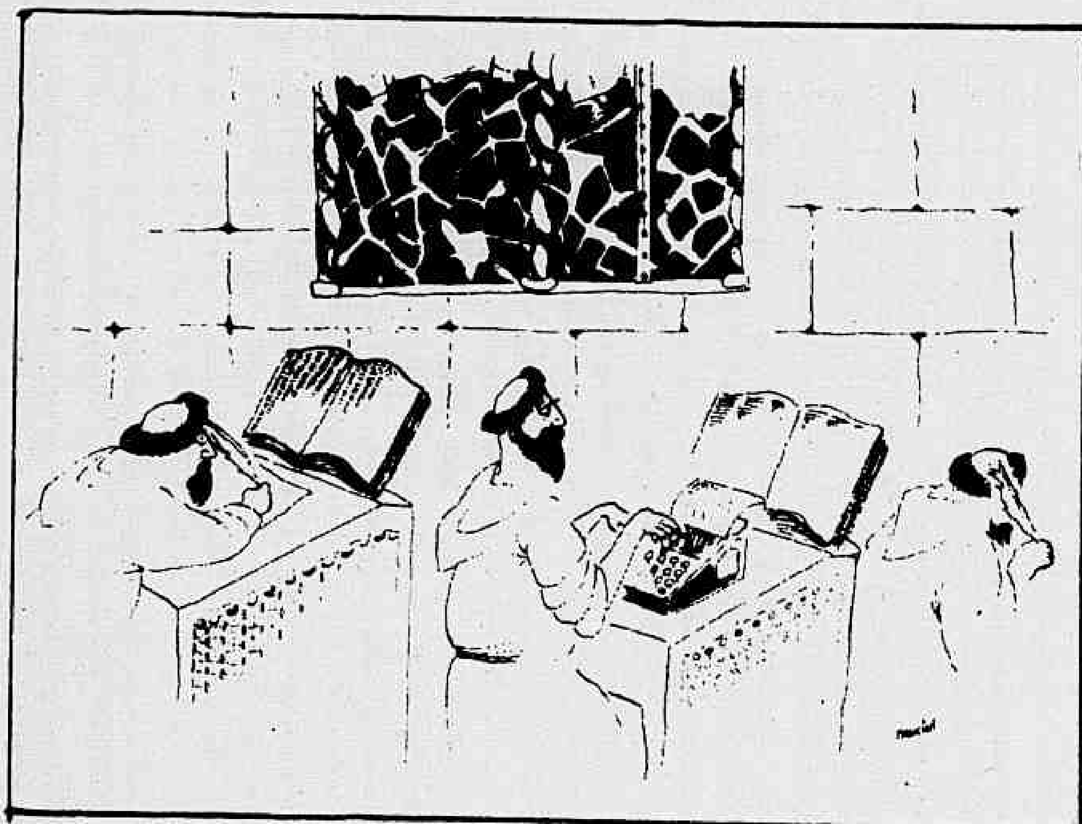
Terezinha MARILYN MONROE

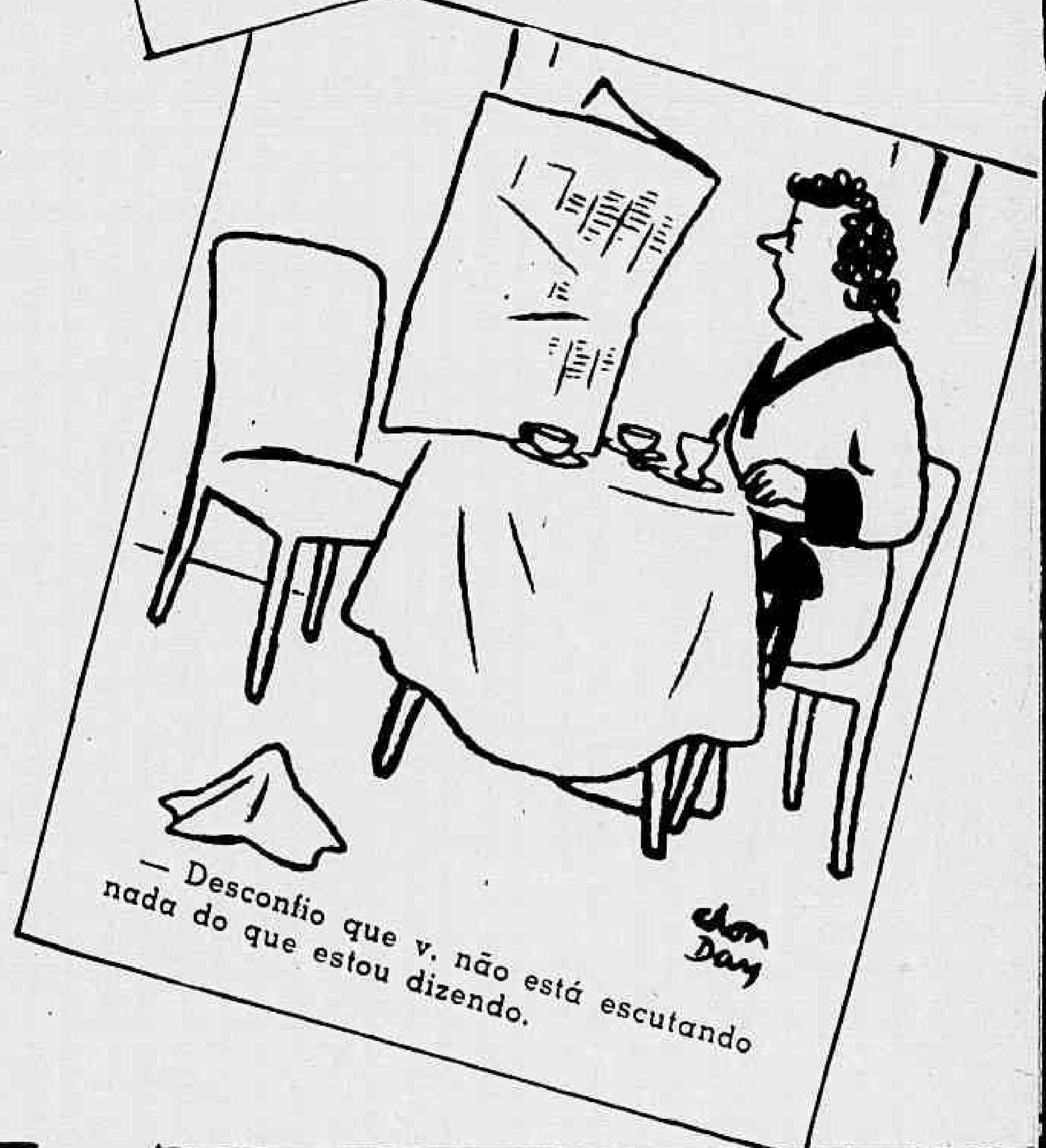


— Profissão?



— Êste hotel deve ser mais alto do que supúnhamos, Rosalina. Você sabe em que andar estamos?



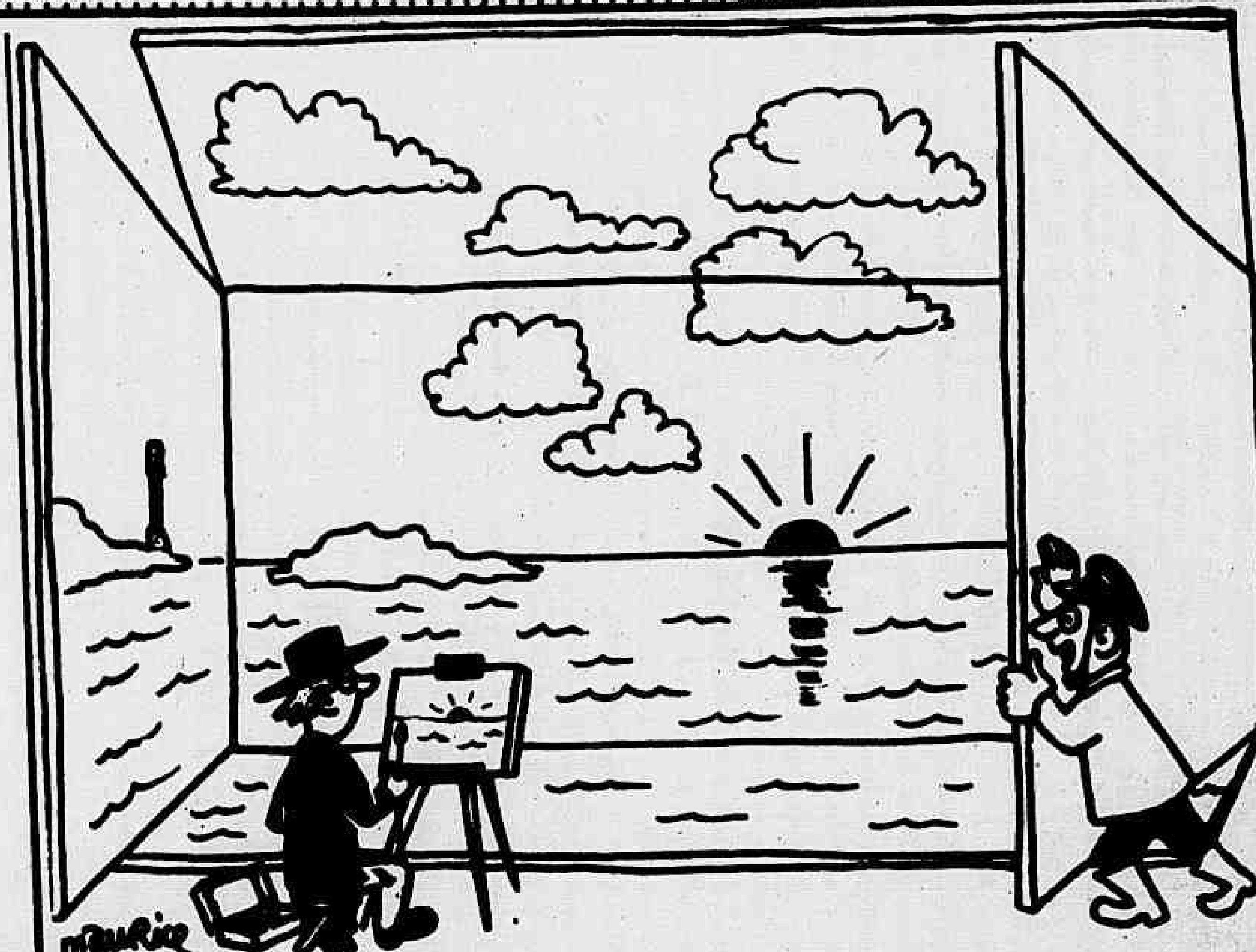


— Desconfio que v. não está escutando nada do que estou dizendo.

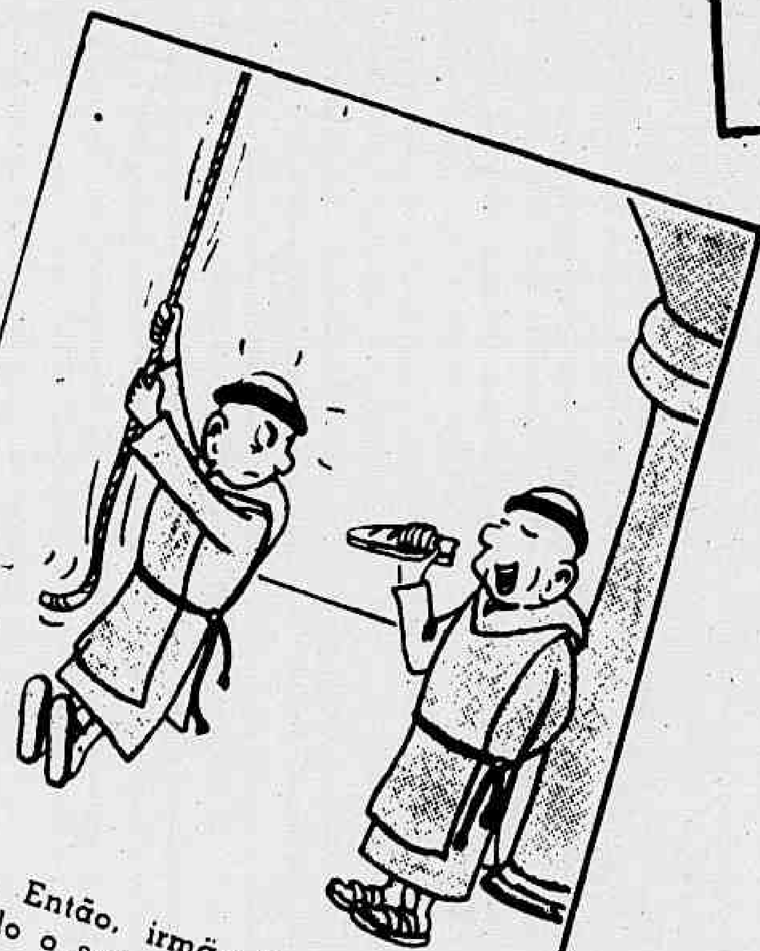




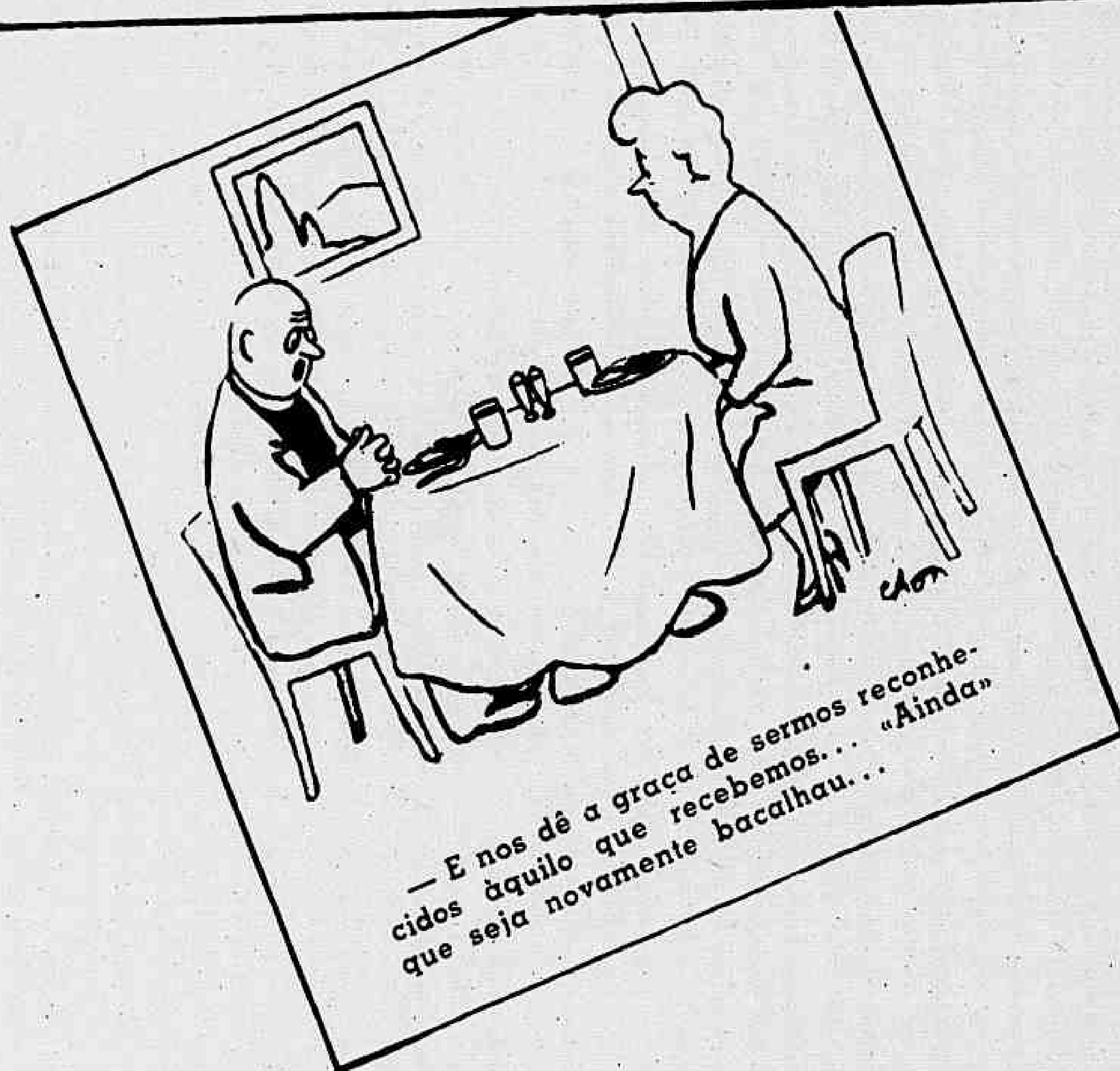




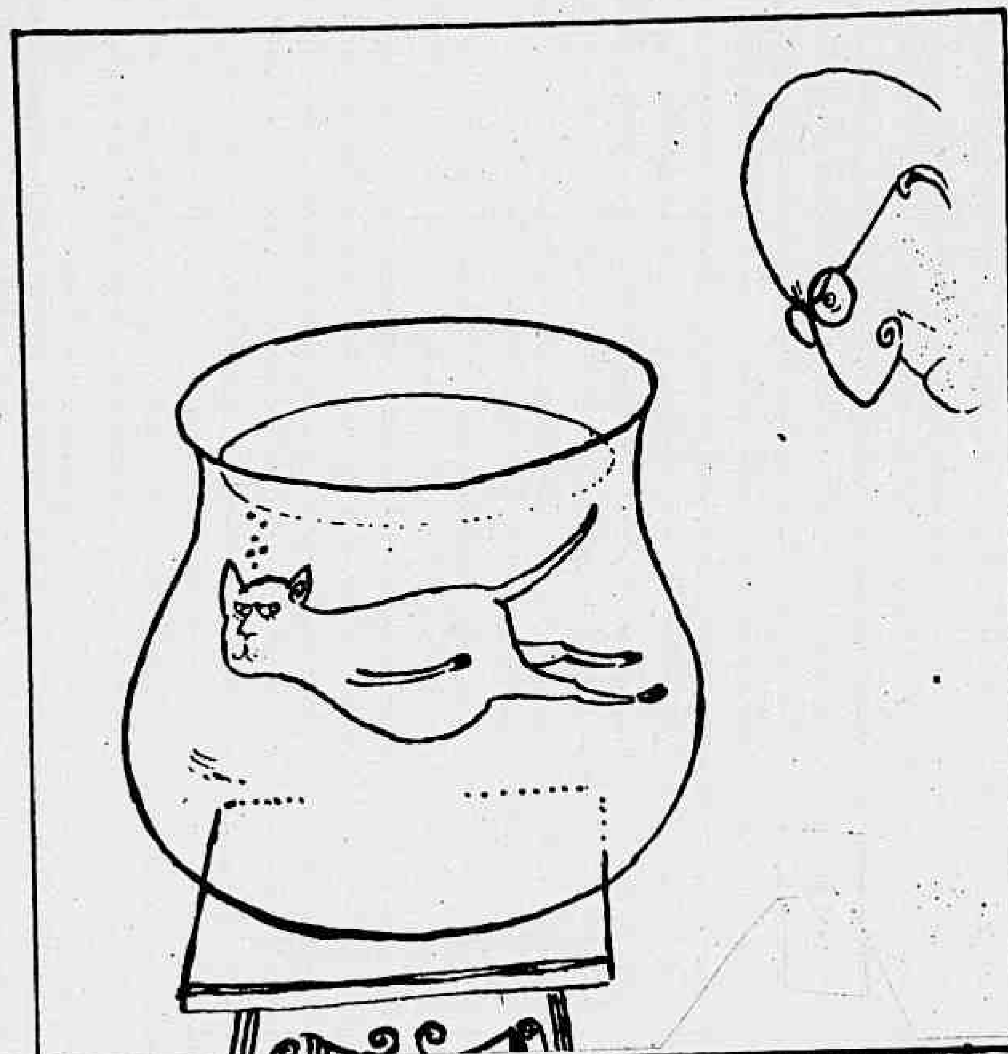
— Eu dobro a paisagem, embrulho, e o senhor termina em casa, está bem?

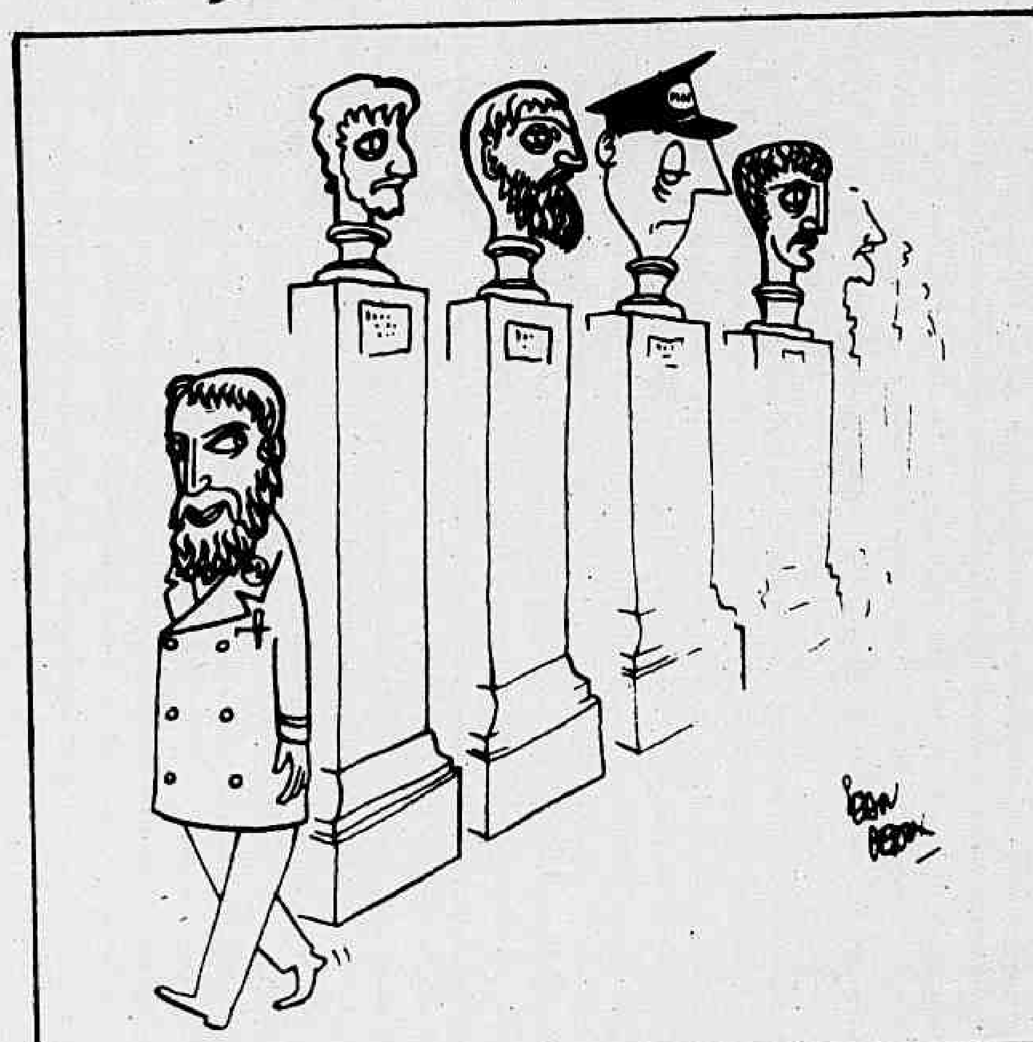


— Então, irmão Manuel, tocando o seu sininho?



— E nos dê a graça de sermos reconhecidos àquilo que recebemos... «Ainda» que seja novamente bacalhau...





O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

UM LOUCO NA CHUVA

ANTONIO MARIA

É a chuva mais forte que caiu em cima de mim e, enquanto homens e mulheres disputam as marquises, correm atrás dos táxis, invadem as lojas, resolvo andar. Visto calça e camisa. Tenho 120 mil réis em três cédulas sujivelhas de circulação paulista. Já aos primeiros minutos dêsse prazer de fôro íntimo, estou só, como um rei, como um louco, andando na chuva. Molham-se-me os cabelos e a água escorre pelo rosto, entrando pelo nariz e pela bôca. Ensopam-se a camisa e a calça, os sapatos começam a encharcar-se e andam aos guinchos. Ponho as mãos no bôlso e o dinheiro virou lama. Jogo-o fora e ando. Os pensamentos são inesperados e vários. Poderia começar, aqui, uma nova existência, sem lembranças de nomes e de paisagens, sem orgulho do avô, sem uma só vaidade presente ou passada. Entro na 24 de maio, dobro a Dom José, volto à avenida e sigo ao longo da Ipiranga. Ocorrem hipóteses esquisitas, como por exemplo a da morte de Sílvio Caldas. Começo a ouvir «Chão de Estrêlas», só em orquestra. Os violinos estão fraseando, em massa, aquêle pedaço que diz: «nossas roupas comuns dependuradas na corda, qual bandeiras agitadas». Aí chego a uma saudade e começo a sentir como uma evidência recente: Sílvio Caldas morreu. Tôdas as estações de rádio estão fazendo o seu necrológio e me convidam para dizer alguma coisa. De mim, esperam palavras importantes e o silêncio se abre em volta como um cordão de isolamento. Minha garganta está cheia de soluços. O som da minha voz é trêmulo, hesitante e digo, apenas: «Sílvio Caboclinho Caldas Aulete, fôste a sonoridade que acabou». Agora, a orquestra modula e os metais estão fazendo a primeira frase de «Faceira». De repente, fica só o ritmo, enquanto o violoncelo sai de sua dignidade, para solar: «que eu te conheci, faceira, fazendo visagem, passando rasteira»... e o piano, com preguiça, responde: «ô que bom, que bom, que bom». Chove mais ainda. E' necessário tirar os sapatos e pendurá-los no dedo.

● A camisa está gelada, ficou transparente e se cola nas costas, agoniando. Tusso. Certamente, terei uma pneumonia dupla, que é mais cara. Devo estar inteiramente louco. Por que imaginar a morte de Sílvio Caldas? Seria um revide ao sentimento geral pela morte de Chico Alves? Antes, devia perguntar: por que estou andando na chuva? Descalço na rua de São Paulo, tremendo de frio, adoecível do peito dentro de meia hora, descubro que a vida de Sílvio Caldas é uma velha canção necessária a todos nós; que sua morte, em moldes trágicos, traria o povo para a rua, em procissão de entêrro, para cantar — com tubas e bombardinos — no tom mais grave possível a um coral misto, a marcha d'As Pastorinhas.

Estou pràticamente nu, moralmente nu, caminhando na chuva. Deveria, agora, ser uma nova pessoa, que se chamasse Clementino, que não sentisse saudades, que não quisesse bem a ninguém, sem casa, sem emprêgo, sem receita e sem despesa. Um homem com frio — mais nada — com os lábios descoloridos e as pontas dos dedos engilhadas. Ofereceria todo o meu estado à compaixão do próximo: minhas vestes aos asco e minhas mãos à esmola. E, quando entro numa rua de moradia familiar, uma mulher desce um vidro de limousine e me espia apreensiva. Era aquêle, exatamente aquêle, o momento de começar a ser mendigo, extender-lhe as mãos e pedir. No entanto, em nome de uma alma incorrigível que rege minha insensatez física e sentimental, em lugar das mãos, extendo-lhe meus olhos que, mudos, lhe pedem um cobertor e um abraço. Queria ser um homem integrado na miséria e fracassa o mendigo, na hora em que a chuva e o frio seriam o seu melhor disfarce de pobreza. Fracassam as aparências de resignação e desamparo, porque a devoção ao carinho novo continua sendo um motivo de persistência e heroísmo. Um homem assim não deve começar de novo. Não se livrou, não se curou de nada: das saudades, das manhas, da astutice, da emotividade burguesa, do cultivado apêgo à sua existência de seresta. Tem que se conformar, voltar para o hotel, vestir o terno azul e gravata prateada.

Desenho de DAREL





A fantasia do centro foi inspirada em «Quo Vadis». Execute-a em jérsei amarelo com os enfeites em azul. Em volta, uma porção de sugestões interessantes, das quais destacamos: «Vinicius» (também de «Quo Vadis») em amarelo e negro; «Mexicana» — sarong amarelo e vermelho com franjas e chapelão de palha.

EIS uma porção de sugestões para o nosso Carnaval carioca — vibrante, entusiástico e principalmente "quente" — em todos os sentidos. Por isso mesmo, o nosso desenhista sugere modelos "refrigerados" — em sua maioria "shorts" ou "sarongs" — agradáveis de se usar, confortáveis e, conquanto muito graciosos, de confecção bastante módica, o que é importantíssimo nesses tempos de crise. — FLAMA.

● O croquís ao lado apresenta uma fantasia de «Pirata Moderno»: calças três quartos, em lonita preta e branca, amarrada no joelho, e blusa frente única em lonita vermelha com gola listrada.





CASTILHO



MAURO



...NTOS

O SELECIONADO

A CO... DO MU... DE 19...

OS palpites se sucedem acêrca da formação do selecionado brasileiro que disputará as eliminatórias com os chilenos e paraguaios, a fim de classificar-se para as finais na Suíça em julho. REVISTA DA SEMANA resolveu, então, depois de consultar diversos entendidos no assunto, apresentar a sua opinião acêrca do selecionado,



BAUER

JULINHO



RUBENS

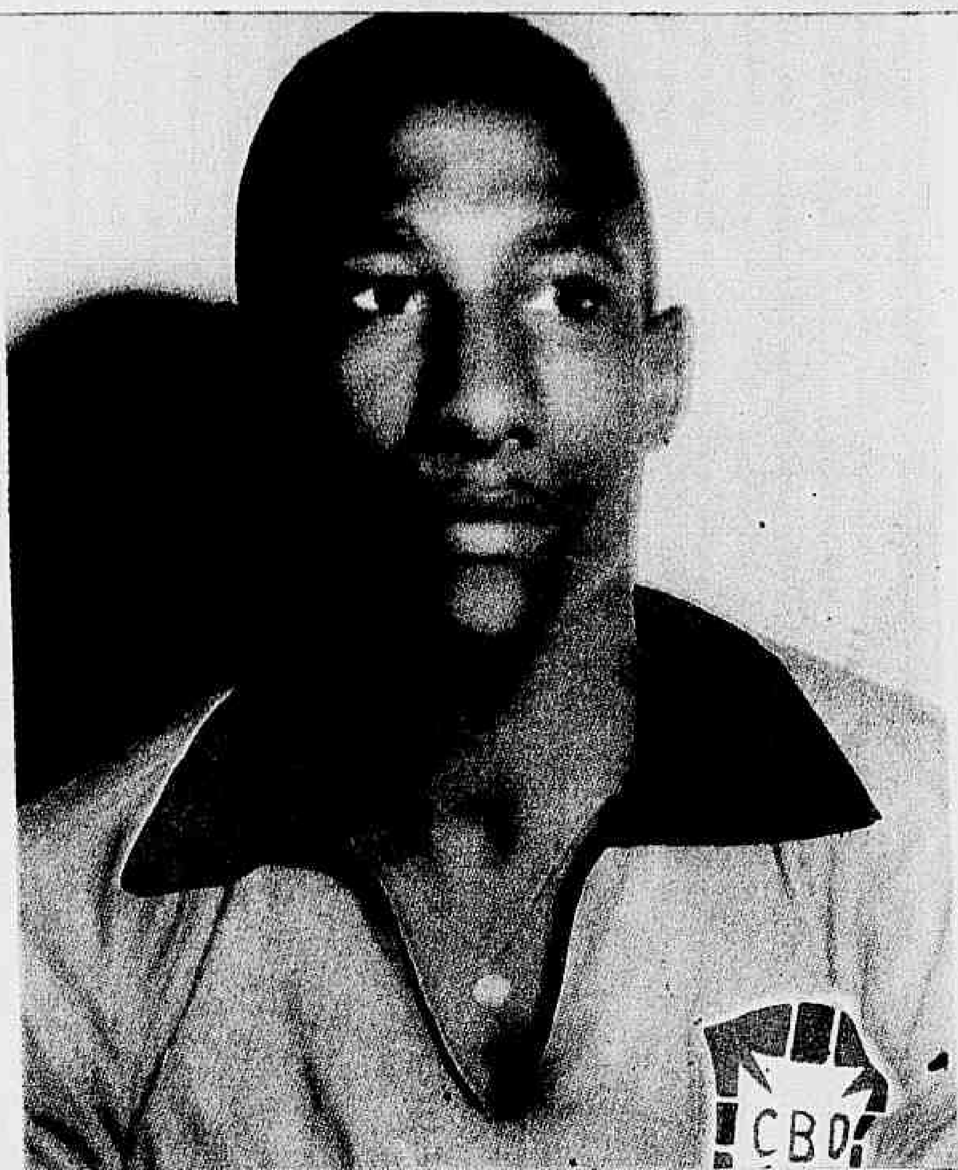


...RLYL...





NTOS



D. SANTOS



ZEZÉ MOREIRA

DO BRASILEIRO

OPA
UNDO
1954



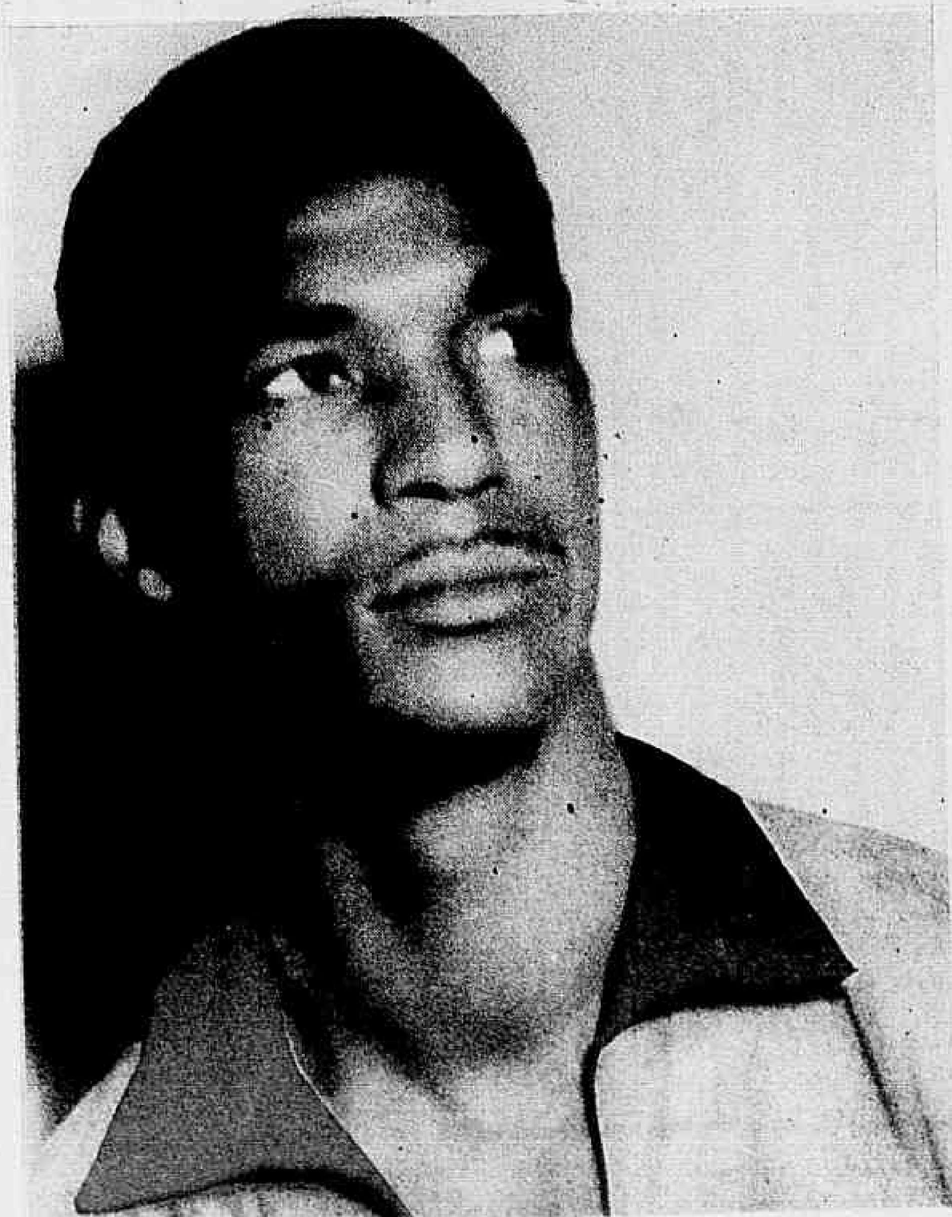
BRANDAOZINHO

baseando-se nas declarações de Zezé Moreira de que o "scratch" do pan-americano de 52 seria a base da equipe nacional: goleiro — Castilho; zagueiros — Mauro, Santos e Djalma Santos; médios-volantes — Brandãozinho e Bauer; atacantes — Julinho, Rubens, Carlyle, Didi e Rodrigues.

ARLYLE



DIDI



RODRIGUES





9 PEQUENAS PARA um RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIN

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem arquiteto Michel resolve gozar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará com um grupo de nove moças. Partem e êle se vê às voltas com Catherine, Denise, Nicole, Andrea, Colette e outras que embarcam depois. Em Rijeka o guia que os espera é também uma moça. Hospedam-se em uma Casa de Estudantes. Vão à praia, comem num restaurante socialista, andam em trem subterrâneo e à noite vão a uma «boite». No dia seguinte embarcam num vaporzinho superlotado para Sibenik onde descobrem que não há hotel reservado para êles. Finalmente conseguem alojar-se. Michel quer dar uma volta pela cidade mas o guia resolveu que irão às cascatas de Krka. O carro em que deviam ir enguiça e fica resolvida então uma visita ao museu e Michel é que aguenta a explicação monótona do encarregado pois as pequenas debandam para o jardim. Voltam ao hotel e pouco depois sabem que o carro está consertado para levá-los às cataratas. E num auto antigo e sacudido são levados até o grandioso espetáculo das quedas dágua. Todos apreciam o cenário lindo. Depois disso está programada uma visita à Catedral. Desta vez é Michel quem escapa e feliz dá uma volta pela cidade gozando aquela liberdade tão rara. De volta ao hotel encontra a turma que o repreende e a guia informa sêcamente que embarcarão num grande navio para seguir a visita. Embarcam e quando Michel quer fotografar o cenário avisam-no que ali é zona militar portanto é proibido tirar fotografias.

— NÃO, não podemos fazer isso.

Eu me senti deslocado por aquêles elementos extremistas do meu exército e que eram mais realistas que o rei.

Daquele momento em diante as hostilidades eram claras entre Léna e as francesinhas, e o pior é que eu me sentia o motivo daquela batalha. Romper com Léna desde o início da viagem me parecia loucura e era melhor política contemporizar. Depois de muito pensar achei um argumento forte de defesa:

— Nós somos os convidados, é preciso não esquecer isto.

— Mas você não parece ver, meu caro Michel, que esta dona o está levando pela coleira!

— Por que buscarmos aqui casos pessoais? não fica bem. Trata-se apenas de que somos aqui uma representação quase oficial. Vocês acham que alguém pede a opinião do presidente da República quando é preciso que êle faça uma inauguração oficial? Êle talvez prefira ir a um cinema ou tomar um sorvete mas não pode por motivos diplomáticos impor seus caprichos.

Sei que minhas meninas não estão convencidas mas enfim, graças à minha energia consegui que me atendessem.

Quanto à Léna prometi a mim mesmo fazê-la acertar o passo oportunamente.

O encarregado nos esperava postado no tôpo da escadaria de honra.

Léna nos apresenta com cerimônia e formalmente a visita começa.

Creio que foi Valéry quem disse que não há maior tristeza do que visitar um museu quando lá fora resplandece um sol magnífico.

O encarregado para facilitar as coisas não falava francês e Léna naturalmente servia de intérprete.

O braço estendido numa atitude nobre o encarregado mostra no teto um lustre ornado de fôlhas de acanto.

— O que é isto (pergunta Colette vendo uma peça estranha).

— Que me enforquem se não é um capitel romano da época de Augusto (respondo com convicção).

Mas Léna explica que se trata de um interessante e raro fragmento de um banheiro gótico do século XII; ela parece sentir prazer em me contradizer. Noto que as minhas meninas me olham com desdém e então esboço um leve sorriso que as faz crer que me divirto em burlá-las.

Durante o resto do dia me perdi em conjeturas sôbre a eficiência daquele sorriso sem chegar a uma conclusão satisfatória. O encarregado deve ser um velho apaixonado pelas pedras romanas pois não me poupa uma sequer.

Eu aceno com a cabeça com expressão interessada apenas para parecer polido porque embora não o demonstre já estou meio saturado de velhos fragmentos de colunas e de banheiros antigos.

Mas êle não desiste, descobre mais um a cada passo e em vista do meu interêsse está até disposto a ir à sua casa buscar um detalhe precioso e interessante mas eu recuso e êle me agradece a gentileza do sacrifício porque o tal detalhe é realmente muito pesado.

O leitor vai achar com certeza que de vez em quando eu me torno impertinente como centro de interêsse e que quero agora, por exemplo, fazer crer que êste distinto cavalheiro não se interessou senão por mim não dando a devida importância às nove moças que completam o grupo.

A verdade porém é que as nove moças, sem se importar com suas posições de visitantes, sumiram logo no início me deixando só, pobre vítima inocente, suportando as honras da tal visita especial.

É difícil imaginar os apuros que pode sofrer um indivíduo que ao visitar um museu deixa saber que é arquiteto. Daí por diante nada lhe é poupado e geralmente êle só é salvo do suplício quando chega a hora regulamentar de fechar o museu e então êle sai estenuado, tonto, supersaturado de valiosos elementos para enriquecer as fontes de inspiração de sua arte. O mesmo acontece na vida prática ao saber que o inquilino é arquiteto a dona da pensão dá o bote como uma pantera e o leva para o quarto de banho, apesar dos veementes protestos, e quer que o coitado conserte o chuveiro que não funciona. Outras vêzes o leva de noite para o quarto das crianças e acende a luz acordando as ditas crianças que se põem a gritar que o Bicho Papão chegou para os comer mas a dona da pensão indiferente a tôda a confusão sobe no guarda roupa para mostrar no teto uma goteira que precisa ser consertada, enquanto isso ela não pára de avisar para que o arquiteto não suba no armário que não aguenta e só resta ao pobre infeliz concordar que realmente há uma goteira no quarto das crianças. E no corredor a boa senhora conta que já chamou quatro arquitetos para resolverem porque o terraço vasa água para o quarto das crianças mas que nenhum teve capacidade para resolver o problema e o arquiteto-inquilino sente que vai entrar possìvelmente para a crônica. Pouco depois sentado numa escada com as pernas balançando no ar, o jovem leva horas tentando convencer a boa senhora que não é possível consertar um tal defeito só por ser arquiteto e que é preciso um pedreiro e material para levar a efeito a façanha. E o rapaz volta despenteado, sujo e empoeirado para a sala pelo braço da dona da pensão que não pára de falar nem para tomar fôlego mas que está satisfeita por ter esclarecido a questão e por ter oportunidade de queixar-se a um membro da classe a sua falta de confiança nas possibilidades da citada classe e que são todos iguais sendo que alguns não têm sequer a boa-vontade que é afinal o predicado único de alguns escolhidos.

E o pior de tôda a questão é o olhar desconfiado que acompanha vagarosamente a dupla e a conversa, sendo êste olhar do marido da referida dona da pensão, e que não parece apreciar o aspeto de desalinho do arquiteto.

Mas, como estava contando, sou finalmente libertado do meu passeio pelo interior do museu e agradeço efusivamente ao encarregado a atenção e êste lamenta repetidas vêzes por não ter podido mostrar a peça mais preciosa de sua coleção a tal que está ainda em sua casa e que é muito pesada para carregar.

Enquanto isto encontro as minhas meninas displicentemente e orientalmente reclinadas à sombra de altas colunas e tendo nas mãos grandes cachos de uvas extraordinàriamente grandes que elas comem com prazer.

Faço menção de censurar-lhes o procedimento insensato mas Françoise num gesto displicente e natural me oferece expontâneamente um grande cacho de uvas pretas grandes e geladas.

E eu que estava morrendo de sêde e de calor!

E assim um cacho de uvas deliciosas compra o meu silêncio.

★

Um jovem todo empertigado vem anunciar à Léna que o carro já está consertado. Êste chega pouco depois sacudindo-se como uma carroça e provocando uma nuvem de poeira e fumaça à sua passagem.

Quando a tal nuvem enfim se dissipou um pouco conseguimos afinal ver a porta e embarcamos naquele veículo antiquíssimo que tinha o apelido familiar de «Dínamo».

A estrada ziguezagueava pela montanha e passamos por velhos e crianças montados em burrinhos bíblicos.

Uma planície aparece então diante de nós, cheia de luz e de uma solidão desértica.

Bruscamente o carro se sacode e pára.

Pensamos alarmados em outro enguiço mas Léna nos explica que teremos que caminhar por um pequeno atalho para chegar às famosas cataratas.

Um calor impiedoso cai em vertical sôbre nossos ombros.

— Léna é completamente gira (murmura entre os dentes cerrados uma das minhas meninas). Ela quer ver a nossa caveira. Eu, por mim, me recuso de ser enterrada aqui!

(Continua no próximo número)



WEEK-END NA COZINHA

NOS DIAS DE CALOR EXPERIMENTE UMA SOPA FRIA!

● As melhores sopas frias não são as dos restaurantes, mas sim as preparadas em casa. Jantei uma vez com um italiano dono de um restaurante. A refeição foi precedida de uma sopa tão suculenta que não pude conter minha indignação. Perguntei-lhe porque não incluía aquela sopa no menu de seu restaurante!

● Êle sacudiu os ombros. — "Porque é boa demais" — respondeu-me. — Se servisse uma sopa assim aos fregueses êles nunca mais pediriam pratos como lagostas, costeletas ou caviar. De um modo geral, a dona de casa sabe pouca coisa sôbre sopas. Porém a variedade delas é infinita, inclusive as formidáveis sopas de frutas que no verão são deliciosas. TIA DULCE.

NA Dinamarca, por exemplo, é muito usada uma **sopa de ameixas.** Eis como a preparam:

Lave 400 gramas de ameixas maduras, corte-as pelo meio e retire os caroços. Coloque-as numa panela com um quarto de xícara de açúcar, um pau de canela e um litro dágua. Deixe ferver, e cozinhe as ameixas até ficarem macias. Depois, passe as ameixas com o suco numa peneira fina, de taquara. Leve novamente ao fogo para ferver. Misture duas e meia colheres das de sopa de maizena com um pouco dágua fria e junte a sopa fervendo. Deixe ferver por cinco minutos, mexendo sempre com uma colher de pau. Logo antes de tirar a sopa do fogo, acrescente três colheres das de sopa de vinho branco. Sirva esta sopa quente ou fria, com um pouco de creme de leite batido em cima. Vai ter uma surprêsa!

★

A maioria das pessoas, quando pensa em sopa — se pensa em sopa alguma vez — é como um prato quente que deve ser servido no inverno. No entanto, algumas das sopas mais deliciosas são as sopas

frias, saborosas e nutritivas num dia escaldante. Como, por exemplo, esta **sopa húngara de cerejas**, que se prepara assim:

Numa panela, misture meio quilo de cerejas frescas, uma colher das de chá de sal, duas colheres das de sopa de açúcar e um litro dágua.



Deixe ferver e cozinhe durante 20 minutos. Separe o suco das cerejas cozidas numa outra panela, ponha para cozinhar em fogo brando e engrosse-a com uma colher das de sopa de maizena, dissolvida em um pouco dágua fria. A seguir, passe as cerejas numa peneira fina de taquara, e junte o purê assim obtido ao suco engrossado. Deixe cozinhar por mais cinco minutos. Tire do fogo e junte uma xícara de creme de leite, grosso. Deixe esfriar na panela e depois ponha para gelar. (Esta receita também pode ser preparada com maçãs ácidas, em vez de cerejas).

★

DEIXANDO de lado, por um momento, as sopas de frutas e frias, eis aqui uma **sopa muito leve para o verão:**

Prepare dois litros de caldo de galinha (nem muito rico nem muito ralo). O caldo deve ser preparado com legumes que serão retirados. Está pronto? Pois bem, junte-lhe uma xícara de massa muito fina (cabelo de anjo). Ferva o caldo com a massa, até que fique macia, mas não desmanchando (cêrca de dez minutos).

Enquanto isso, ponha as gemas de seis ovos numa tijela e acrescente-lhe o suco de três limões. Bata-os até que os ovos e o suco de limão fiquem bem misturados. Depois, acrescente devagar uma xícara do caldo quente, batendo com fôrça o tempo todo. Quando estiver tudo bem misturado, ponha devagar na sopa quente, batendo ràpidamente enquanto mistura. Continue a misturar, até que os ovos tenham cozinhado e engrossado a sopa. Sirva imediatamente. Ainda que esta não seja uma sopa quente é um prato gostoso e leve, para o verão.

★

VOLTANDO às sopas frias eis uma receita da Califórnia. E' tão refrescante quanto uma limonada e tem mais sabor do que um ponche gelado. Misture, numa tijela de tamanho médio, um litro de suco de tomate, meia cebola picadinha, o suco de um limão, duas colheres das de sopa de pimentão verde, picadinho, meia colher das de chá de môlho inglês, um pepino descascado e picadinho (tamanho médio), meio litro de caldo de galinha, frio, sem gordura. Misture tudo bem. Depois, junte um abacate picadinho e duas colheres das de sopa de azeite de oliveira. Torne a misturar tudo bem. Tempere com sal e pimenta. Deixe gelar bem. Sirva com quadradinhos de pão, torrado com queijo parmezão ralado. Será um sucesso!



★

UMA das sopas mais recomendadas para o verão e que todo mundo devia conhecer é o **borscht gelado.** E' assim:

Misture uma xícara e meia de consomé ou de caldo de galinha gelado, uma xícara e meia de beterraba cozida, cortada em pedacinhos muito pequeninos e com o caldo, uma xícara de creme de leite (sem açúcar), sal e pimenta a gôsto. Misture bem com o batedor elétrico ou manual. Sirva gelada, com uma rodela de limão ou com cebolinhas verdes picadas por cima.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povoa a mente das jovens exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça — espôsa e mãe de amanhã. Com efeito a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto **Regulador Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que freqüentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até avistados com o uso do **Regulador Gesteira.**

A ação que o **Regulador Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do **Regulador Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 20 E 26 DE FEVEREIRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não haverá modificação sensível na sua posição, na semana que se inicia a 20 do corrente. O ambiente astral, em relação ao seu dominante, continuará muito propício à situação do leitor. Os melhores dias serão 21, 24 e 25.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O leitor ocupará uma posição muito mais vantajosa, na semana entrante. Os negócios se desenvolverão com facilidade, estando assegurados maiores lucros. Os dias 24 e 26, porém, não comportam empreendimentos de porte.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A vida sentimental atravessará uma fase insegura. Haverá rompimento brusco de relações. Os próximos dias não se prestam para o início de associação de interêsses, formação de sociedade comercial, etc. Não assine contrato ou documentos importantes, nos dias 22 e 26.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Poderá ativar seus negócios. O período será excelente para o desenvolvimento de uma boa propaganda, mesmo eleitoral. Os assuntos políticos vão ativar-se consideràvelmente e com vantagem.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Astrològicamente, no seu caso, a semana será anti-ressonante. Queremos dizer: seus apelos não serão ouvidos, nem atendidos os pedidos que fizer, por mais justos. Faça o grande sacrifício de se manter calado. Assim, não dirá das suas necessidades nem sofrerá desilusão.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Sòmente o dia 26 da nova semana lhe será desfavorável. Os dias restantes lhe oferecerão excelentes oportunidade para a realização dos propósitos justos de que estiver animado. A época será boa para a obtenção de um melhor salário ou de um outro emprêgo.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Seus negócios serão muito atenuados no próximo período. Não haverá margem para lucros compensadores. Será possível uma complicação de natureza legal ou fiscal, com o agravante de um processo.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O leitor terá uma semana favorável, especialmente no que disser respeito à vida social. O período reclamará grande atividade e lhe dará oportunidade para iniciar relações as mais proveitosas para o futuro.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Poderá tentar a realização dos seus projetos, das idéias já amadurecidas. O período será ótimo para o início de qualquer coisa, a instalação de um negócio, a formação de uma sociedade ou o lançamento de um empreendimento comercial ou industrial.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Mantenha-se discreto, tão reservado como possível. O ambiente estimula as discussões que degeneram um conflito. Além do mais, a traição estará no ar, à procura de uma vítima.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os três primeiros dias da nova semana serão inteiramente contrários aos interêsses do leitor. Não ative seus negócios em tais dias. Nos restantes poderá empreender alguma coisa, sem estimá-las muito, porém.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Sua chance será máxima, no dia 25. Tôda a semana, porém, lhe será altamente favorável. Terá êxito nos casos sentimentais, na vida social e nos negócios. Há, no seu caso, a possibilidade de uma alta especulação.

OS NOMES DA SEMANA

Fevereiro,	20	—	Eduardo	—	Jovilina
"	21	—	Edésio	—	Isa
"	22	—	Noberto	—	Ildaci
"	23	—	Rosálio	—	Dêa
"	24	—	Flávio	—	Irma
"	25	—	Vitrúvio	—	Edmêa

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				(SIGNO:)
Fevereiro,	20	—	1º - 34' - 1"	(Peixes)
"	21	—	2º - 34' - 28"	(")
"	22	—	3º - 34' - 52"	(")
"	23	—	4º - 35' - 15"	(")
"	24	—	5º - 35' - 36"	(")
"	25	—	6º - 35' - 55"	(")
"	26	—	7º - 36' - 12"	(")

PUXE PELO CÉREBRO

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.......................

ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Em que ano apareceu pela última vez o belíssimo cometa de Halley:**

— 1910?
— 1889?
— 1900?

2 **Em que construção de estrada de ferro no Brasil morreram mais de cinco mil chineses, de impaludismo:**

— Na Madeira-Mamoré?
— Na «D. Pedro II» (Central do Brasil)?
— Na Santos-Jundiaí?

3 **Que quer dizer «Agenor», em grego:**

— Presente dos deuses?
— Profeta?
— Homem de coração bravo?

4 **Quem disse isto: «Os covardes morrem muitas vêzes. Os valentes, apenas uma vez»:**

— Sêneca?
— Ovídio?
— Ibsen?

5 **Que fim teve a famosa cortesã Madame du Barry:**

— Morreu afogada no Sena?
— Findou na guilhotina?
— Ou exilada?

6 **Quantos anos durou o reinado da rainha Vitória, da Inglaterra:**

— Trinta?
— Quarenta e cinco?
— Sessenta e quatro?

7 **De quem foram estas últimas palavras: «Que artista o mundo vai perder!»:**

— De João Caetano?
— De Nero?
— De Beethoven?

8 **Em qual destas datas chegou ao Rio o primeiro automóvel conhecido em todo o Brasil:**

— 16-1-1897?
— 13-5-1900?
— 28-3-1904?

9 **Qual a velocidade do som, na atmosfera, ao nível do mar:**

— 50 quilômetros por segundo?
— 340 metros por segundo?
— 150 léguas por minuto?

10 **Qual o químico que descobriu ser a água a combustão do hidrogênio ao contato do ar:**

— Lavoisier?
— Laplace?
— Henry Cavendish?

11 **A cidade de Nova York está na foz do rio:**

— Hudson?
— Missisipi?
— São Lourenço?

12 **Quantas vêzes é a Lua menor do que a Terra:**

— Trinta?
— Quarenta e nove?
— Vinte e três ?

13 **Por que motivo se tornou famoso no mundo inteiro o inglês John Clerk Maxwell:**

— Pelas batalhas contra Napoleão?
— Pelas descobertas no campo da Física?
— Por ser grande jogador de futebol?

14 **O que foi que motivou a invenção do avião a jacto:**

— Combater a bomba voadora alemã?
— Viagem à Lua?
— Bombardear Berlim?

15 **Em que ano correu o primeiro bonde (a burro) no Rio:**

— 1780?
— 1900?
— 1868?

(Respostas na página 55)

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....

(Favor escrever em letra de fôrma)

ENDEREÇO ....

CIDADE .... ESTADO ....

NAS festas do IV Centenário da Fundação de São Paulo a Estrada de Ferro Central do Brasil está presente... Presente com as suas linhas, presente com a sua contribuição para o progresso da portentosa unidade da Federação e, em particular, o desenvolvimento assombroso da metrópole bandeirante que ainda em 1914 contava apenas 300.000 abitantes e hoje conta quase 3 milhões... A Estrada de Ferro Central do Brasil sente-se por isso orgulhosa do que tem feito São Paulo, atraindo, em massa, desde 1889, imigrantes de tôdas as partes da Europa e dando-lhes, não obstante os primeiros dias árduos que tiveram de suportar, largas compensações auferidas pelo trabalho devotado, inteligente e diuturno. Assim como êsses pioneiros foram guiados pela fé nos seus destinos particulares, a antiga E. F. D. Pedro II, cujo ponto terminal na Província de São Paulo era Cachoeira, guiada também pela fé, está mais viva porque impregnada da luz da nacionalidade, conseguiu, graças à encampação da E. F. São Paulo-Rio de Janeiro, cuja bitola era de 1 metro, chegar aos poucos à capital paulista, com o alargamento da bitola, o que só foi inteiramente concretizado em 1908, na administração Aarão Reis. A Estrada de Ferro Central do Brasil teve, assim, a compensação dos seus esforços de penetração, pois, com os serviços desenvolvidos, crescia-lhe o conceito e a renda, e as cidades outrora decadentes do Vale do Paraíba renasciam ao sôpro da sua influência e com a penetração dos seus trilhos.

● O hoje obsoleto trem Cruzeiro do Sul, que foi, no tempo, a última palavra em confôrto nos transportes entre o Rio e São Paulo, está substituído pelos trens Santa Cruz, dotados de ar refrigerado, assentos conversíveis e molas ultramodernas, que permitem viajar com o máximo confôrto. Vai-se a São Paulo em 10 horas, e amanhã, completados os melhoramentos da via permanente, essa mesma viagem confortabilíssima será feita em 8 horas. A Estrada de Ferro Central do Brasil, com a sua oferenda a São Paulo, nestes dias de júbilo, reverencia as memórias de Nóbrega e Anchieta, que trouxeram para Piratininga, mais do que os bens da terra, as bênçãos do Céu!

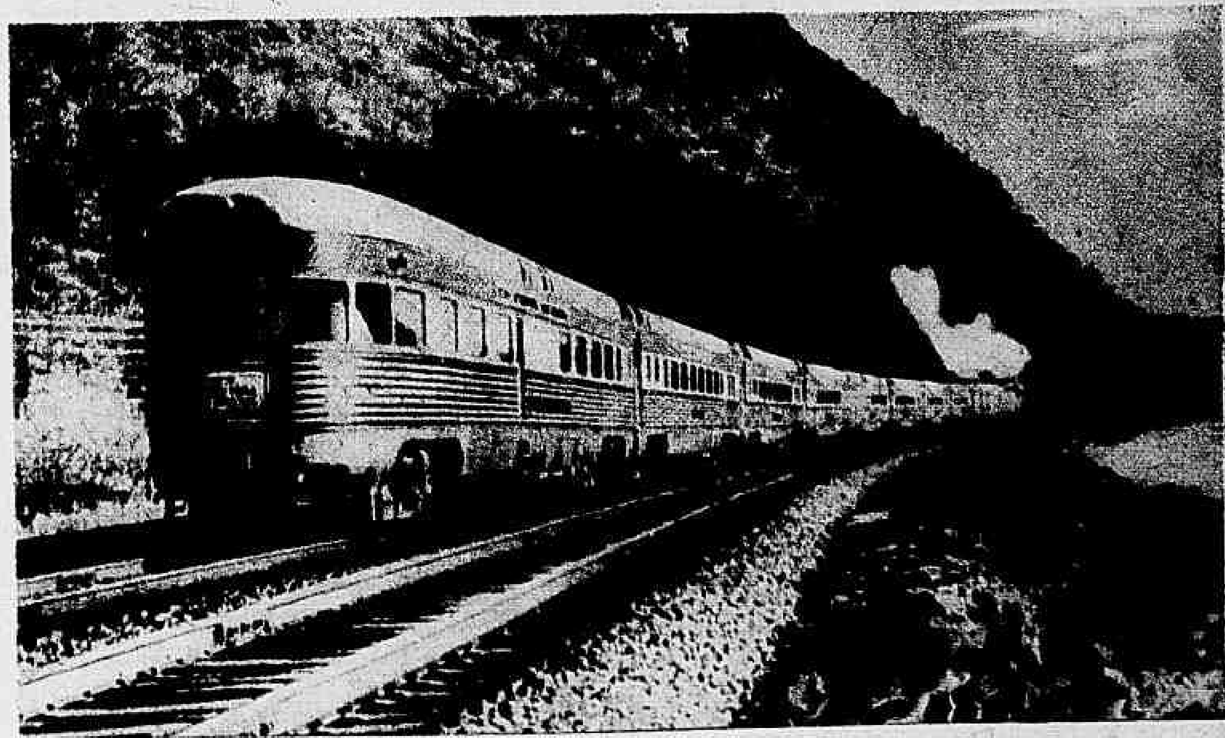


SÃO PAULO, FORJA DE TRABALHO FECUNDO

SÃO PAULO e a Central do Brasil



O EDIFICIO DA ESTAÇÃO D. PEDRO II



UM MODERNO TREM DE AÇO

Conversa de MULHER

● **A CEGONHA FÊZ GREVE**



O fato se passou numa pequena aldeia italiana, Terrugina — que não possui mais de mil habitantes. Até há poucos anos a cegonha visitava regularmente a aldeia, numa média de 3 vêzes por mês — número normal de visitas para uma população italiana, de mil almas. Em 1953, porém, não pousou lá nem uma só vez, e nem chegou telegrama de que esteja sendo esperada em princípios de 1954!

Fato estranho? Aconteceu, na realidade, que as mulheres, considerando que a vida está muito cara (cada dia mais), resolveram ficar com o número de filhos que têm, e não sobrecarregar o espôso com os encargos financeiros sempre mais pesados, derivados da educação das crianças. Não houve comício, nem assembléia. Apenas um compromisso, passado de conversa em conversa... O pároco, depois de certo tempo, percebeu a maquinação, e até o bispo mandou chamar para convencer seus paroquianos de que a lei de Deus reconhece como obrigação dos esposos a de ter filhos... Mas, acabou-se 1953 e nada foi conseguido. Pela primeira vez na história de Terrugina o livro dos nascimentos ficou todo um ano sem ter uma só linha acrescentada. Até quando durará a situação?

● **AS IDÉIAS ACABARAM...**

— Não tenho mais idéias para criar modelos femininos, declarou à imprensa, Marcel Rochas, o grande costureiro parisiense.

E tomou a providência que podia tomar, demitiu-se do cargo de criador de modelos de sua casa de confecções. Substituí-o sua espôsa Helena Rochas. Vejamos se Helena tem melhores e mais idéias do que o marido... Cá entre nós, não está esquisita esta substituição? Teria sido o motivo da mesma o alegado por Marcel?

● **PASSOU O NATAL EM JERUSALÉM**

Quem ainda se lembra de Ramon Novarro, o galã mais famoso do cinema mudo, depois de Valentino? Pois êle está com 48 anos, casado e vive bucòlicamente numa fazenda, dedicado ao cultivo do cedro. Muito religioso, está realizando uma viagem por todos os santuários da Europa. Passou o Natal em Jerusalém.

● **SAPATOS INFANTIS**



Um dos problemas mais preocupantes, com respeito aos sapatos infantis, é que os pés das crianças crescem mais depressa do que se gasta o sapato. Os noruegueses, porém, encontraram a solução para isso. Criaram um modêlo que permite aumentar um número no sapato, com a simples retirada de uma tira, prêsa ao calcanhar com botões de pressão. Assim a criança pode aproveitar o sapato por muito mais tempo, o que é um grande alívio para o bôlso dos pais. Parece que a idéia está dando resultado, pois já foi adotada também na Holanda.

● **TECIDO MOLDÁVEL**

Já foi inventado pelos norte-americanos um tecido que, quando pôsto em moldes e submetido a certo calor e pressão adquire a forma que se deseja dar (propriedade até certo ponto existente no fêltro). Com tal tecido, que na realidade é formado pela justaposição de fibras que aderem umas às outras, poder-se-á moldar partes inteiras de vestidos, sem necessidade de pences, franzidos e outros recursos até então usados em costura. Põe-se na fôrma e... pronto. Com uma fôrma no feitio de seu corpo você moldará blusas, saias, etc., etc. exatamente no seu tamanho. Diz a notícia que o tecido conserva a forma adquirida mesmo depois de lavado; não amarrota; não precisa ser passado a ferro. Já foram lançados — por uma grande firma de Nova York — soutines e anaguas na nova maravilha que, mais que o nylon poupará trabalho à mulher.

● **MOTIVO PARA DIVÓRCIO**

Tanto as pessoas que são favoráveis ao divórcio, quanto as que são contra, concordarão que é motivo justificativo de separação o que fêz uma espôsa americana com seu marido:

1) — Pôs fogo na casa, porque êste não estava disposto a conversar com ela às duas horas da manhã.

2) — Bateu a porta na sua cara, quebrando o vidro da mesma, tal a fôrça com que o fêz.

3) — Conseguiu quebrar uma garrafa de cerveja na cabeça dêle...

Depois de tudo isso, o marido não teve outra alternativa senão pedir o divórcio. Parece, que, até aguentou demais, não acha? **(L.J.)**

★ ★

SUGESTÃO PARA O LAR



UM ambiente agradável para o repouso e divertimento é êste criado por Waverly, ao mobiliar e decorar esta sala de estar de um moderno apartamento. As paredes foram pintadas de branco e vermelho imitando tijolos aparentes, o que deu ao ambiente um toque alegre. As côres usadas para o reposteiro, foram o vermelho, verde limão e azul, e os motivos da mesma são desenhos pitorescos de carruagens, navios e balões estilizados. A pesada cortina, que oculta tôda uma janela envidraçada, chega até o conjunto baixo de prateleiras e estantes para livros, discos, rádio, etc.

● **Observem a mesa do primeiro plano, que pode ser usada para refeições, jogos ou estudo. De estilo simples, combinando com as poltroninhas em pau roliço, imita cadeiras antigas. Junto à parede um pequeno sofá, suficiente para duas pessoas, forrado em verde limão. Todo o conjunto está sôbre um tapête rústico, de fibra, mesclado de vermelho e cinza. Notem a disposição original do barômetro antigo, e dos quadros, atrás do sofazinho. — Nike.**

UM POUCO DE BELEZA



MAQUILAGEM DE VERÃO

APROVEITEMOS a época do verão em que vivemos mais ao ar livre e nos bronzeamos com o sol das praias, para deixar a pele descansar um pouco dos pós, rouges e maquilagens. E' bom para a beleza de seu rosto que, ao menos durante algum tempo, sua pele respire «livremente». Habitue-se a simplificar, a pintura que usa no verão; limite-se apenas ao essencial para o realce de sua beleza, que o queimado de sol já põe em evidência:

★ *Use um baton um pouco mais forte do que aquêle que está habituada a a aplicar, para definir bem o contôrno dos lábios.*

★ *Use uma leve camada de pó, ligeiramente rosado, se a pele está brilhando.*

★ *Elimine, nessa temporada, os cremes de base, a maquilagem para os olhos, os rouges em pasta, pelo menos durante o dia claro*

★ *dedique cuidado especial às unhas dos pés e das mãos, porém, lembre-se que as tonalidades muito berrantes ou viva.s de esmalte estão fora de moda.*

JÚLIA DE MILO

UMA PELE FRESCA

● Se você deve ir a um baile ou a uma festa à noite, e na hora de se arrumar sente que sua pele está sem vida e cansada, procure dar-lhe novo viço assim:

— Passe no rosto um bom creme de limpeza e deixe ficar por cinco minutos.

— Remova-o com um algodão ou papel absorvente, e, a seguir, lave o rosto com água quente e sabão neutro, esfregando com uma escovinha macia. Enxague bem, para remover completamente o sabão.

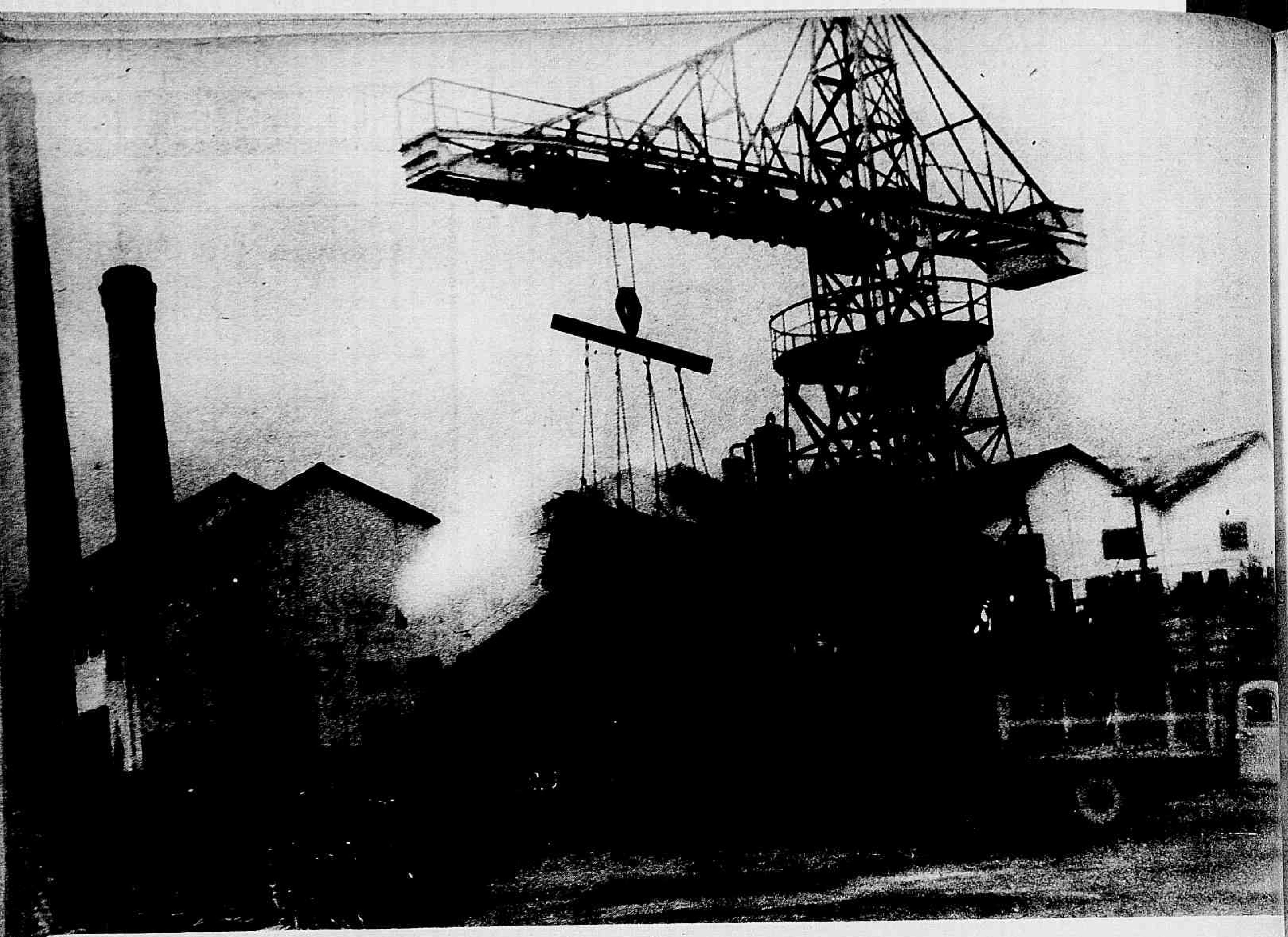
— Depois, aplique compressas frias, utilizando para isso uma esponja macia, que você mergulhará na água muito gelada de uma tijela com pedras de gêlo.

— Enxugue o rosto, finalmente, e aplique a maquilagem. Verá que sua pele adquiriu o aspecto descansado que você desejava para obter mais uma vitória pelo seu viço e beleza.



PERNAS ÁSPERAS

As vêzes a pele das pernas apresenta-se áspera e encaroçada, com um aspecto que se chama de «pele de galinha». O melhor tratamento para isso é, diàriamente, na hora do banho, friccionar as pernas com uma luva de crina, com sabão e água quente. Depois do banho complete o tratamento passando sôbre a superfície áspera um pouco de talco bem fino, boratado.



Trato cultural de uma lavoura canavieira destinada a limpar o canavial das ervas que dificultam o crescimento da cana.

A CIVILIZAÇÃO DO AÇÚCAR E A QUESTÃO DOS PREÇOS

Grandeza e vicissitudes de uma atividade econômica secular ★ Medidas urgentes e realistas para que não se perca um patrimônio agro-industrial.

VINCULADO històricamente às atividades econômicas do país, e à formação social brasileira no Nordeste, nenhum dos nossos grandes historiadores e sociólogos deixou de exaltar o papel civilizador do açúcar. A evolução da lavoura canavieira e da indústria açúcareira refletiu sempre o dinamismo telúrico e o esfôrço progressista do homem nordestino, na sua contribuição para a riqueza nacional, arrostando períodos de vicissitudes ou usufruindo, na prosperidade, o fruto do seu trabalho. O açúcar suscitando os temas de uma bibliografia rica e variada exercendo a sua presença nos hábitos humanos, modelando paisagens regionais, inspirando motivos folclóricos, criou compromissos e costumes, com vitalidade e constância, que superam, em seu poder criador, outras fôrças econômicas e sociais, como fonte de influências que se conservam e desdobram através do tempo, das conjunturas e das modificações estruturais dessa atividade generosa que acompanhou o crescimento do Brasil.

Passando o açúcar de produto de exportação a artigo de consumo interno, sustentou a indústria açucareira duras batalhas para ajustar-se às novas condições, que feriram fundamentalmente a organização econômica do Nordeste cujos centros produtores num processo de empobrecimento, se defrontaram com as crises e a ameaça de miséria para as populações. As tentativas de sobrevivência da agro-indústria quando se manifestou e desenvolveu no país revestiram-se de heroísmo tão mais acentuado quanto lutava em desigualdidade de preços com outros produtos agrícolas e industriais, tendo os seus inflexìvelmente tabelados em meio ao livre jôgo da oferta e da procura.

Os aumentos solicitados pelos produtores e autorisados pelo govêrno vinham acudir a prejuízos acumulados e deficits crônicos, oriundos tanto da inflamação e do tabelamento como das posições desvantajosas de algumas regiões para a colocação do açúcar nos mercados consumidores, arcando, em conseqüência com os fretes elevados. E' certo que os produtores se suportaram muitas situações críticas, viram atendidos vários dos seus pleitos e reivindicações sendo de destacar-se a criação do Instituto do Açúcar e do Álcool, instrumento de defesa dessa economia tradicional do país e regulador das suas atividades, às quais assiste com as soluções pertinentes à ordem das emergências da produção e do mercado, à base da rigorosa objetividade dos números e das estatísticas.

Presentemente, graças à ação do I.A.A., a agro-indústria do açúcar das regiões tradicionalmente açucareiras recebeu sólidas facilidades para concorrer aos mercados nacionais de consumo, sem os prejuízos e ônus incidiam anteriormente sôbre os esforços de alguns centros produtores, como os do Nordeste e os do Estado do Rio de Janeiro, vítimas da desigualdade de condições para operarem vantajosamente. A despeito dessa conquista substancial, todo o problema não se encontra resolvido, urgindo complementá-la, como indicam os produtores, mediante uma política de preços justos, restauradora de uma posição econômica comprometida, notadamente

em Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Estado do Rio de Janeiro.

Numa atividade agro-industrial como a do açúcar, de que dependem numerosas coletividades humanas, as aflições dos produtores, a braços com os deficits acumulados, refletem-se, agravadas nas famílias dos trabalhadores, determinando um problema social, que precisa ser encarado na sua expressão de milhões de pessoas que porfiam àrduamente pela própria sobrevivência. Assim, o reajustamento dos preços, que os inquéritos locais indicam como a solução necessária entre na categoria de um pleito de justiça, na medida em que o que se tem pela frente para zelar, defender e preservar é o patrimônio de uma atividade que, no conjunto das suas relações, forma o sustentáculo econômico de uma vasta região nacional, e não podemos esperar o seu colapso, com indiferença sem providências e iniciativas, quando se consumarem todos os efeitos dos desgastes a que vem sendo submetido.

Ninguém ignora a alta vertiginosa dos artigos utilizados pela agro-indústria açucareira, implementos agrícolas, carvão, adubo, ferro, cobre e algodão indispensáveis aos plantadores de cana e aos usineiros, paralelamente defrontam-se os produtores com as reivindicações de aumentos de salários dos seus empregados que correspondem, de resto, à mesma conjuntura geral do encarecimento da vida. Muitos são, assim, os fatôres que exercem as suas influências irrecusáveis sôbre o custo da produção do açúcar, majorando-as. Nenhuma indústria suporta, òbviamente, o aumento dos custos de fabricação, mantendo inatualizado o preço de venda do produto, sem desaparecer por fôrça dessa desproporção.

E' o que está acontecendo com a atividade açucareira no país, para qual não existe outra saída fora da fixação de novos preços de venda, estimados em critérios justos, que integrem os elementos econômicos da produção, pois os lucros do último reajustamento feito já tiveram há bastante tempo as suas exíguas margens absorvidas pelo brutal encarecimento dos artigos que compõem a fabricação do açúcar, sem falar, por exemplo, no aumento de preços da sacaria. O açúcar tem um limite de resistência à pressão inflacionária e êste limite ninguém se pode iludir, já foi mais do que atingido agora que a agro-indústria açucareira está precisando arcar com majorações de 100, 200 e até 500% nos preços de aquisição dos artigos que lhe são essenciais para funcionar e produzir. Por outro lado, as últimas safras no nordeste se processam em condições muito desfavoráveis, decorrentes da calamidade das estiagens. Sem reservas financeiras para enfrentar os riscos e efeitos do fenômeno cíclico, sofreu a agro-indústria do açúcar as suas tremendas conseqüências.

Os órgãos das classes produtoras, pleiteando a garantia de um lucro compensador no preço de venda do açúcar, a manutenção do princípio do contingenciamento, a modificação dos critérios adotados para o reajustamento dos preços, a exportação dos excedentes e a estabilidade do mercado, procuram, na realidade, preservar uma indústria secular, lastrear econômicamente regiões subdesenvolvidas e facilitar, com melhores salários, o bem-estar daqueles que consagram suas energias ao açúcar, realizando, com isto, na espécie, os princípios imediatos e básicos da política social do govêrno do Presidente Getúlio Vargas, dirigida contra o pauperismo pela assistência aos trabalhadores e o amparo à produção. E', aliás, a política observada pela atual administração do Instituto do Açúcar e do Álcool, sob a presidência do sr. Gileno Dé Carli, cujo inegável interêsse pela assistência social aos trabalhadores canavieiros se patenteia em uma série de realizações. O estímulo recebido por êsse setor das atividades do I.A.A. concorre em iniciativas e intensidade criadora com os planos industriais de aproveitamento e transformação dos subprodutos da cana abrindo novas perspectivas econômicas às regiões produtoras de açúcar e álcool.

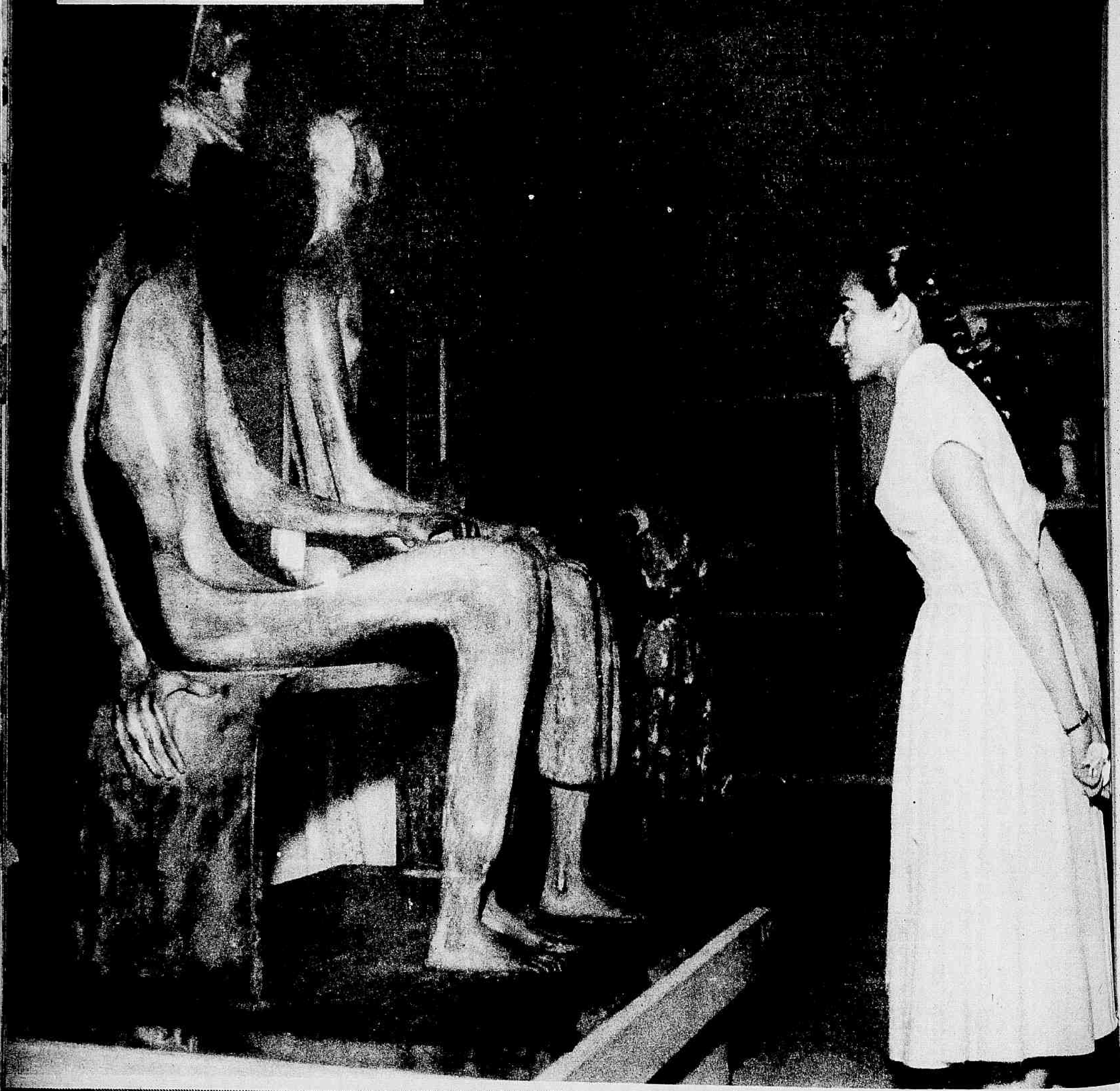
A exemplo do que fêz e está fazendo em São Paulo e no Estado do Rio de Janeiro no terreno da assistência médico-hospitalar, o Instituto do Açucar e do Álcool deu início à construção, em Pernambuco, de três ambulatórios médicos, em Campina, Moreno a Goiana, projetados de acôrdo com a mais moderna técnica assistencial, instalações essas que servirão de ponto de partida para uma vasta rêde de serviços semelhantes destinados ao trabalho rural pernambucano. As pedras fundamentais dos três centros médicos foram lançados quando da recente visita do presidente do I.A.A. a Pernambuco para participar da Conferência Açucareira do Nordeste, conclave em que, precisamente, se debateram os diversos aspectos da grave conjuntura que atravessa a economia açucareira nordestina, definindo-se um programa de ação que lhe permita enfrentar as contingências difíceis que afrontam a sua estabilidade, no sentido de amparar, com visão realista uma agricultura e indústria cujos destinos se entrelaçam com os dos que nas inúmeras categorias de trabalho lhes prestam colaboração dedicada e merecem o futuro garantido.



Operação de descarga da cana numa usina, utilizando modernos processos mecânicos.



O programa de renovação agrícola da lavoura canavieira vem determinando o emprêgo de modernas máquinas nos canaviais em todo o país.



Para alguns aquelas formas estranhas dizem tudo, e falam de um mundo possível. Mas para outros...

UM OÁSIS DE CÔRES CERCADO DE LAMA POR TODOS OS LADOS

BIENALIDADE — UM TÊRMO QUE SE IMPÔS A SÃO PAULO

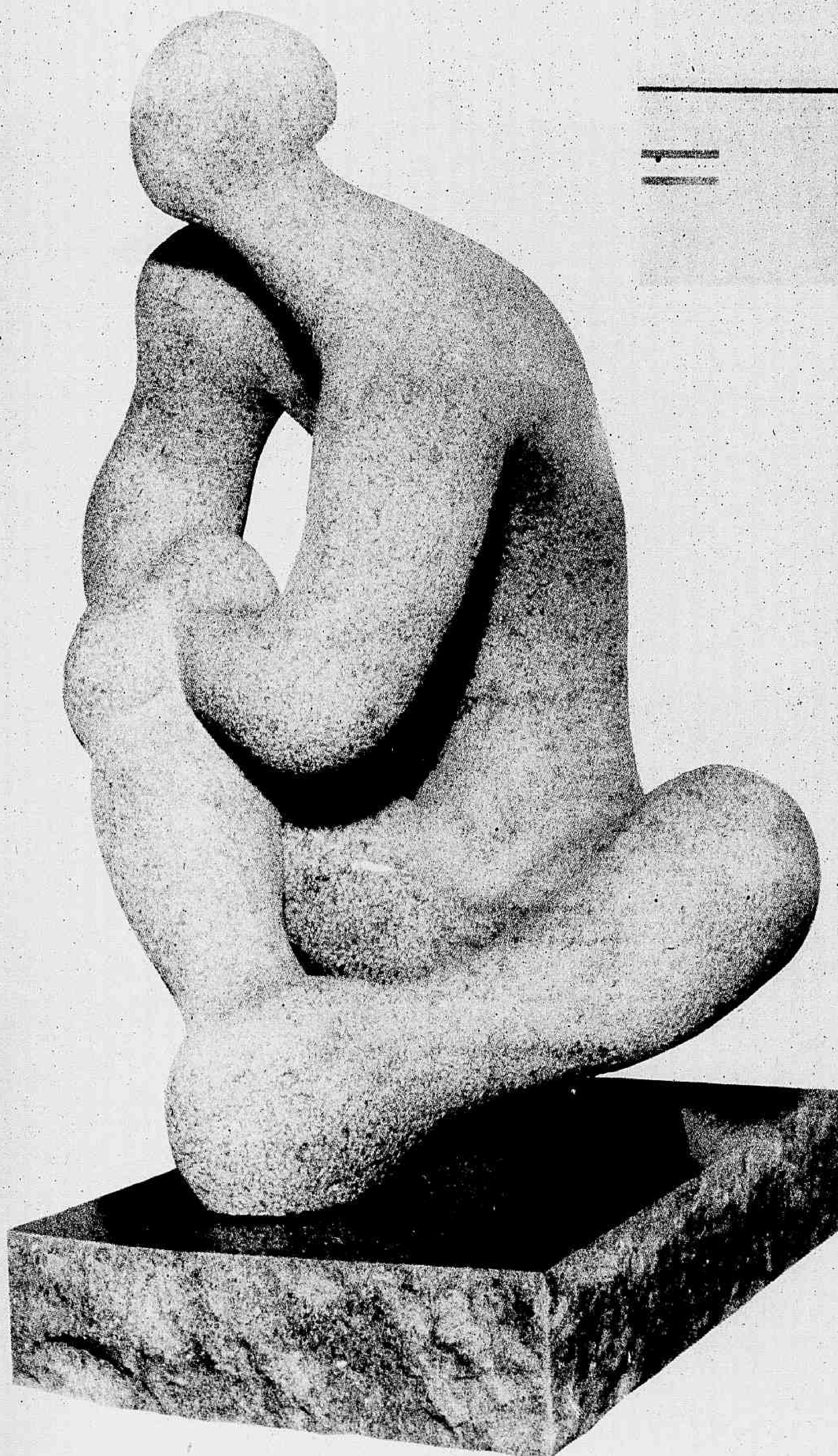
Jânio Quadros superou a crise dos transportes mas perdeu prestígio quando não deu condução ao povo no dia em que êste afluiu ao Ibirapuera ★ Valdemar Cordeiro, prêso porque pretendia um ventilador para mover os trabalhos de Calder ★ Muita gente deixa o nome escrito nas telas de Picasso quando visita a exposição.

Reportagem de IBIAPABA MARTINS
(Fotos de JACK PIRES)





Adelmir Martins, prêmio de desenho da Bienal, revelou-se um dos artistas mais vigorosos da nova geração plástica brasileira. O desenho ao fundo é dêle.



A Bienal teve tantos corifeus que até dá vontade de fazer como aquêle homem da fábula, cheio de inveja: — «Não, ela não é lá isso, a gente examinado bem acaba por encontrar algum defeito». Realmente, passado a reação do primeiro impacto, os efeitos da propaganda massiça e inicial, é preciso que democràticamente demos a palavra aos que não concordam integralmente com o conteúdo e a forma da mostra de arte que se expõe aos olhos de paulistas e forasteiros no ainda agreste e indesbravado Ibirapuera. Um dos «bigs» das artes plásticas nacionais, que por sinal atende pelo apelido de Candinho Portinari e realiza neste momento uma grande retrospectiva na capital dos bandeirantes — êsse mesmo cidadão simpático e artista me afirmou sem rompância nem desamor que a Segunda Bienal vem sendo muito prejudicada pelos fabricantes de sabonetes. Em sua opinião, entre o bom há muito ruim. Mais precisamente: noventa por cento das telas e esculturas não são lá isso, ponderou amigàvelmente, depois de explicar tim-tim por tim-tim a razão de seu não comparecimento à Segunda Bienal.

BIENAL, UM OÁSIS CERCADO DE LAMA POR TODOS OS LADOS

Vejamos portanto o lado mau da «Bienal» ou, para sermos explícitos, da Segunda Exposição Bienal do Museu de Arte Moderna, sonho acarinhado e realizado com eficiência pelo sr. Cicillo Matarazzo e sua espôsa, Iolanda Penteado Matarazzo. Agora que já transcorreu a data máxima de São Paulo, depois que o povo afluiu rumorosamente ao Ibirapuera para apreciar quadros e esculturas, permanecendo do lado de fora do cercado de arame enquanto sujeitos troços e importantes se misturavam entre esculturas de Laurens e telas de Picasso, — agora, repetimos, é necessário que a gente se muna de um pouquinho de espírito crítico para dizer o que devia ser feito e não o foi. Para começo de conversa, é preciso notar o seguinte: **a Bienal constitui um oásis de formas e côres cercado de lama por todos os lados.** Por que? Entre outras coisas porque o sr. Jânio Quadros, muito digno prefeito da cidade quadricentenária estava em turras com a Comissão do IV Centenário, num esfôrço coroado de êxito para colocar à frente dos festejos gente de sua mais irrestrita confiança. Até o momento, uma vitória coroa os esforços do chefe do

A mulher de Bruno Giorgi foi definido por muitos como uma obra prima de graça e poesia.

BIE… DE — UM TÊRMO QUE SE IMPÔS A SÃO PAULO



Executivo da capital bandeirante: a substituição de frei Benevenuto (que por sinal pertence ao partido do prefeito, o Democrata Cristão) pelo Tio Candinho Fontoura, o mesmo financiador da campanha de 22 de março. Outras substituições virão, — prevê o mesmo frei Benevenuto, falando assustado a êste repórter — porque os dias são de intensa política e nada se faz que não vise essa senhora volúvel e ingrata... Por essas e por outras, os festejos do Centenário ficaram mais ou menos esquecidos, relegados à condição de trampolim para grandes negócios econômicos ou político-demagógicos. E, agora, em pleno período dos festejos o paulistano e o forasteiro verificam que a Bienal é uma ilha de côres e formas, cercada de lama por todos os lados. No dia 25 de janeiro, por exemplo, para se chegar aos dois pavilhões de cimento, aço e vidro, o cidadão pedestre ou cinesíforo penou bastante, varando os congestionamento do trânsito (há outra briga entre o prefeito Jânio e o diretor da Diretoria do Serviço de Trânsito, sr. Aguinaldo de Góis), enfrentando a lama que rodeia o Ibirapuera, pisando o mato que circunda o Pavilhão dos Estados e o Pavilhão das Nações. Hoje, podemos dizer com segurança que o desprestígio de Jânio entre o povo de São Paulo, ao invés de principiar no dia em que majorou as passagens dos ônibus, começou no Dia da Fundação. Na tarde e na noite de 25 de janeiro, a população saíu a rua cheia de receptividade para a propaganda da Ademar. E esta dizia, à bôca pequena, insistente: «O culpado é o prefeito. Não há condução? E' o prefeito o culpado! Trânsito ruim? E' o prefeito que briga. Chove? Culpa de Jânio...»

LÁ DENTRO E LÁ FORA

Um aspecto da Bienal que, nesta altura dos acontecimentos está chamando a atenção do próprio sr. Francisco Matarazzo Sobrinho é o excesso de obras de arte. Através de sete mil e duzentos metros enfileiram-se esculturas e pinturas. Sessenta ou setenta por cento delas espelham apenas um aspecto do movimento artístico moderno: o abstracionismo e o concretismo. Não obstante, setenta por cento dos premiados são empedernidos figurativistas como Volpi, Bruno Giorgi, Di Cavalcanti (o paladino da luta contra o abstracionismo em sua tentativa de empolgar o movimento artístico), Aldemir Martins, Laurens, Tamayo e outros.

— «De outra vez», teria dito Cicillo Matarazzo, … mos ver se fazemos uma Bienal menor. Há … coisa, a gente cansa...»

Realmente, uma visita à Bienal cansa o cid… Antes de percorrer um quilômetro (a propagand… se refere a quatro mil obras, três mil cartas, sete… metros, vinte toneladas de aço, quarenta de ci… to), o cidadão se esfalfa física e intelectualm… Já no «movimento cubista», êle recebe um imp… Muitas vêzes o impacto surge através de uma … rinha loura ou morena, de voz mansa mas dogm… que responde inapelàvelmente às perguntas angu… das dos visitantes:

— «A arte não visa o feio nem o belo porque … rens (ou Picasso, ou Henry Moore, ou Klee) ap… quiseram exprimir o que sentiam em face do ou… (ou do inverno, ou da mulher, ou da paisagem) e … que a forma pura e a linha e a côr e patati e … tatá...»

Essas mocinhas louras ou morenas se chamam … nitoras e são elas mesmas as responsáveis pelo … de muito sujeito estar, agora, colecionando li… tura sôbre o assunto, desejoso de derimir de … vez por tôdas uma dúvida criada com a lição … ingênua das monitoras formadas pelo professor W… gang Pfeiffer.

Isso acontece lá dentro. Lá fora também oco… fatos interessantes. Houve um grupo de «acadê… cos» que chegou inclusive a pedir o fechamento … Bienal. Queriam por fôrça um «ukase» do plácido … cansado governador Garcez no sentido de que … **juventude brasileira não desaprendesse com os p… simos desenhos que iria encontrar nas paredes da … posição».** E houve um ginecologista inclusive que c… gou a deitar falação sôbre o perigo que repre… tavam para as mulheres grávidas as telas de Pica… e as esculturas de Laurens: poderia acontecer q… fotografias intra-uterinas registrassem suas feiuras … daí ocorressem nascimentos de «crianças-centenári… com cara de dois perfis e mãos de elefantíasis...

BIENALIDADES

Houve um cronista que inventou um neologismo: Bienalidade, algo mais ou menos parecido com o galicismo banalidade, significa um estado de espírito. E, por estensão, exprime tudo que é feito ou gira em tôrno de um estado de espírito. Na situação em que nos encontramos em São Paulo (café a sessen…



O cubismo de Braque já não parece tão hermético em comparação com as últimas tendências da pintura.



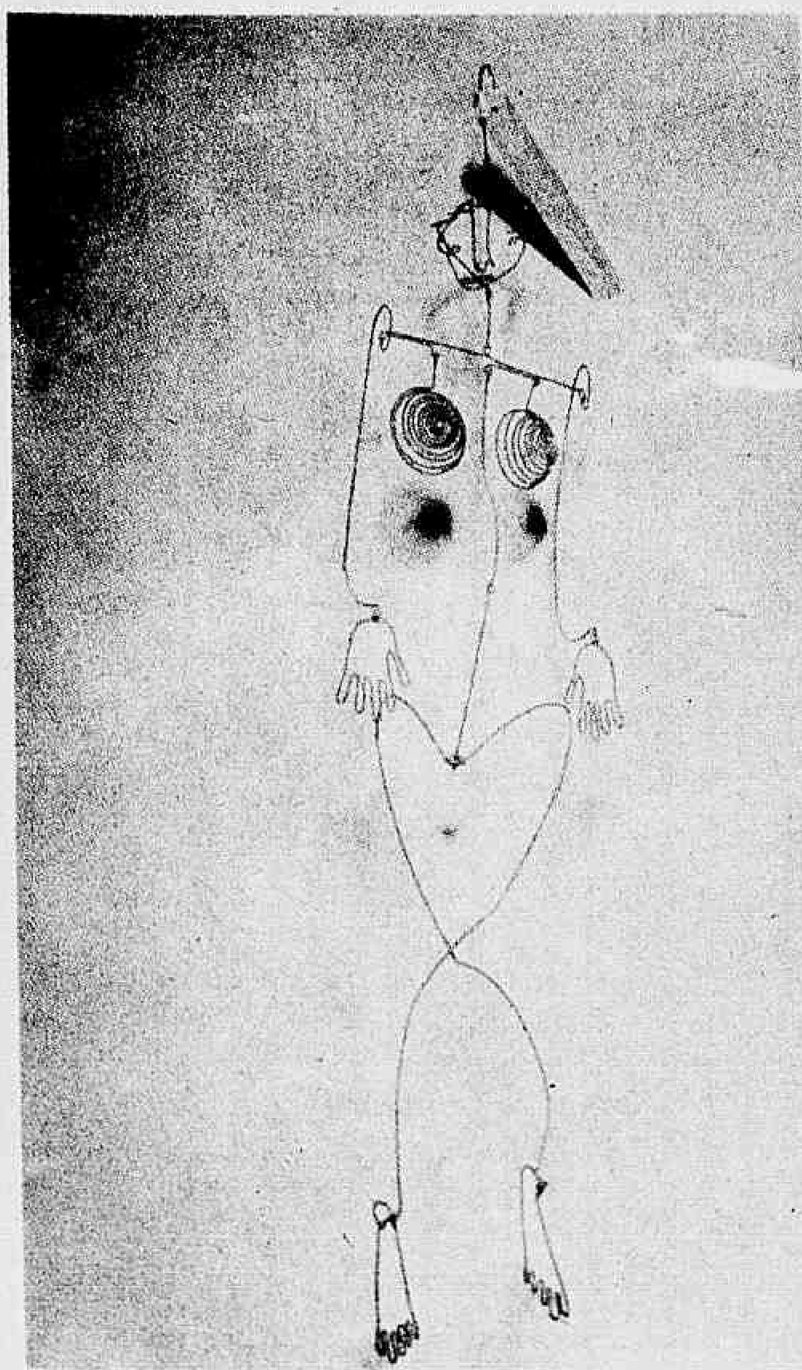
E como um retalho de um mundo em caos. Mas a sensibilidade dos vanguardistas descobre nêle harmonia e equilíbrio.



Monsenhor desfila, complacente e sereno, di… te de uma das mais fortes e característic… telas de Picasso.



Di Cavalcanti, premiado da Bienal, nos dá em algumas telas, tôdas recentes, tôda a fôrça de seu colorido. Suas mulatas parecem latejar.



Sobe dos «mobiles» de Calder a atmosfera meio infantil e meio lírica de um mundo impossível e inquieto.

ta e quatro cruzeiros o quilo, lotação subindo, arroz a vinte) a coisa chega inclusive a tornar-se uma ideologia, corroborando certa definição do filósofo francês Henry Lefebvre. Vamos dar alguns exemplos de **bienalidades** cometidas por nossos artistas:

1º) — No dia da entrega de prêmios, o jovem pintor Aldemir Martins ia cometendo uma bienalidade na ocasião mesma em que estendia a mão para o governador do Estado ao invés de estendê-la para o Presidente da República, conforme formulário elaborado pelo Ministro Franchini Neto, mestre nessas coisas de etiquêta. Felizmente, o governador fêz um sinalzinho imperceptível para o desenhista, piscou um ôlho, virou o polegar esquerdo em direção de Getúlio. Aldemir acabou compreendendo.

2º) — O pintor Di Cavalcanti cometeu uma bienalidade ao receber o cheque referente ao prêmio e, logo em seguida, correr até Beryl, sua espôsa, para entregar os cinqüenta mil cruzeiros conquistados «a forceps» nas lutas entre os membros do júri de premiação. Todo mundo notou o contrôle.

3º) — Bienalidade é também a moda adotada por certos grã-finos logo no início da abertura para se dar ares de gente displicente, «blasé» e entendida de arte moderna. Certas grã-finas e esta é a moda — comparecem ao recinto da exposição vestindo calças de operário, as tais calças-rancheiras, arrastando cachorrinhos e grã-finos do sexo masculino, param defronte dos trabalhos de Picasso e exclamam com suficiência: — «Esse Picasso já está superado...»

4º) — Quando o sujeito não tem mesmo o que fazer e continua não querendo fazer nada, convida o companheiro para rir um pouquinho na Bienal. Por isso, principalmente aos domingos, o interior do Palácio das Nações se assemelha a um vasto encachoeirar de gargalhadas gostosamente chocalhadas por improvisados críticos de arte. Certos tipos cometem bienalidades tais como a de colocar tostões e passes de bonde nas mãos das estátuas, dolorosamente implorativas. Outros chegam a escrever nomes nas telas e houve um, inclusive, que deixou num quadro de Picasso a lembrança de sua passagem: «No dia tal, aqui estiveram Fulano e Sicrana». Um coração circundava os rabiscos...

Quinta e última bienalidade. Por isso mesmo, o govêrno resolveu cercar os trabalhos da Bienal por um silencioso e eficiente exército de «tiras». Calados, atentos, acompanham o passo de cada visitante, prestando atenção ao que dizem e pensam. O pintor Valdemar Cordeiro foi uma das primeiras vítimas do zêlo policial. Estava defronte de um trabalho de Calder, tentando conquistar um quase-abstracionista, quando teve a idéia de lembrar uma frase de Mário Pedrosa:

— «Êsses mobiles, para serem autênticos, precisam estar em movimento. A Bienal deveria colovar um ventilador aqui dentro para êles se mexerem...»

[illegible] sujeito gordo e bem vestido que se achava ao lado, [illegible] e sério — tão sério que o próprio Cordeiro já elev[illegible] a voz para conquistar mais um discípulo — êsse sujeito aparteou sêco:

— «Não pode mexer».

— «Pode, porque Max Brill».

— «Teje préso...»

E o pintor Valdemar Cordeiro foi arrastado para fora do Palácio dos Estados, seguro por dois investigadores subordinados ao sujeito gordo e sério que por sinal era delegado ou vice. Felizmente, outros artistas nas imediações, mais ou menos saturados com o excesso de bienalidades dos últimos tempos, decidiram protestar. Livraram Cordeiro.

LUCAS GARCEZ CONSTRÓI:



Os 900 mts. da barragem de Salto Grande e suas 4 turbinas Kaplan darão anualmente 300.000.000 kw. hora. Sangue novo para S. Paulo.

O GIGANTE DO PARANAPANEMA

Como os paulistas estão solucionando o problema da energia elétrica ★ O vasto programa das «Usinas Elétricas do Paranapanema S. A.» pode ser considerado um dos mais completos do país ★ Salto Grande, uma esperança que se concretiza.

Reportagem de HÉLIO ABREU

Fotos de RUY COUTO



Êste é o dr. Dagoberto Salles, diretor-presidente da USELPA e realizador de Salto Grande.

NO ano em que o Estado de São Paulo comemora o IV Centenário de sua existência, novas e melhores perspectivas aguardam os paulistas no campo da energia elétrica. Piratininga, a exemplo do resto do país, vem sofrendo os efeitos da escassês de eletricidade e paga também os pesados tributos que as imprevisões do passado deixaram como um legado sinistro aos dias de hoje. Mas, como dissemos, o problema não pertence apenas a São Paulo: é nacional. Do Rio Gra de do Sul ao Amapá homens de tôdas as categorias não passam d meros escravos dos H.P. e sonham com dias melhores onde racion mento de energia não seja mais que coisa já ultrapassada e mesm esquecida.

★

NA batalha da energia elétrica alguns governantes têm-se desta cado pela firme determinação de vencer o problema, entre êles o de São Paulo. Lucas Nogueira Garcez, engenheiro de reconhecidos méritos, compreendeu logo no início de seu govêrno as verdadeiras necessidades de seu Estado e atacou frontalmente o assunto. Foi buscar em Dagoberto Salles, engenheiro como êle, o homem para o mister de tão grande responsabilidade. A história das «Usinas Elétricas do Paranapanema S.A.» é longa demais e nunca poderia ser contada em poucas linhas, porém, sem receio de errar, podemos afir-



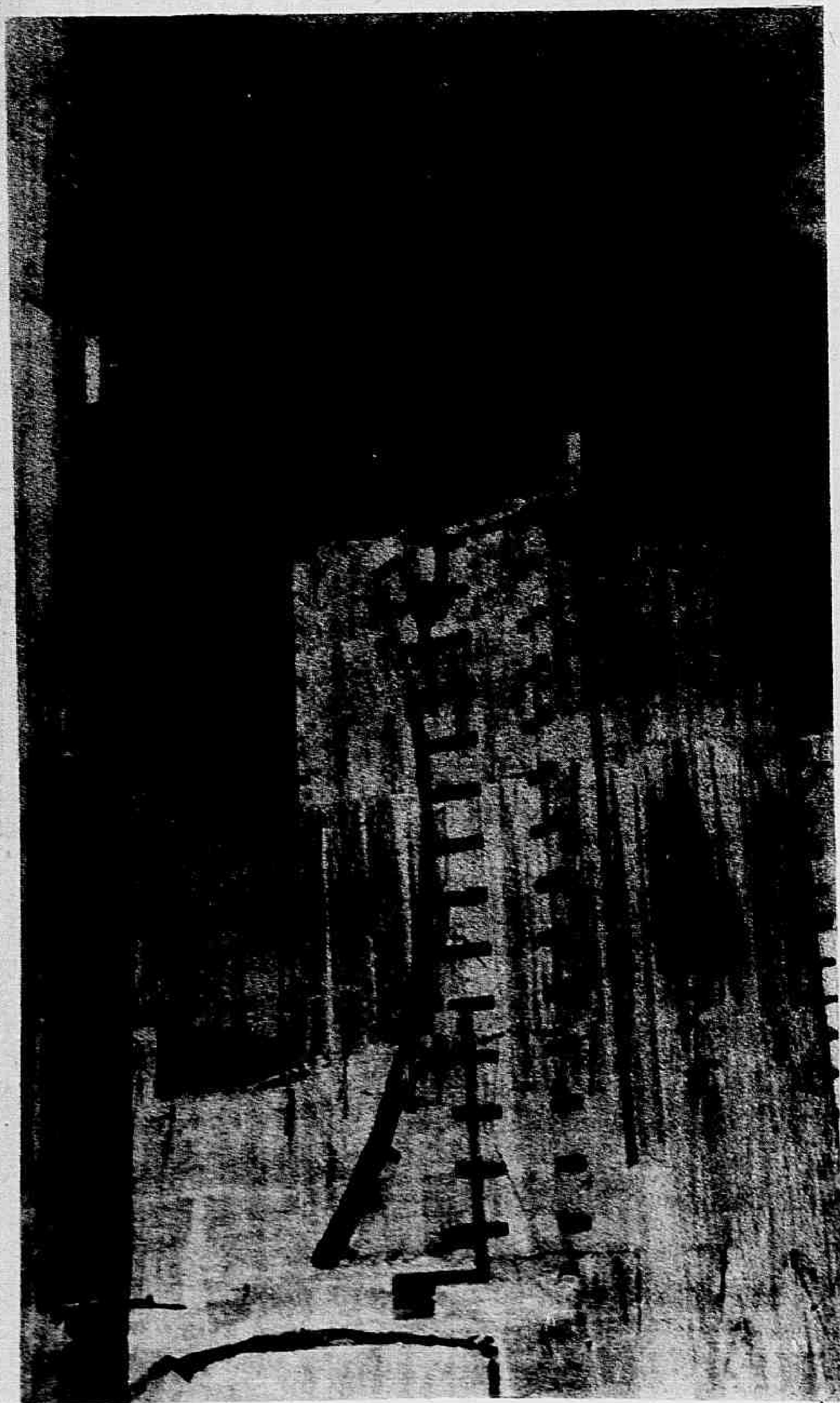
A fotografia aérea dá uma ideia das verdadeiras proporções de Salto Grande, vendo-se além da linha traçada a parte que será inundada.

Lucas Garcez constrói: O GIGANTE DO PARANAPANEMA

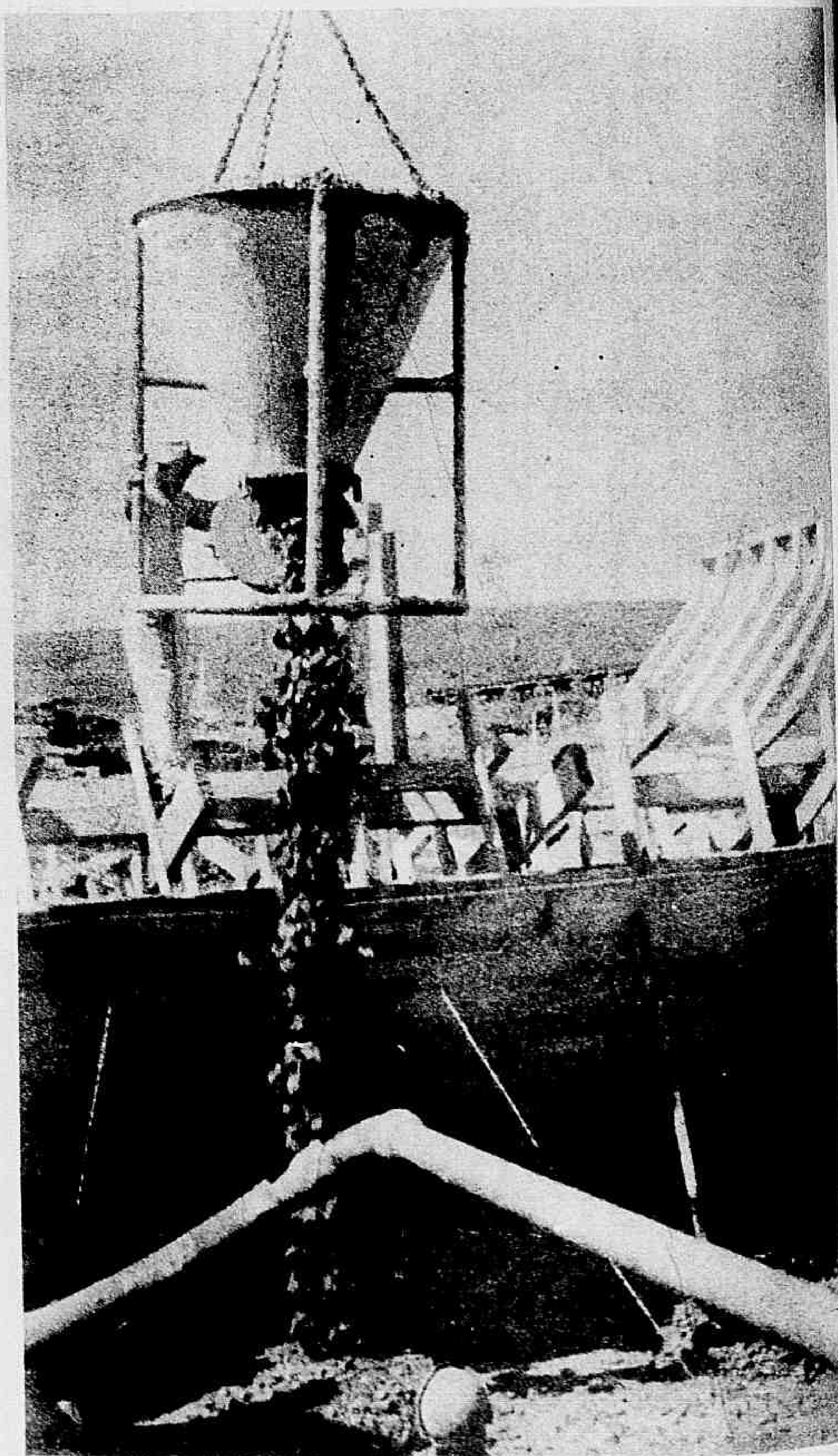
mar ser ela uma das legítimas e brilhantes vitórias da atual administração do Estado bandeirante, à frente do qual se encontra a figura de Lucas Garcez, cujos conhecimentos vastos do assunto possibilitaram a formação da equipe que hoje dirije, com raro brilhantismo, as gigantescas obras em curso. A Diretoria das «Usinas Elétricas do Paranapanema S.A.», sociedade com capital de 419 milhões de cruzeiros, dos quais o govêrno estadual detém mais de 90 por cento, está assim constituída: diretor-presidente, dr. Dagoberto Salles; diretor-gerente, dr. Armando Laydner; diretor-técnico, dr. Carlos Mesquita Pinheiro.

SALTO GRANDE, REALIDADE DO PRESENTE

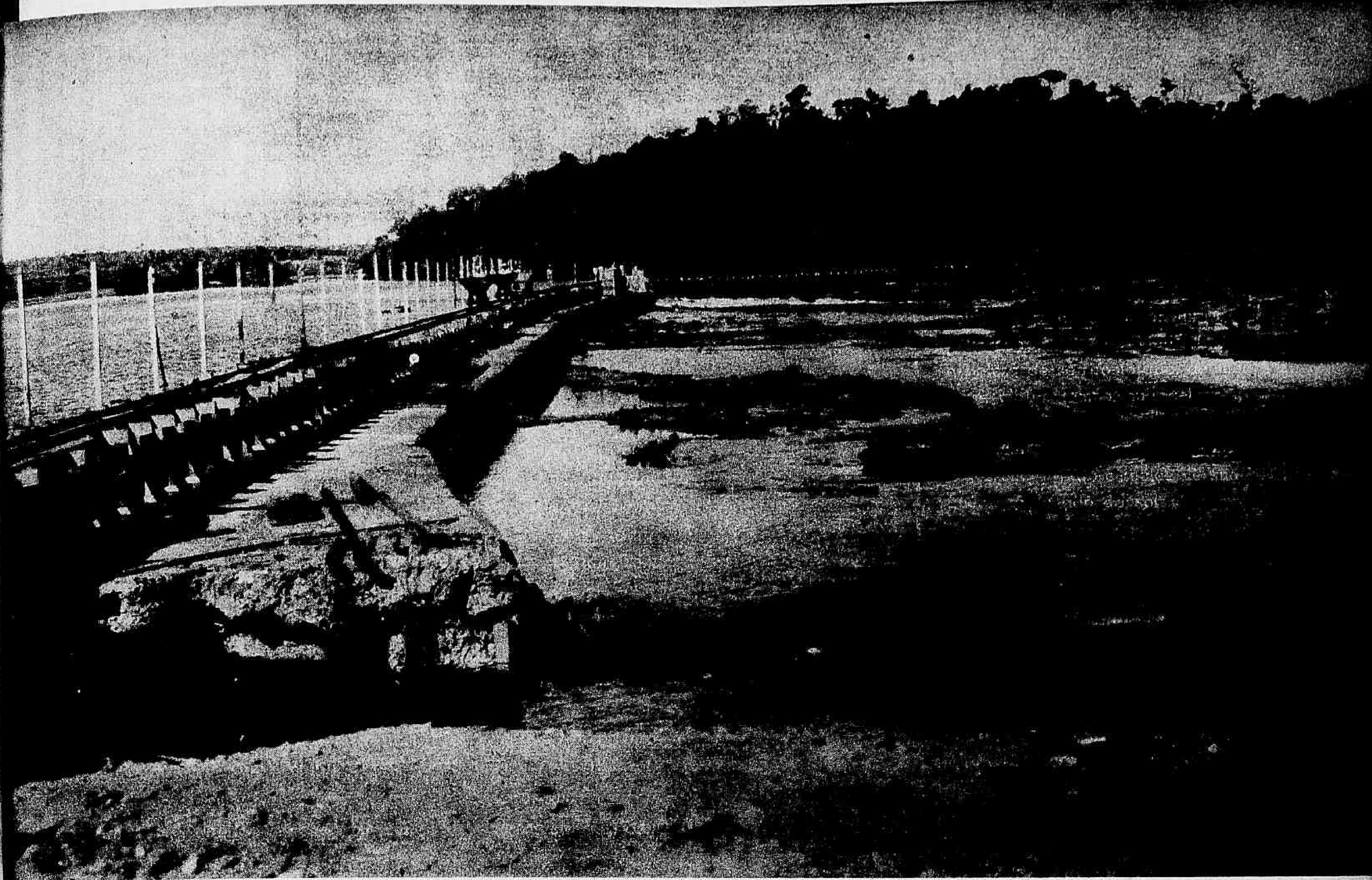
Nossa reportagem apresenta flagrantes fotográficos da Usina de Salto Grande e os leitores poderão encontrar nas ilustrações o adiantamento das obras de grande porte, ora em realização. Para dar a ver o ritmo acelerado com que vem sendo atacado o empreendimento, basta citar que, iniciadas as obras em fins de 1951, (o dr. Dagoberto Salles foi investido nas suas atuais funções em junho do mesmo ano) o que antes não passava de planos, projetos e mesmo sonho, atualmente apresenta-se em vias de conclusão, o que deverá acontecer até o fim do ano em curso. Justo e nunca demais será falar no formidável esfôrço dispendido pelo dr. Dagoberto Salles que, até em Washington foi parar a fim de buscar os meios que estão possibilitando a monumental emprêsa que, muito em breve, dotará São Paulo e parte do Estado do Paraná dêste sangue novo que corre pelos fios, movimenta máquinas e imprime o progresso: a eletricidade. Salto Grande é o futuro de um trabalho de equipe, planejado com inteligência e executado dentro da melhor técnica. As obras, que estão a cargo da SERVIX ENGENHARIA LTDA., já tiveram os seus trechos mais importantes concluídos e o projeto da usina é de autoria do engenheiro Hans Heinzelman. A barragem de Salto Grande terá uma extensão de mais de 900 metros e suas extremidades se fixarão em território paulista e paranaense, respectivamente. A casa das máquinas ficará situada no lado paulista e, na data de sua inuguração Salto Grande disporá de 80 mil HP. (cavalos fôrça) que serão produzidos por 4 gigantescas turbinas, que fornecerão mais de 60.000 KW. Tam-



Um prédio de 10 pavimentos poderia ser construído com o concreto utilizado neste único pilar.



Um aspecto da concretagem, feito por caçamba especial, construída na obra e acionada por um guindaste.



Esta ensecadeira (barragem provisória) tem 400 metros de extensão e destina-se permitir a construção da barragem definitiva.

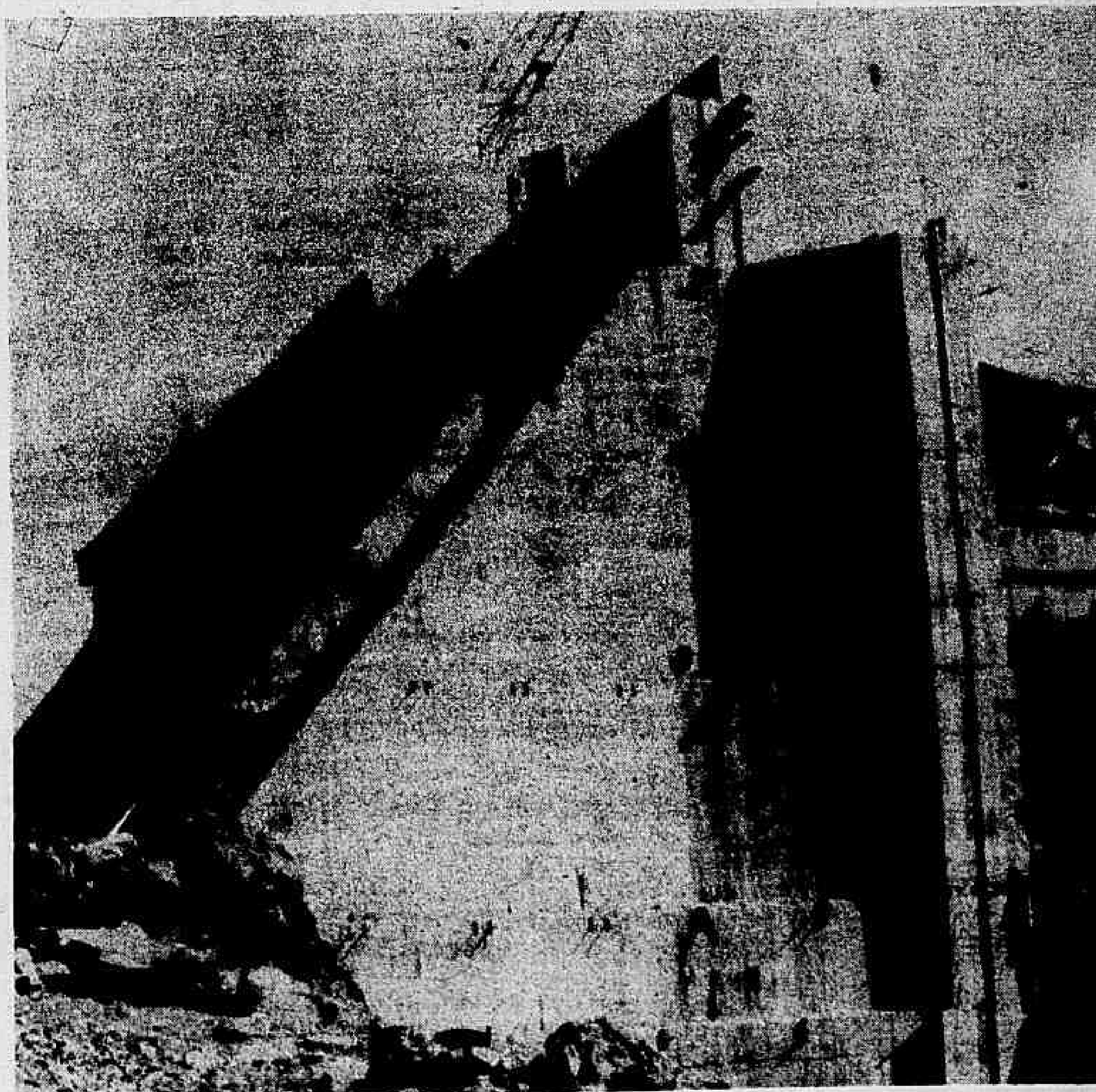
bém a Vila residencial, destinada a engenheiros, turbineiros e demais operários de Salto Grande, acha-se pràticamente em vias de conclusão. Além da usina de Salto Grande fazem parte do programa das «Usinas Elétricas do Paranapanema S.A.», mais 4 grandes centrais elétricas, que são: Juru Mirim, que terá 134 mil HP e cujas obras deverão ser atacadas ainda êste ano, Itararé, com 235 mil HP, Piraju, com 1077 mil HP e Ourinhos que disporá de 80 mil HP.

REDISTRIBUIÇÃO

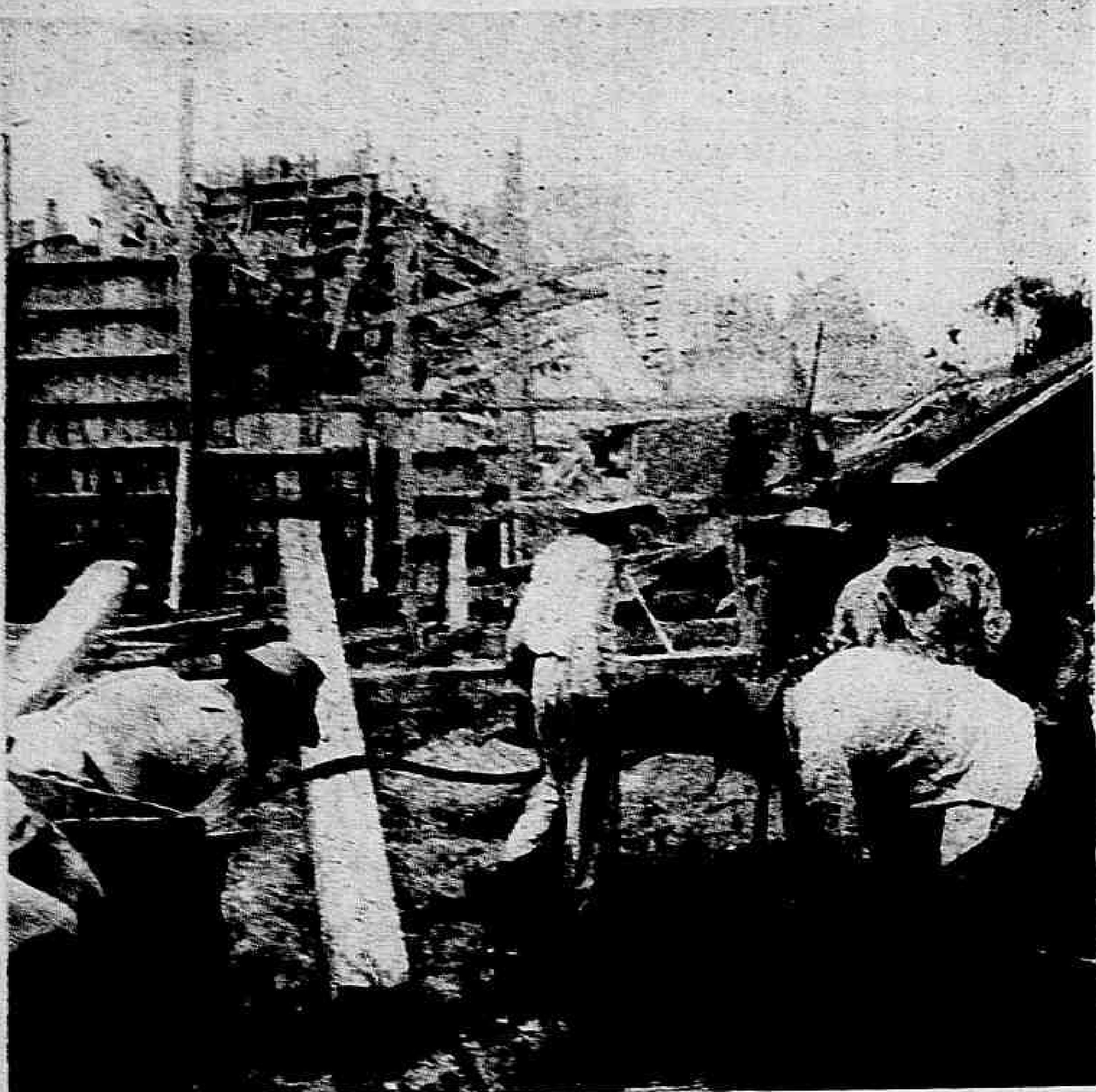
VÁRIAS companhias particulares foram beneficiadas pelo programa da «USELPA», uma vez que não se apresentavam em condições de suportar a carga que lhes seria fornecida, tais como a Companhia Caiuá, a Cia. Vale do Paranapanema, a Londrina, Hidro Paranapanema e Santa Cruz. Para elas conseguiu o dr. Dagoberto Salles o finan-



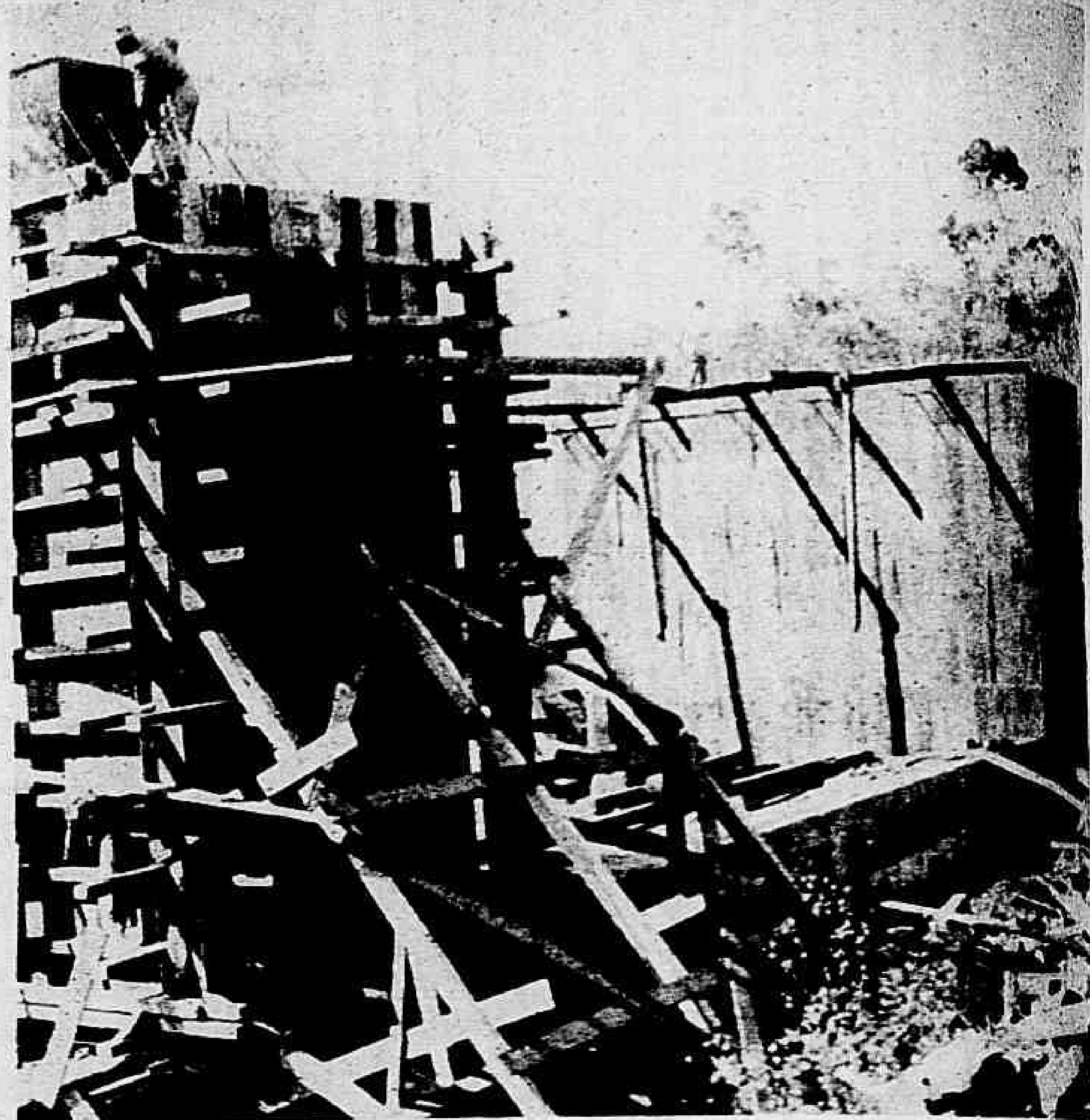
A escavadeira gigante parece diminuir de tamanho ao ser comparada com os enormes pilares de concreto.



Enorme será a fôrça da corrente que muito em breve será represada. Como um gigante alado, êste pilar aguarda o embate das águas.



São Paulo precisa de energia e ela virá de Salto Grande, Juru Mirim, Itararé, Piraju e Ourinhos!



Aspecto das obras, vendo-se operários que mais parecem pigmeus ao lado dos grandes blocos de concreto.

Lucas Garcez constrói: O GIGANTE DO PARANAPANEMA

ciamento necessário a uma transformação nos moldes a permitir o completo entendimento da carga que lhes será fornecida pelas «Usinas Elétricas do Paranapanema S.A.».

WASHINGTON COOPERA

OUTRA facêta que não deve ser desprezada na chamada «batalha do Paranapanema» é aquela onde vemos a tenacidade do dr. Dagoberto Salles e de sua equipe ante as inúmeras dificuldades surgidas no decorrer das negociações para a realização do empreendimento, aliás comuns em todo o negócio de vulto. Decretos foram assinados e novas leis foram criadas, dezenas de regulamentos e muita dor de cabeça para que pudessem os paulistas (e também os paranaenses) ganhar a luta pela energia elétrica. Foi solicitado o apoio do Banco Internacional de Reconstrução e Fomento, de Washington e nada menos que 3 comissões dêste conceituado estabelecimento de crédito vieram ao Brasil e, «in loco», constataram as possibilidades e a exeqüibilidade do projeto. Sempre estimulado pelo governador Garcez, viu o dr. Dagoberto Salles coroados do maior êxito os seus esforços e, foi aí que partiu para a capital americana a fim de assinar o empréstimo obtido, no valor de 10 milhões de dólares. Atuação destacada para a rápida concretização das «Usinas Elétricas do Paranapanema S.A.» teve o Banco do Estado de São Paulo que, atendendo a uma determinação do governador Garcez, colocou à disposição da Diretoria da «USELPA» os seus serviços.

★

Como brasileiros que bem aquilatam o papel da energia elétrica no mundo atual e, conhecedores das grandes necessidades do país, achamos de bom alvitre que os mais pessimistas entre nós façam uma ligeira visita aos escritórios da «USELPA», para que possam constatar o tremendo e patriótico trabalho, executado com modéstia, mesmo quase anônimo, que vêm desenvolvendo homens como Dagoberto Salles, Armando Laydner, Carlos Mesquita e outros. Assim, para qualquer cidadão com capacidade suficiente para compreender as urgentes e inadiáveis necessidades do país, constitui um promissor e excelente prognóstico para o futuro o que se vem fazendo em São Paulo em tôrno do assunto. Esta, e nada mais, a razão de nossa reportagem.

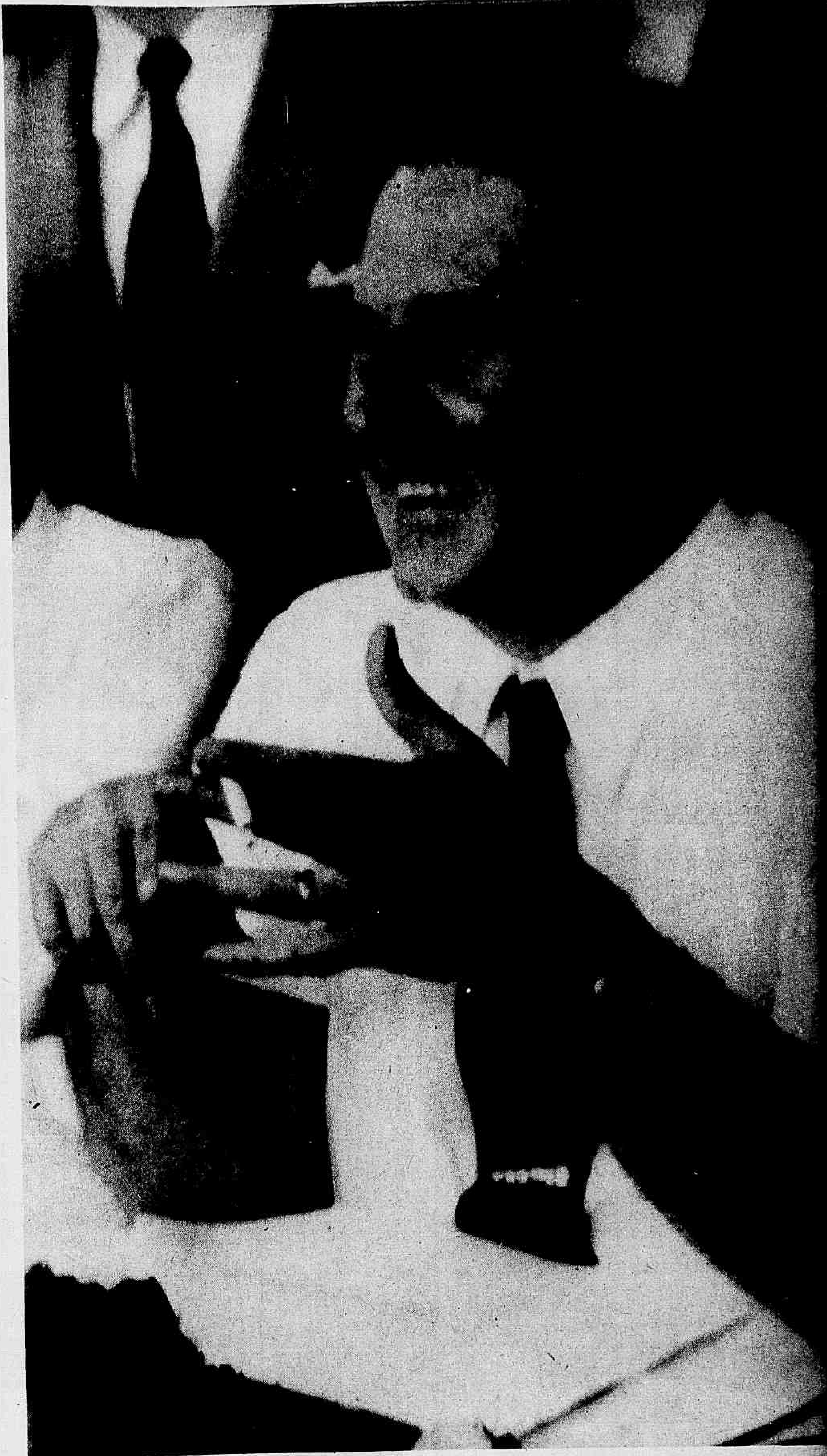


Na foto, o governador Lucas Garcez e o engenheiro Dagoberto Salles, durante a visita do governador a Salto Grande.

SÃO PAULO

De um lado: ADEMAR

De outro lado: CONFUSÃO



Drama e comédia na liqüidação de Jânio Quadros ★ Os objetivos do professor e uma incompreendida habilidade política ★ Caio Dias Batista, ou a história do preferido ★ Debandada no situacionismo e Cunha Bueno, pelo PSD ★ Jânio molhou de lágrimas a manga do paletó de Getúlio ★ Jango intervém, dissolvendo o PTB de São Paulo ★ Borghi de qualquer jeito.

Reportagem de CARLOS CASTELLO BRANCO

DEPOIS da visita de Getúlio a São Paulo as coisas se complicaram muito. Todos os partidos estiveram a ponto de romper com o governador. E Jânio Quadros, afinal um pobre rapaz, que se lançou com açodamento e imprevidência nos braços presidenciais, sofreu as conseqüências fulminantes do adultério político: foi estrangulado.

Passando quatro dias na capital paulista, a convite de Garcez, para ajudá-lo a coordenar um candidato, Getúlio, na hora da despedida, abriu o jôgo: «Dr. Garcez, nosso candidato é o Jânio». Acontece que nem Garcez nem seus amigos aceitaram a solução hábil. Apenas Jânio, encantado, começou a viajar secretamente para o Rio, de avião ou de automóvel para encontros secretíssimos com Jango Goulart, para acertar os detalhes. Sua convicção era a de que a resistência de Garcez ia cessar: o governador não tinha saída. Mas teve: bastou resistir. Em dois dias de resistência, o PDC, que lançara Jânio, compreendeu que perdera para o adversário seu próprio candidato, do qual se desfez de público com uma cerimônia de passar. Poucas horas depois, Jango Goulart comunicava a Garcez que Getúlio não insistia no nome de Jânio Quadros. O PSD estava a pique de lançar Cunha Bueno, num movimento de rebeldia.

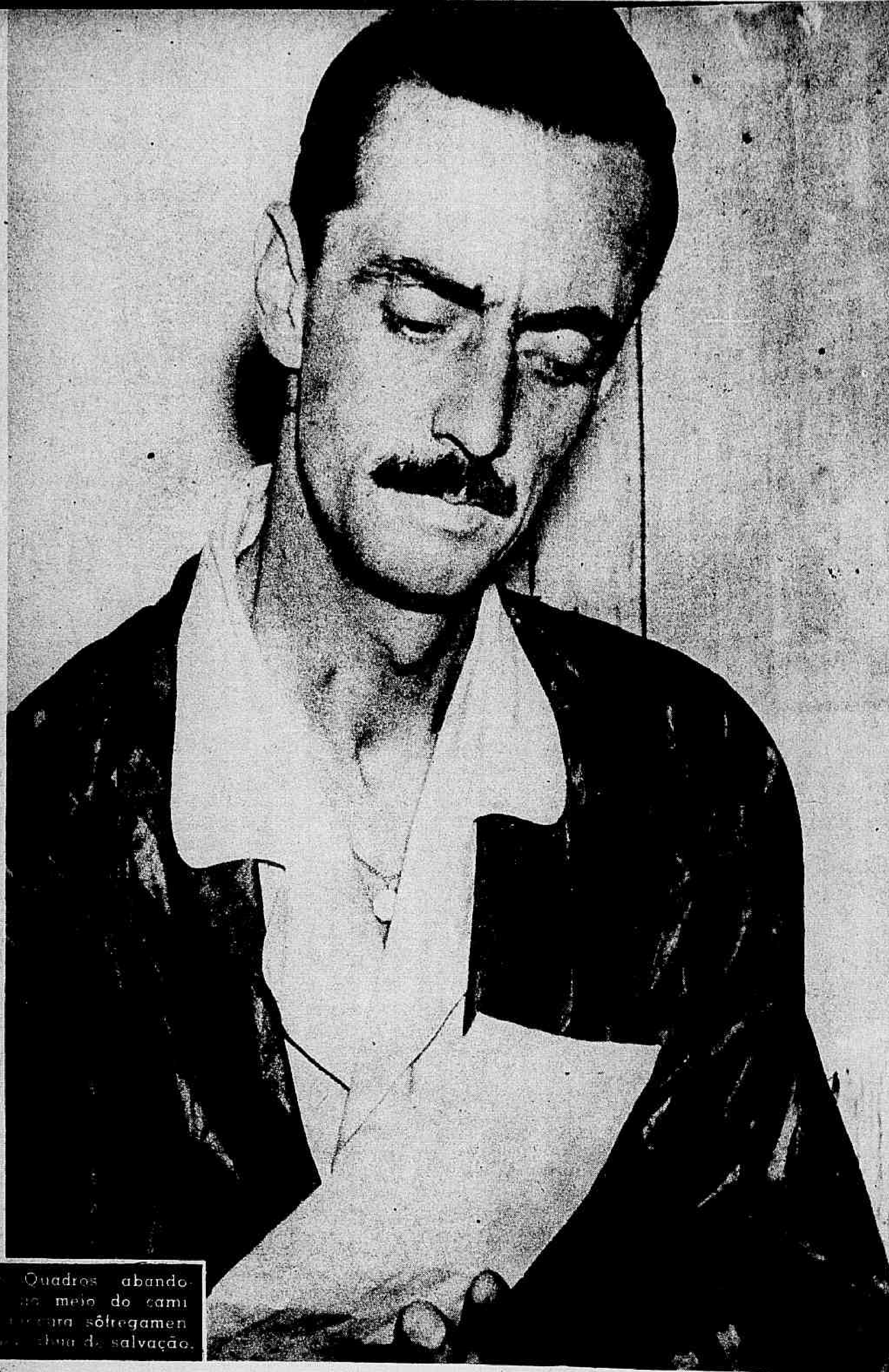
Tudo recomeçou de novo. Apenas o jôgo tornou-se mais violento. Jango dissolveu o PTB de São Paulo, do qual uma das alas insistia no prefeito e cujo grosso trabalhava por Hugo Borghi. A manobra janista do Presidente, se liquidou Jânio, não deixou de enfraquecer Getúlio.

Quem se saiu bem, dêsse episódio, foi quem não se envolveu com êle: foi Garcez, foi o PDC e fomos nós todos que contemplamos com tristeza o triste fim dêsse ambicioso matogrossense, que pleiteou a Prefeitura de São Paulo apenas para fazer do pôsto escada para a sua grande aventura pessoal.

O que se vê agora é o seguinte: de um lado, Ademar; de outro, a confusão.

Vamos contar detalhadamente os antecedentes dessa complicada batalha à procura de um candidato de São Paulo para derrotar a caixinha. A reportagem foi escrita alguns dias antes da intervenção pessoal de Getúlio no caso e traduz o estado de espírito dominante naquele período culminante das indecisões e das dificuldades.

SÃO PAULO DE



… Quadros abando… meio do cami… sôfregamen… salvação.

OS OBJETIVOS DE GARCEZ

O governador Garcez, na escolha dos candidatos à sua sucessão, demonstrou antes de mais nada duas coisas: não coloca seus objetivos tão alto quanto se supunha nem é em absoluto um político bisonho. Seu objetivo era a candidatura Caio Dias Batista e, no seu lançamento, realizou tantas e tão complicadas manobras políticas que deve ter causado espanto a velhos mestres do despistamento e do conchavo. À hora em que escrevemos esta reportagem, ignoramos ainda se seu objetivo foi plenamente atingido, isto é, se Caio Dias Batista é candidato ao govêrno de São Paulo, ou se sucumbiu êle na última batalha à artimanha ítalo-brasileira de Hugo Borghi.

A batalha para o candidato do govêrno deu lugar a escaramuças inesperadas e, como em tôdas as coisas dessa espécie, o grotesco muitas vêzes se misturou ao dramático. Haja vista a visita dêsse estranho Jânio Quadros ao Presidente da República, que lhe vetara o nome numa lista inicial de candidatos da frente anti-ademarista. Quando o sr. Getúlio Vargas admitiu incluir o seu nome na lista definitiva para exame do PTB, Jânio segurou-lhe o braço com fôrça, deixando cair a cabeça sôbre a dextra presidencial, coroando o gesto com um jato de lágrimas.

— Presidente, muito obrigado — disse. — V. Excia me deu o govêrno de São Paulo.

Tonto de alegria e gratidão, levantou-se e pediu aos circunstantes:

— Por favor, um telefone. Quero comunicar à «velhinha».

O COMÊÇO

Fixando as bases sôbre as quais se desenvolveu a história das candidaturas ao govêrno de São Paulo, e só as bases, deve-se recordar que, rompendo com Ademar de Barros, Garcez pensou inicialmente em têrmos federais: quebrava os seus compromissos com um dos chamados dois perigos para o regime. Com o outro, Getúlio, já firmara em relação a êle uma sição para a grande batalha da salvação de como o novo polo da política brasileira, em tôrno do qual sem correr riscos poderiam se unir governadores e chefes de partido da oposição para a grande batalha da salvação democrática. Entretanto, o rompimento teve uma repercussão equívoca: Ademar disse — traição. Muita gente acreditou. A maioria ficou pelo menos desconfiada. Mas dizem os entendidos que havia motivos que tornavam imperativo o rompimento: apenas o governador, por discrição, não os mencionara. Os ademaristas lhe armavam ciladas em tôda a parte, ameaçando-lhe a honestidade do seu govêrno.

O fato é que, ou sentindo-se desamparado ou traído por sua vez pelas dificuldades financeiras do Estado, que não imaginara andassem mesmo tão difíceis, Garcez abandonou o esquema Etelvino e caiu nos braços de Getúlio. Osvaldo Aranha foi o autor e o executor do novo esquema — o esquema da ajuda financeira do govêrno federal, e para fiscalizá-la nomeou o sr. Quartim Barbosa secretário da Fazenda de São Paulo. A recompensa de Getúlio foi tornar-se êle o árbitro da sucessão paulista, admitindo assim Garcez que o PTB é a maior fôrça situacionista do Estado.

Acontece que o governador, no seu rompimento, fêz-se acompanhar de dezenas de deputados estaduais e federais, de secretários de Estado, para os quais deveria encontrar acomodação política. E, além disso, cumprira durante mais de dois anos o programa da coligação chefiada pelos pessedistas Ulisses Guimarães e Cunha Bueno, pelo perrepista Loureiro Júnior, pelo republicano Sales Filho, que se anunciavam como arautos de uma nova ordem política em São Paulo e na República.

Mas Garcez vê longe: enquanto atraía para o PSD os dissidentes, arranjava vaga no PTB para Caio Dias Batista, seu amigo do peito. Já então, imaginava ficar na situação de ter de aceitar um candidato trabalhista. Por via das dúvidas, Caio entrou, mas não entrou, pois não tem diretório, nem pôsto, nem cargo, nem coisa nenhuma.

A PRIMEIRA LISTA

Depois de firmar a tese de que sòmente em São Paulo discutiria a sucessão paulista, Garcez veio ao Rio com a primeira lista de candidatos para oferecer a Getúlio Vargas: Marcondes, Cunha Bueno, Hugo Borghi, Jânio Quadros e Caio Dias Batista. O Presidente vetou Marcondes (superado), Bueno (muito jovem), Borghi e Jânio Quadros. Quanto a Caio perguntou:

— Não é êsse o homem que o Ademar acusa?

Garcez defendeu calorosamente o engenheiro Caio Dias Batista, seu antigo sócio num escritório de engenharia, seu chefe na emprêsa construtora da Fábrica Nacional de Motores, homem em cuja eficiência administrativa tem a maior fé.

Poucos dias depois, Garcez voltou e não se falou mais em Caio. Na nova lista, o nome predominante era o de outro engenheiro, Prestes Maia, que pareceu por um momento congregar tôdas as fôrças.

SURGE JANIO QUADROS

No aeroporto Santos Dumont o governador afirmou:

O candidato será conhecido dentro de poucos dias. Será um candidato popular, pois já passou a época dos candidatos do bôlso do colete.

Jânio parece ter compreendido que o nome era o de Prestes Maia. Isso significava o fim das suas esperanças, pois Prestes Maia, tendo sido um dos sustentáculos da sua candidatura à Prefeitura era um nome inobjetável para êle. Prestes lançado era Jânio superado.

Pensando adiantar-se, o prefeito fêz as pazes em vinte e quatro horas com o PDC que ia reunir-se para julgá-lo e lançou-se como candidato. Aparentemente, foi essa manobra de Jânio que matou pela raiz a candidatura do antigo prefeito, que seria apresentado na base de uma união geral das fôrças anti-Ademar.

O que parece mais provável agora é que, com a candidatura Prestes Maia, Garcez começava apenas a sua tentativa de desgastar a equipe política do prefeito, notòriamente candidato. Não fêz êle a menor oposição ao torpedeamento de Prestes Maia, muito pelo contrário estimulando-o, pois foi Jango Goulart, depois que se encontrou com o governador em Santos, quem autorizou Frota Moreira a declarar de público que seu candidato era Hugo Borghi e que o PTB teria candidato próprio. Frota aliou-se a Borghi e começou a manobrar com as costas largas.

Na viagem a Santos, acima aludida, Garcez confiou a Jango o nome da sua preferência:

O: DE UM LADO — ADEMAR, DE OUTRO LADO — CONFUSÃO

Caio Dias Batista. Ia articulá-lo e tudo o que surgisse em contrário seria apenas cortina de fumaça.

O DESGASTE

O governador imaginara uma dupla ação de desgaste: contra Ademar e contra Jânio. A primeira delas se reduzia a uma derrubada em massa de autoridades municipais e distritais — 600 foram demitidas num só dia, como suspeitas de ademarismo. A segunda ação, contra Jânio, levaria a confusão às suas fileiras. Já conseguira atrair para o seu govêrno José Ataliba Leonel, capitão de uma aguérrida equipe política que foi a substância da campanha de Jânio para a Prefeitura. Fêz dêle seu secretário do Trabalho e acenou-lhe com a possibilidade da candidatura, dêle ou a do seu companheiro Vladimir Toledo Piza.

O lançamento de Prestes Maia foi o segundo movimento anti-Jânio. E o terceiro, a apresentação do nome de Marrey Júnior, do PTB mas secretário da Justiça do Prefeito. Garcez sabia que, em hipótese elguma, Jânio abandonaria a luta e se aproveitava disso para criar incompatibilidade nas suas fileiras. Jânio viu-se obrigado a vetar o nome do seu amigo e auxiliar, criando pelo menos um grande constrangimento.

Pensou o governador que, cortando pão e água ao prefeito, talvez conseguisse aquilo que por meios suasórios era impossível: a retirada de Jânio.

Enquanto isso, o governador ia satisfazendo às pequenas ambições em sua volta. Ia alimentando candidaturas possíveis ou não, pondo-as em discussão, para evidenciar as dificuldades das mesmas. Castilho Cabral, César Vergueiro, Marcondes Filho, Nilo Amaral, Renato Costa Lima, Anhaia de Melo, Melo Morais, Miguel Reale, Horácio Lafer...

Por falar em Lafer, o ex-ministro a certa altura apareceu com uma fórmula, que tomava por base a dramática situação financeira do país e de São Paulo òbviamente provocada pelo plano Aranha. Por 24 horas falou-se no Automóvel Clube no esquema Lafer, que previa uma mesa redonda com a presença de todos, inclusive de Ademar. Ninguém aceitou, embora em princípio todos concordassem com ela.

E por falar em mesa redonda, coube a Paulo Nogueira Filho a idéia mais original: reunir numa convenção todos os chefes municipais de S. Paulo que, por voto, escolheriam o candidato que não poderia ser nem Ademar nem Jânio. E' óbvio que a fórmula Nogueira não foi levada a sério.

BORGHI

Destruídos todos os adversários, restou a Garcez um, Hugo Borghi que, recolhido ao seu retiro de Macaé, prestava-se moderadamente, até onde o movimento o interessava, ao jôgo dos torpedeamentos. Borghi, com Jânio e Ademar, constitui fôrça popular em São Paulo e, sem êle, não seria possível a terceira candidatura.

Ao seu nome, surgiriam logo as óbvias reservas que sua situação financeira excepcionalmen difícil e complicada não permitiria superar. Borghi, como é notório, está cheio de dívidas, ao que consta perto de um bilhão de cruzeiros, quase tudo a estebelecimentos oficiais de crédito, o Banco do Brasil e as Caixas Econômicas. Pilheriando, Osvaldo Aranha disse a um amigo que se Borghi dispusesse de tudo o que tem talvez não conseguisse numerário para pagar o sêlo de reforma dos seus papagaios.

Essa situação colocou o marmiteiro como prisioneiro do Catete, a cujo jôgo passou a servir a contra gôsto. Através dêle Getúlio obteria a decisão que bem entendesse em São Paulo. Apenas Getúlio não o quer como governador.

Começou o Catete por trancar a convenção do PTB, dominada por Borghi, adiando-a «sine-die». A certa altura, promoveu a união da ala Frota Moreira à ala Borghi, tornando-se mais ameaçador. E com essa arma ofereceu a resistência final a Garcez.

A CONVENÇÃO

No momento em que redigimos esta reportagem, Borghi saiu do seu retiro e foi conversar com Garcez, declarando que marchará com o governador em tôrno de um candidato que sairá das fileiras do PTB. O que o PTB decidir na sua convenção será a verdade para Garcez.

O PTB

Acontece que o PTB, tal como está, é Borghi. Frota Moreira, um dos adversários mais fortes, está fazendo o jôgo do marmiteiro. Inconformada está a antiga ala janista de José Ataliba Leonel, Vladimir Toledo Piza e Oscar Pedroso d'Horta, êste último um candidato que Getúlio gostaria de fazer. Êsses homens destacam-se no PTB por terem ideais definidas, são próceres de esquerda, nacionalistas, populistas autênticos. E acreditaram poder-se servir das contradições do PTB para impor ao partido o seu estilo político. Contavam para tanto com a simpatia de Getúlio, que gostará de ver São Paulo agitado por uma campanha experimental do tipo «petróleo é nosso», coisa que bem lhe poderia fornecer uma saída no plano federal.

Quando o panorama se delineou, Ataliba começou a articular desesperadamente o nome de Toledo Piza, antes de tomar uma posição conseqüente.

Ignora-se a essa altura se o acôrdo Borghi-Garcez vale por uma disputa em campo aberto dentro da convenção entre Borghi e Caio Dias Batista ou se há algum acôrdo oficial por detrás. Será possível, por exemplo, que Getúlio tenha determinado ao PTB a aceitação de Caio ou dado liberdade a Borghi ou finalmente soltado as rédeas a Borghi e a Garcez para que de tudo saia a sua solução pessoal.

PSD

O PSD, acrescido dos dissidentes do PSP, daria o vice-governador na pessoa de Cunha Bueno. Cirilo, entretanto, entrou em entendimento com Ademar e Novelli, Mazzili, etc., caminham para Jânio. Os dissidentes, com Castilho Cabral à frente, vão fortalecer o prefeito, para êles o anti-Ademar por excelência.

UDN

A UDN é Jânio, a contragosto, pois atribui o lançamento precipitado do prefeito a manobra do deputado Auro Moura Andrade, antigo udenista que pretenderia deixar o partido em situação difícil: a de aderir sem levar nada, nem mesmo a vice-governança. Os udenistas não aceitarão a candidatura Queiroz Filho para vice e terão nome próprio para o pôsto, em combinação com o PSB.

Alegam os democratas cristãos que a UDN perdeu para êles seu eleitorado, mas de qualquer forma não perdeu sua organização.

Jango Goulart, «presidente do PTB», foi a estação intermediária entre Getúlio Vargas e Jânio Quadros.



Hugo Borghi volta aos seus métodos antigos: choraminga pobreza e ameaça com grandezas eleitorais.



A Semana em Revista

BOITES

● Algumas «boites» vasias, deixando o freguês a pensar que a casa dá prejuízo, pensamento que se esvai na hora em que lhe é apresentada a nota. Outras continuam cheias e, entre elas, o «Casablanca» e o «Night & Day» disputam a maior freqüência. Na «boite» da Praia Vermelha continua «Esta vida é um carnaval», com o mesmo êxito, embora Íris Del Mar não seja a substituta ideal para Tereza Austregésilo, nem a direção tenha encontrado coristas tão belas quanto aquelas que, depois da estréia, deixaram o elenco, como Paulette Marçal, por exemplo.

No «Night & Day» está ainda o «show» de Fernando Lôbo e Ari Barroso — «Quem inventou a mulata» — onde sobressaem Horacina Correa, Dorinha Duval, Chocolate, a Escola de Samba de Portela e o Trio de Ouro.

No «Beguin», Silveira Sampaio atua, dirige e agrada com o seu «Quem roubou meu samba?», que apresenta Jorge Veiga, êsse campeão de todos os carnavais, Bola Sete, Dolores Duran, Fernanda Villamayor, Magalhães Graça e mais um elenco de mocinhas de «bikino». No mais há o «Monte Carlo», com uma melancólica reapresentação do «show» Clarins em Fá, que foi o grande êxito do «Casablanca» no ano passado, mas que êste ano, remontado, não é nem sombra do que foi. De qualquer maneira, lá estão Ataúlfo Alves e suas Pastoras e as «girls» da casa, que têm fama de serem as mais bonitas «girls» do Brasil.



FERNANDA VILLAMAYOR

TEATRO

● A estréia da semana que passou foi «Eu quero me rebolar», pela Cia. de Siwa Tsen, no Teatro Carlos Gomes. Trata-se de uma revista da dupla J. Maia e Max Nunes, cuja prodigalidade em escrever para o teatro musicado é de fazer inveja, mesmo aos srs. Luís Peixoto e Freire Júnior.

Como espetáculo «Eu quero me rebolar», desejo não muito estranho em vésperas de carnaval, está longe de agradar, quer pela pobreza com que foi montado, quer pela pressa com que foi ensaiado e quer pelo elenco que o compõe, onde aparece como figura de proa, esta surpreendente Siwa Tsen, que há pouco tempo saía do Rio como simples corista em «shows» de «boites», e agora volta como vedeta e empresária de uma Cia. que, a julgar pela apresentação inicial, tem grandes pretensões.

«Eu quero me rebolar» veiu sob intensa publicidade, com um «cast» melhorado, pois não foram poucos os enxertos no elenco original e com intensões de abafar. Vai ser difícil, porém. O guarda-roupa é pobre, ainda mais depois do incêndio que destruiu o Teatro Continental de Pôrto Alegre, quando ali se apresentava Siwa, com seus artistas.

Há ainda a lamentar o desajustado corpo de coristas (que mesmo sendo corpo é a alma de uma revista) e a liberdade que deram a Grande Otelo, um bom cômico, sem dúvida, mas que nunca se sai satisfatòriamente, quando sem orientação.

No mais brilham o Trio de Ouro, as Pastoras de Jupira e Birunga, aquêle pretinho que toca chorinhos numa fôlha de ficus. Quanto a Pedro Dias: imita o sr. Getúlio Vargas, como vem fazendo neste curto período de 24 anos.

★

● A outra estréia não foi bem uma estréia. Ficaria melhor dito: uma recauchutagem. A revista «Marreta o Bombo», que vinha, há mais de um mês, ocupando o minúsculo palco do Teatro Jardel, sofreu algumas modificações para enfrentar o período pre-carnavalesco.

Saíram o cômico e a bailarina espanhóis Qaquito e Maria de Jesus, entrando o compositor e semi-cantor Lamartine Babo e a sambista Araci Côrtes. O resto continuou como dantes no quartel de Abrantes: Glória May, Dulcimar, Evilásio Marçal, etc.

E' justo que se ressalte a apresentação de Araci Côrtes, ainda em boa forma, cantando naquele seu inimitável estilo, que tantas glórias lhe valeram no passado. Mas a glória em «Marreta o Bombo» é mesmo a Glória May, que tem um corpo escultural, canta, dança, representa e faz quase tudo o que o espetáculo tem de melhor. Cite-se o Trio Tamoio, o mesmo que se apresenta na «boite» Vogue sob o nome de «As Pastorinhas», e ter-se-á citado o que vale a pena ver e ouvir na nova versão de «Marreta o Bombo».

CINEMA

● Êste ano, ao contrário do que vem acontecendo das vêzes anteriores, o carioca não tem sido muito explorado pelas emprêsas exibidoras do Rio. Claro está que, a cada momento, há uma reprise passando por coisa nova, há uma sala quentíssima com o aviso lá fora: «ar refrigerado», há um filme nacional (que já não é exploração do exibidor, mas do produtor, embora no caso da Atlântida ambos sejam uma só pessoa), etc.

Mas que a programação dos cinemas, tão fraca em verões passados, está bastante razoável êste ano, não há dúvida. Atente-se, por exemplo, para êsses dois excelentes filmes italianos recém-exibidos: «Roma às 11 horas» e «Somos todos assassinos», ou essa esplêndida fita da Columbia — «Leito nupcial» — que nos traz de volta o casal Lili Palmes — Rex Harrison.

Mas o que é lamentável, profundamente lamentável é a eterna imposição dos SEVERIANOS ao público. «Carnaval em Caxias», um filme pouco menos que péssimo, exibido (pelo menos na semana passada) em 15 cinemas, enquanto um dos melhores filmes feitos no ano passado — «Os saltimbancos» — teve que se contentar com um circuito muito mais modesto, tendo ainda a desvantagem de nêle figurarem alguns cinemas inqualificáveis.



HÉLIA CASANOVAS

● Hélia Casanovas continua na buate Night & Day, interpretando canções mexicanas e música folclórica de diversos países hispano-americanos. A artista, que iniciou uma «tournée» na Venezuela, vem fazendo, com êxito, as suas apresentações nas principais capitais da América do Sul. Ora, como dissemos, está no Night & Day, onde, tôdas as noites, confirma os seus dotes de intérprete esponencial do folclore da sua terra



NATALIA CLARE — OLEG. TUPINI

BALLET

Depois do seu grande sucesso no Rio, quando aqui estêve em companhia de Toumanova, no ano passado, Oleg Tupine tenta convencer o diretor do «ballet» a que presta seu concurso no momento, para que êste programe o Rio na «tournée» que iniciarão dentro em breve. O dito «ballet» chama-se «Ballet de la Ville des Anges», tendo estreado em Cannes no princípio de janeiro. Atualmente está obtendo seu primeiro grande sucesso numa longa temporada em Madrid. O novo grupo tem a originalidade de apresentar um repertório absolutamente inédito, evitando propositadamente os bailados tradicionais, já conhecidos. Êle tem por base a cidade de Los Angeles, onde vinha ensaiando há vários meses, sob a direção do famoso coreógrafo David Lichine, seu diretor artístico. Compõe-se de 27 dançarinos, chefiados por Tatiana Riabouchinska, o já citado Oleg Tupine e sua espôsa, Natalia Clare. Os restantes são jovens dançarinos norte-americanos, alguns muito elogiados pela crítica, especialmente Wilda Taylor e Gene Marinacci. O repertório, que tem surpreendido o público, consiste de uma parte clássica, uma característica e outra moderna. Para a clássica, Lichine compôs três «Suites Venezianas», sôbre compositores italianos do século XVIII e em seguida «Sonatas», sôbre músicas de Scarlatti, Mozart e Rossini. Para a segunda parte, fêz «Oiseuax d' Or», sôbre a Suite nº 2, de Tchaikowsky. Para a terceira, compôs um original bailado moderno e humorístico, «Combate de Galos», sôbre música do Padre A. Soler. Depois da «tournée» pela Espanha, o «Ballet de la Ville des Anges» dançará em Lisboa, Roma, Paris, Irlanda e — se os desejos de Tupine se concretizarem — Rio de Janeiro.

DISCOS

DIAMANTINA GOMES e ZÉ & ZILDA — **Vendedor de pirulito / Jura** — A dupla que já ganhou êste ano — Zé e Zilda — e mais a «Lady crooner» da buate Night & Day numa marchinha inexpressiva e no samba que transformou-se num grande sucesso: «Foi uma jura que eu fiz de nunca mais amar...» — (Odeon)

HEBE CAMARGO — **Marcha do Tripeiro / Eu não sou Deus** — Hebe nunca passou de uma cantora sofrível, o que prova mais uma vez com êstes números. O primeiro uma marcha da dupla Paquito e Romeu Gentil, o outro um samba de Fernando Lôbo e José Roi. — (Odeon)

DORA LOPES — **Toma cachaça / Pegando fogo** — Com um estilo muito pessoal, Dora Lopes brilha na batucada da face «A». Menos brilhante é a marchinha que completa o disco, apesar de contar entre os seus autores com um nome de respeito: J. Piedade. — (Sinter)

DOLORES BARRIOS — **Lavadeira / Hei de vencer** — Não vence não, dona Dolores, com êsse a senhora não vence nunca. — (Sinter)

GRANDE OTELO — **Marcha do Tatu / É tarde demais** — Até o Grande Otelo gravando para o carnaval. A Sinter é mestra nisso. Qualquer sujeito que tenha um nome conhecido do público tem direito a gravar na Sinter. Dizem que êles, êste ano, convidaram até o Ademar de Barros para cantar uma marchinha em dueto com o Barreto Pinto. E o trêfego político só não aceitou porque, num rasgo surpreendente de bom-gôsto, disse que detesta o Barreto. — (Sinter)

JOÃO DIAS — **Don Juan / Botão de rosa** — Duas bonitas marchas, embora nossa preferência recaia sôbre «Botão de rosas». João Dias bastante sóbrio. — (Odeon)

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DA PÁGINA 36

1 — 1910 ★ 2 — Na D. Pedro II ★ 3 — Homem de coração bravo ★ 4 — Ibsen ★ 5 — Findou na guilhotina ★ 6 — 64 ★ 7 — De Nero ★ 8 — 16-1-1897 ★ 9 — 340 metros ★ 10 — Henry Cavendish ★ 11 — Hudson ★ 12 — 49 ★ 13 — Pelas descobertas no campo da Física ★ 14 — Combater a bomba voadora alemã ★ 15 — 1868.

Champanhota

PETER



DOLORES GUINLE

● *No meio da expectativa geral (e de muita possibilidade de ampliar o campo de ação dos "cigarras") vêm chegando os decepcionantes telegramas das "melhores" artistas estrangeiras, esperadas para o Festival Cinematográfico de São Paulo, comunicando que não poderão vir. Entre elas, as "melhores" Gina Lollobrigida (na intimidade, Loló), Marilyn Monroe e Silvana Pampanini.*

BRIDGE É FEBRE

Todo mundo resolveu aprender bridge, principalmente as senhoras da nossa sociedade. Assim, nos sábados, começa a subir a serra de Petrópolis aquela fileira de carros em direção à casa do sr. Aloisio de Sales que é, digamos, o Estádio Maracanã onde se encontram aprendizes veteranos na mais civilizada e simpática acolhida. Nesses "matchs" o sr. Valdemar Schiller (campeão sul-americano) funciona como consultor. Muito particularmente, êle contou-nos que a dupla que mais promete é o casal Otávio Faria.

SENADOR MELO VIANA

Encontra-se há muitos dias acamado o senador Melo Viana que vem recebendo inúmeras visitas, inclusive dos srs. Eurico Dutra, Nereu Ramos. Benedito Valadares e muitos outros políticos de destaque. Com êste impedimento, a sociedade está sendo roubada da companhia simpática do político e caçador.

A ROLLS-ROYCE VEM AÍ



DANUZA LEAO

A sra. Carlos Guinle chegou da Europa, contando uma porção de novidades, inclusive que o Velho Mundo está encantado com a música e coisas do Brasil. Dentro de dias deverá chegar a moderníssima Rolls-Royce, recentemente adquirida pelos Guinle. Êste elegante automóvel verde e prêto deverá formar entre os mais bonitos existentes no Rio.

DESFILE DAS «ESTRÊLAS»

Foi grande o movimento de pessoas para o "desfile das estrêlas", seguido de baile, organizado pelos nossos confrades da revista "Cinelândia" alimentado pelo "Vogue" e enfeitado por Ana Maria, Inalda C. de Carvalho, Dóris Monteiro, Clélia Tereza, Liana Duval, Lisca Ayde, Agnes Fontoura, Selma Durval, Julie Bardof, Patricia Lacerda, Aurora Duarte, Terezinha Portela e Glauce Rocha.

GOLDEN-ROOM DO COPA

De acôrdo com o que já dissemos uma vez, o "Golden-room" do Copacabana Palace reabrirá no dia 27 com uma das mais importantes festas do ano. Nela deverão estar todos os artistas do Festival Internacional de Cinema e os convites serão disputadíssimos.

NO RIO, ROXO LOUREIRO

Está no Rio (Copacabana Palace), recentemente chegado dos Estados Unidos, onde passou muito tempo, o sr. Orozimbo Roxo Loureiro. O banqueiro paulista tem saído bastante, matando as saudades, talvez.

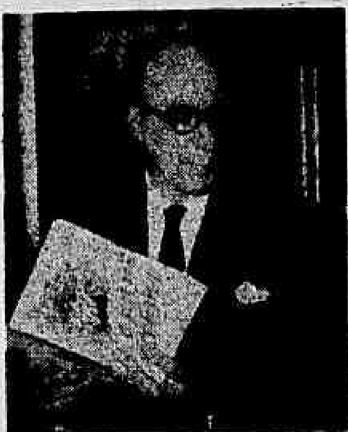
REABRIRÁ EM MAIO



EMBAIXADOR DÉCIO MOURA E SENHORA VICTOR LAGE

Porém, dia imediato o "Golden-room" fechará de novo para só reabrir em maio, com um "show" do sr. Caribé, cujos cenários e roupas já estão prontos. O enrêdo do "show" vem sendo mantido debaixo do mais rigoroso sigilo. De acôrdo, porém, com a tradição do Copa, podemos adiantar que a base dêste será dança e canto. Enquanto o "Golden" estiver fechado o "Meia-Noite" funcionará com atrações estrangeiras; com a reabertura daquele, fechará para reformas. Trata-se de um sistema perfeito de rodízio para reformas e novas decorações.

UM NOME, UMA NOTÍCIA


HAMILTON NOGUEIRA


ARMANDO FALCÃO


MATIAS OLÍMPIO

★ HAMILTON NOGUEIRA, para escândalo de alguns membros da Aliança Popular (contra o roubo e o golpe), admitiu entrar em aliança com o PTB para disputa comum dos dois lugares de senador pelo Distrito Federal. O candidato trabalhista seria Édison Passos. Mas a idéia foi vetada.

★ MATIAS OLÍMPIO, senador do Piauí e da UDN, abandonou a UDN para entrar no PTB. Entretanto, a secção petebista estadual não quis lhe passar o comando do partido. Matias pleiteou a intervenção federal no PTB, mas sem êxito, não tendo também conseguido credenciais para fundar diretórios no Estado.

★ FRANCISCO MACEDO, deputado por Sergipe, atribui a uma «conspiração diabólica» do senador Durval Cruz, visando destruí-lo pessoalmente, a candidatura de conciliação do sr. Lourival Fontes ao govêrno do Estado. Entretanto, diz, está disposto a lutar contra o candidato com tôdas as armas.

★ ILDO MENEGHETTI, candidato do PSD gaúcho ao govêrno do Estado, é um homem maior de cinqüenta anos, que até aqui exerceu sòmente dois cargos políticos: vereador e prefeito. Tornou-se, entretanto, um ídolo do pessedismo gaúcho e em conseqüência um candidato irremovível.

★ LÚCIO BITTENCOURT, trabalhista e banqueiro, quer ser senador por Minas Gerais, tendo, proposto, como presidente do PTB mineiro, uma aliança com a UDN para as eleições de três de outubro. O preço da aliança é a apresentação do seu nome como candidato ao Monroe.

★ ARMANDO FALCÃO voltou do Ceará convencido de que deixou garantida sua reeleição à Câmara dos Deputados. Seu patrono no PSD é o candidato a governador, Menezes Pimentel. Dessa maneira, Falcão não pensa mais em abrigar-se na legenda carioca da Aliança Popular.

★ PEREIRA PINTO abrirá cisão no PSD fluminense, para candidatar-se, apoiado pela UDN e o PSP, ao govêrno do Estado. O candidato pessedista (amararista) que devia ser Paulo Fernandes, apoiado pelo PTB, não é mais. Procura-se agora um candidato que não seja do inteiro agrado dos trabalhistas.

Semana POLÍTICA

A volta do esquema Etelvino

C. C. B.

Está marcada para êste mês de fevereiro, mas possivelmente sòmente em março se realizará, a reunião do diretório nacional do PSD, com a presença de todos os governadores pessedistas, para exame da fórmula encaminhada ao partido pelo governador de Pernambuco com a qual se pretende resolver o problema da sucessão presidencial da República. Essa fórmula — o chamado esquema Etelvino — surgiu das conversações do governador pernambucano com os srs. Lucas Garcez e Régis Pacheco, tendo os três chefes de Executivo estadual assumido compromissos definidos no sentido de levar avante o plano que, no fundo, se destina a obrigar o sr. Getúlio Vargas a reconhecer a inevitabilidade da sua sucessão no Palácio do Catete. E é como um esquema oposicionista — pois tudo o que procura levar o govêrno a considerar o problema sucessório torna-se desde logo oposição — que foi êle aceito e está sendo considerado nos meios políticos. A UDN e o PR o aprovaram, embora aguardem o pronunciamento do PSD para dizerem sua opinião oficial. Os generais de 3 de outubro, ou seja, os generais da sucessão, foram amplamente consultados e estão de acôrdo em prestigiar uma solução que congregue os grupos políticos para fixar, desde já, a tese de que deve haver um sucessor.

● *Quanto ao PSD, êsse partido divide-se cada vez mais nitidamente em duas alas: a getulista, comandada pelo almirante Amaral Peixoto, e a independente, liderada pelos gaúchos e já agora por Etelvino e Régis Pacheco. Entre uns e outros, estão os mineiros, com sua votação decisiva, que querem a sucessão mas não querem desgostar o Presidente.*

Nesses dois meses de silêncio, o trabalho dos etelvinistas prosseguiu ativo, em articulações das quais se espera como resultado a adoção do esquema, ainda que amenizado por alguma proposta mineira. E, nesse meio tempo, está ameaçando acontecer uma coisa que, se se desenvolver de acôrdo com a expectativa, reforçará enormemente a linha Etelvino: trata-se da ruptura da frente Getúlio-Garcez em São Paulo, frente que o governador paulista foi obrigado a admitir, capitulando em face das dificuldades financeiras do seu Estado. Mas já agora foi o próprio Presidente da República quem tomou a iniciativa de liberar Garcez, procurando entender-se com Jânio Quadros. Se Getúlio insistir na candidatura do prefeito, teremos retomado pelo PSD de São Paulo o esquema Etelvino. Isso pode ser decisivo para a sorte da sucessão e é, de certa maneira, a contrapartida da confusão e da desmoralização que o Catete introduziu na política paulista.

GETÚLIO CONTRA JANGO


GETÚLIO VARGAS

● **A luta que se trava no Catete entre Jango Goulart e Amaral Peixoto, que aparentemente vinha sendo levada com vantagens para o ministro do Trabalho, que desenvolvia tranqüilamente seu plano de alianças estaduais com a UDN, começa a mudar de rumo, prevalecendo já agora, à medida que se aproximam as eleições, o interêsse eleitoral do parente mais próximo.**

No Estado do Rio, os entendimentos de Jango com os adversários de Amaral foram desautorizados, tendo Getúlio mandado o PTB apoiar o candidato do genro. No Ceará, onde era tida como concluída a aliança UDN-PTB, Amaral, patrocinando o inexperiente governador Barbosa, conseguiu revolucionar a situação, obtendo de Getúlio a ordem para o PTB dar o dito por não dito e embarcar na canoa pessedista. Amaral tem interêsses diretos em vários outros Estados, nos quais Jango ainda manobra com relativa facilidade. Que a UDN, entretanto, leve em conta os precedentes.

ESTACA ZERO, EM S. PAULO

● **Tudo voltou à estaca zero, em matéria de sucessão paulista. Todos os candidatos e tôdas as alianças voltaram a se tornar viáveis. Getúlio mandou reestruturar o PTB, aparentemente para apoiar ainda a candidatura Jânio Quadros, mas restabeleceu contatos com o governador Garcez, introduzindo na Comissão de Reestruturação trabalhistas que têm acesso aos Campos Elíseos, seja para procurar novamente um candidato comum, seja para impedir que Garcez escolha com seus amigos um candidato sem interferência do Catete.**

Na realidade faltam mais de oito meses para a eleição e há pela frente um largo tempo para conversas. Ademar, por exemplo, só espera lançar-se candidato, oficialmente, em julho ou agôsto, sendo muito possível que os outros se detenham. O açodamento, por enquanto, não serviu a ninguém, tendo pelo contrário desservido a muita gente. E os candidatos de bôlso de colête ainda não tiveram sua verdadeira chance.


ADEMAR DE BARROS



FLÁVIO PÔRTO, novo colunista da REVISTA DA SEMANA, nos dará semanalmente o retrato do «underground» paulista.

INFORMANDO DE SÃO PAULO

FLÁVIO PÔRTO

★ A cronista Leila Marize, de «Última Hora», lançará um concurso de contos para moças (só inéditas). Sabemos que os prêmios serão compensadores. Em melhor oportunidade anunciaremos as bases para o concurso.

★ Uma senhorita da sociedade de São Paulo quando apresentada a Fernando Sabino perguntou-lhe se êle também escrevia. Sabino respondeu: — «Às vêzes».

★ Teve enorme repercussão nos meios sociais e artísticos da capital, o «cocktail» oferecido pela «Revista da Semana» aos artistas da Bienal. A «da Semana» dia a dia vem tendo melhor aceitação.

★ Luís Coelho e Oscar Pedroso Horta vão ser nomeados Embaixadores da crônica carioca em São Paulo.

★ Na Câmara dos Vereadores brigaram Gabriel Quadros (pai de Jânio) e Cantídio Sampaio. Foi a briga política mais original dos últimos tempos, pois ao contrário dos bofetões esperados (chegaram a marcar hora), os ilustres edis chamavam-se de «meu benzinho», e «V. Excia. é mãe de Jânio». Como em tôdas as brigas políticas acabou tudo bem.

★ A figura simpática do deputado Cunha Bueno continua nas «encolhas». Sendo uma das pessoas de maior prestígio no interior do Estado, acredita-se que entrará numa chapa pouco provável com a participação de Jânio Quadros.

★ Dizem que Ademar de Barros receberá duzentos milhões de cruzeiros dos bicheiros e banqueiros de São Paulo, para o melhor andamento de sua chegada até os Campos Elíseos.



OSCAR PEDROSO D'ORTA: Dono dos cariocas.

O SR. E A SENHORA DIDU CAMPOS estiveram tão íntimos do príncipe Ali Khan, agora durante os festejos do IV Centenário, que no fim de uma de suas noitadas chamavam ao príncipe de Ali Campos, e ao elegante Didu de Didu Khan.

★

FALA-SE (E MUITO) que o sr. Jânio Quadros terá a sua candidatura apoiada por Getúlio, para a governadoria do Estado. Para vice-governador dessa chapa seria indicado o nome de Rodrigo Barjas Filho, atual presidente do IAPC.



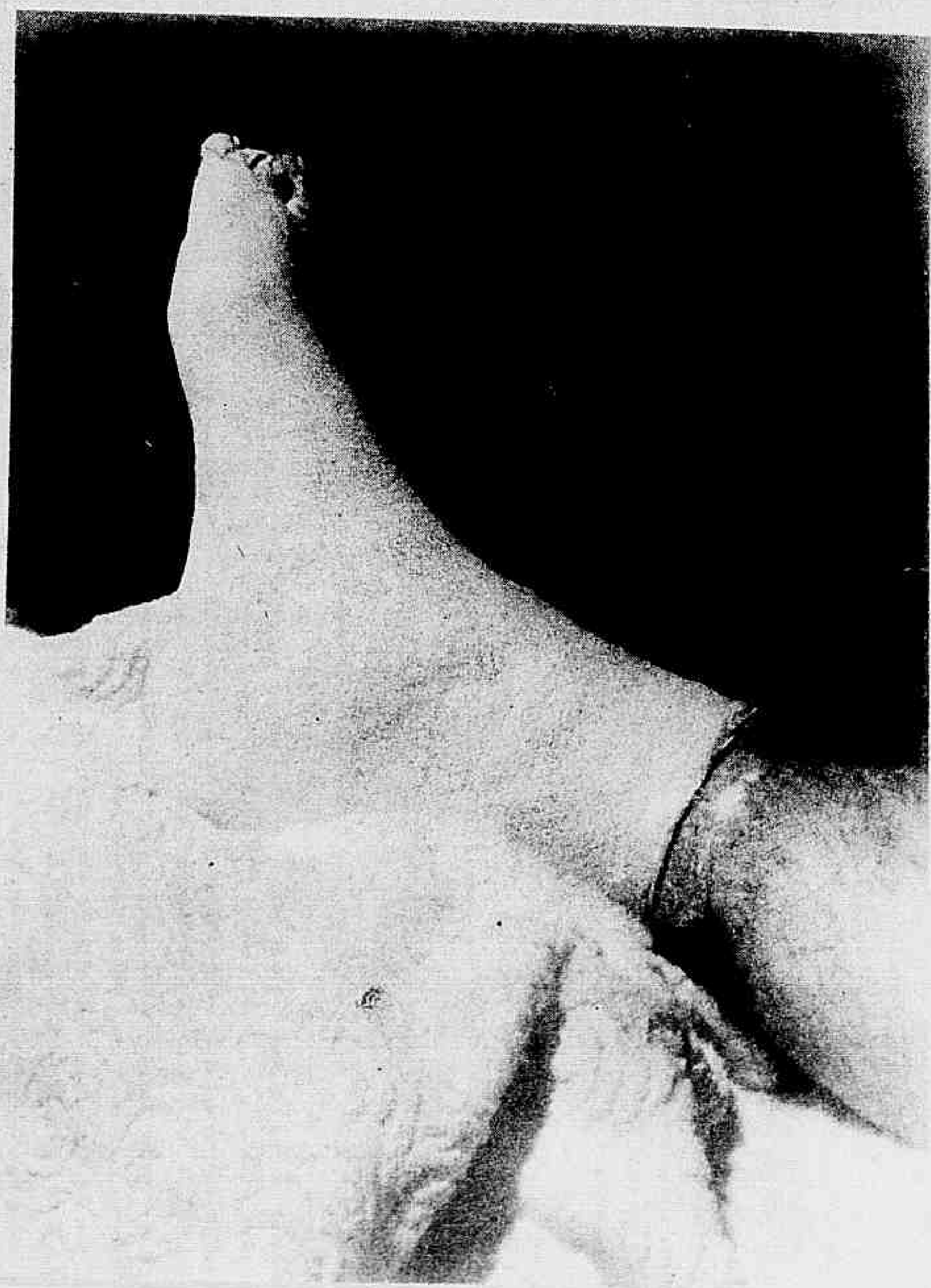
DIDU CAMPOS:
Está sendo chamado de Didu Khan.

Muita gente e pouca animação



Fracassaram totalmente as festas de rua do IV Centenário [illegible] sucesso a comemoração do S. Paulo F.C., em regosijo ao título de campeão de São [illegible]





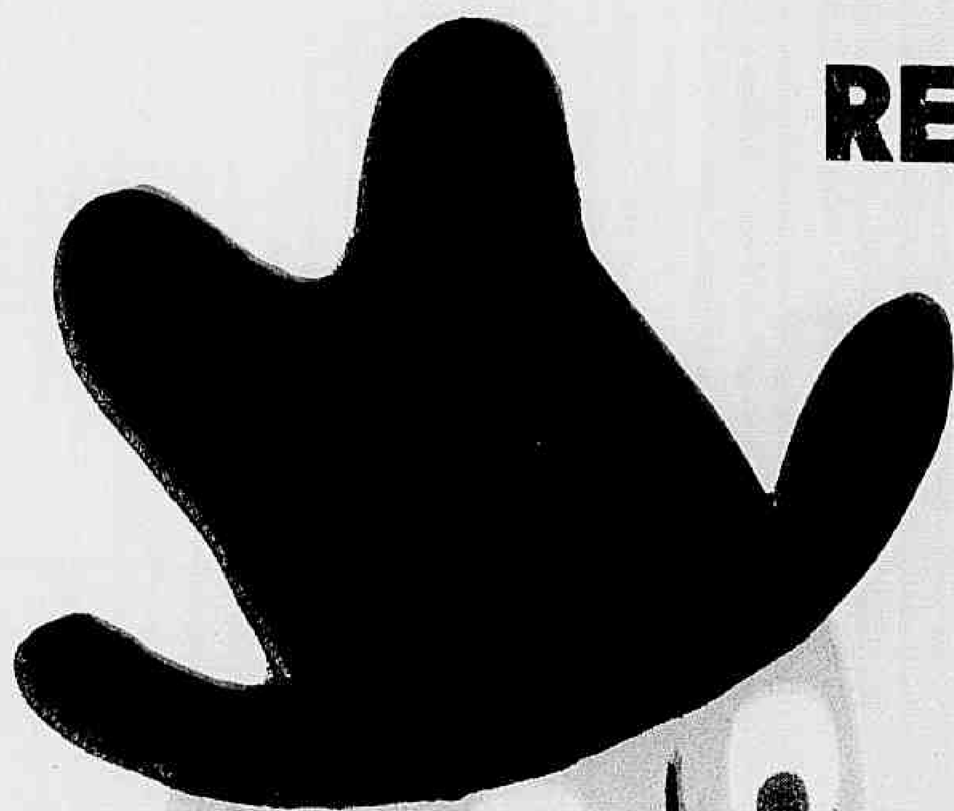
ÚLTIMO FLASH

CASTILHO FORA DO "SCRATCH" — Um dia antes da apresentação dos jogadores requisitados para o selecionado brasileiro à Copa do Mundo, o goleiro titular Castilho, ao tentar colocar uma cortina no banheiro, escorregou e sofreu forte luxação num dos tornozelos. A princípio o acidente parecia de somenos importância, mas depois verificou o médico Paes Barreto, a necessidade do "keeper" tricolor ficar inativo durante trinta dias, ficando, portanto, fora das partidas eliminatórias do certame mundial de futebol. Caso a sua recuperação seja rápida poderá alimentar esperanças de integrar o quadro que irá à Suiça, na hipótese do Brasil classificar-se para o turno final.

★ HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLITICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA ★ ME

★ MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES ★ ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES ★

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO DO MUNDO



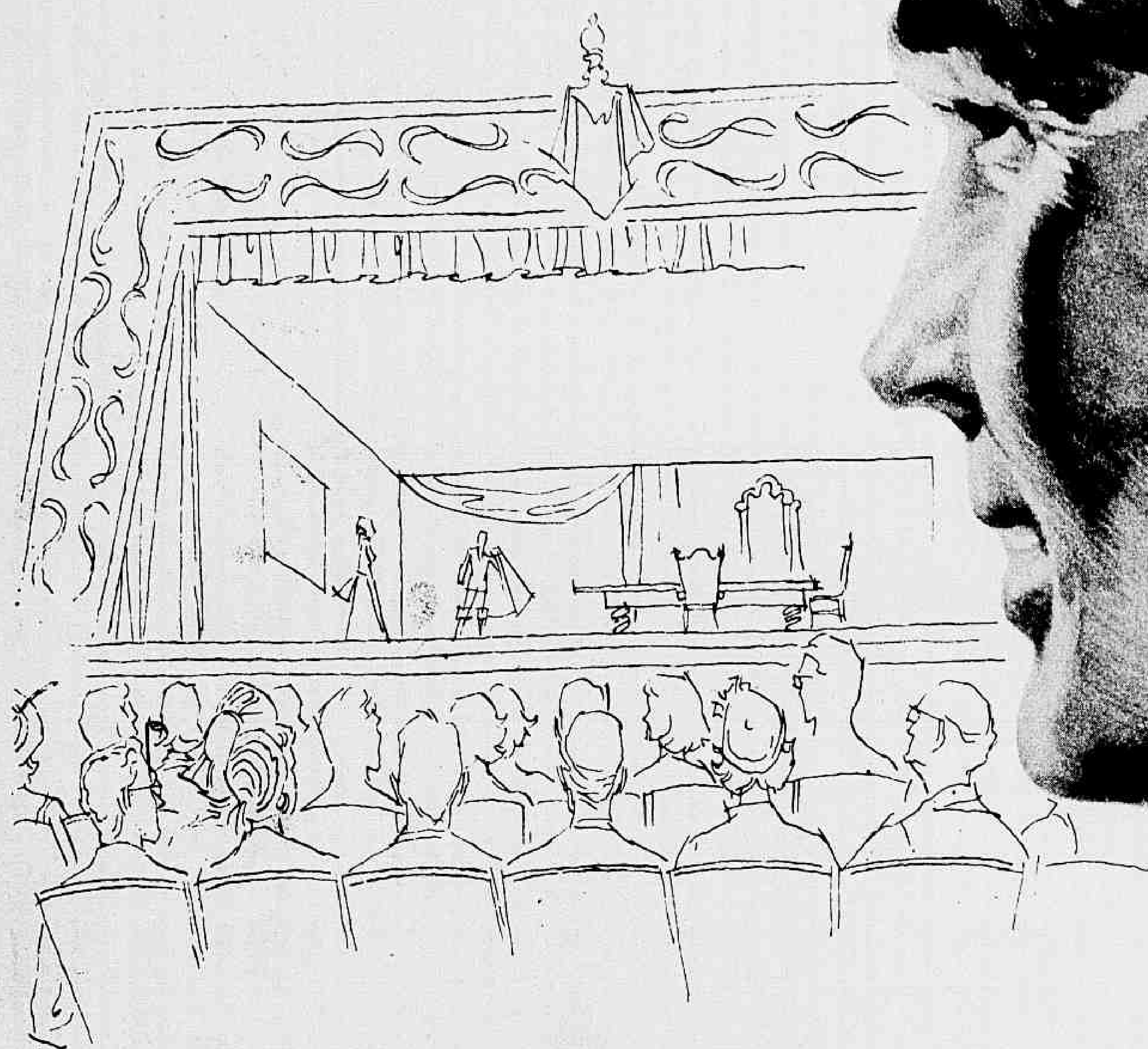


1953

num desfile sensacional e

★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS ★

ASTROLOGIA ★ CIÊNCIA ★ RELIGIÃO ★ POLÍTICA ★ LITERATURA ★ HISTÓRIA ★



Um crítico de teatro...

... é aquêle que distingue entre as peças
a que apresenta mais forte expressão
de bom gôsto. Êsse mesmo senso
de discernimento é que leva
os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.244